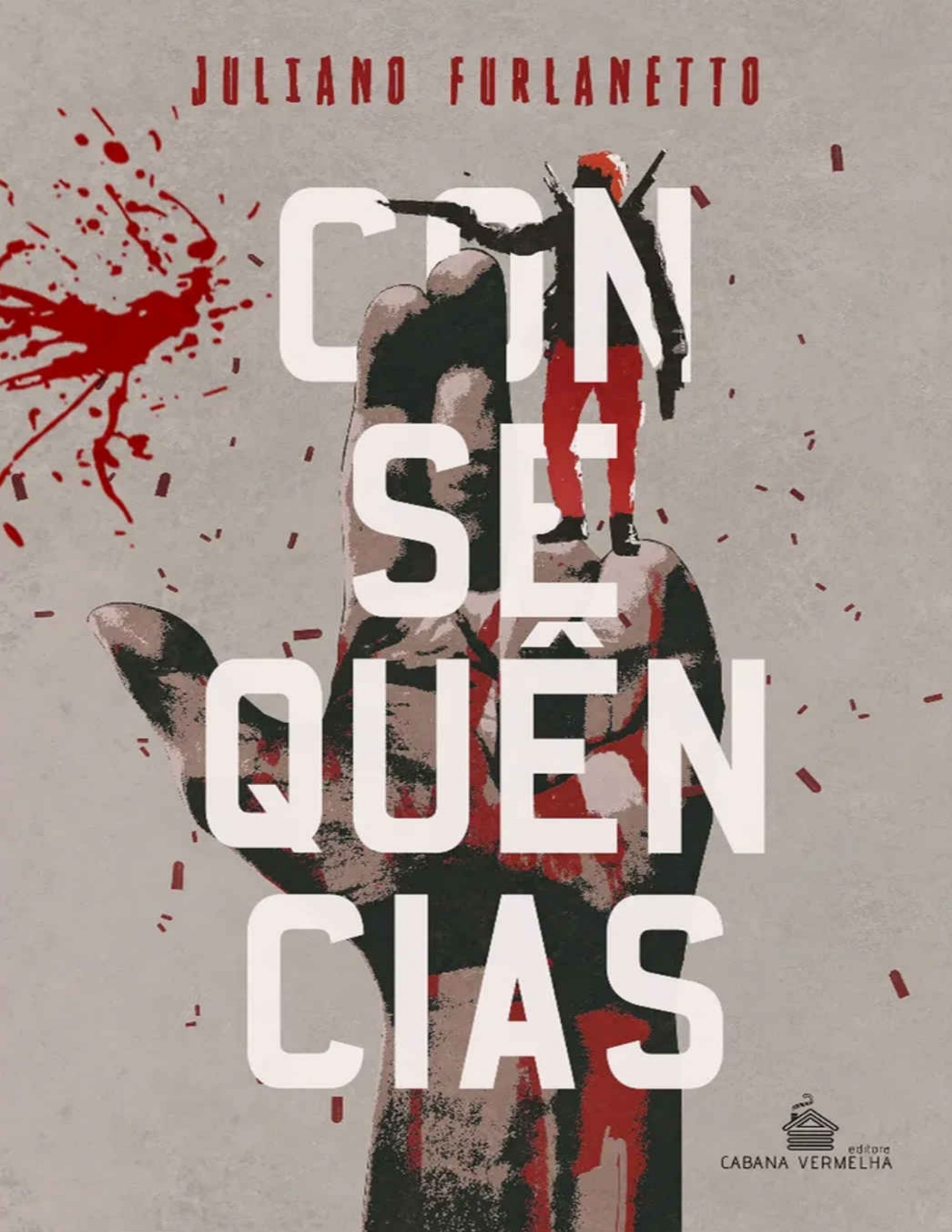


JULIANO FURLANETTO

CON SE QUÊN CIAS



editora
CABANA VERMELHA



JULIANO FURLANETTO

CON SE QUÊN CIAS



Copyright © 2019 JULIANO FURLANETTO;
EDITORA CABANA VERMELHA

Editora Chefe:
ELAINE CARDOSO

Capa e diagramação:
ELAINE CARDOSO

Revisão:
MARI VIEIRA

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência. Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. É proibido o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Indice

[NOTA DO AUTOR](#)

[PRÓLOGO](#)

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)

[CAPÍTULO 22](#)

[CAPÍTULO 23](#)

[CAPÍTULO 24](#)

[CAPÍTULO 25](#)

[CAPÍTULO 26](#)

[CAPÍTULO 27](#)

[CAPÍTULO 28](#)

[CAPÍTULO 29](#)

[CAPÍTULO 30](#)

[CAPÍTULO 31](#)

[CAPÍTULO 32](#)

[CAPÍTULO 33](#)

[**CAPÍTULO 34**](#)

[CAPÍTULO 35](#)

[CAPÍTULO 36](#)

[CAPÍTULO 37](#)

[CAPÍTULO 38](#)

[CAPÍTULO 39](#)

[CAPÍTULO 40](#)

[CAPÍTULO 41](#)

[CAPÍTULO 42](#)

[CAPÍTULO 43](#)

[CAPÍTULO 44](#)

[CAPÍTULO 45](#)

[CAPÍTULO 46](#)

[CAPÍTULO 47](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre o autor](#)

NOTA DO AUTOR

A arte imita a vida ou a vida imita a arte? Talvez a resposta para essa pergunta seja irrelevante, pois independente de quem imita quem, no fim da história a vida e a arte são constituídas por pessoas reais, que vivem e fazem. No fim toda a arte acaba sendo um reflexo de algo que ocorre em nossas vidas, portanto não existe imitação e sim combinação, a vida e a arte sempre estiveram juntas e nunca se imitando, é como nos olharmos em um espelho que nada mais é do que nosso próprio reflexo.

Nossa sociedade passa por diversos problemas e atribuições de origens diversas, esperamos mocinhos chegando em cavalos brancos e falando coisas bonitas e afetuosas – não que isso seja errado, muito pelo contrário, é até bem legal – mas na vida real, muitas vezes o mocinho da história é uma pessoa comum, com vários defeitos e falhas.

Alguém real, como muitos de nós que deixaram de lado a utópica ideia de que nossa sociedade algum dia irá melhorar e as coisas irão funcionar como em uma perfeita engrenagem. Seres humanos são o que são, e tudo o que nos resta é ter fé de que existirá uma melhora nos próximos anos. Cresci com meu pai me mostrando músicas que diziam *que “é preciso amar as pessoas como se não houvesse amanhã”* e, sigo tentando acreditar nisso.

O tempo passa e as coisas mudam, se é pra melhor ou pior não cabe a mim decidir, tudo o que faço é aceitar que as coisas nem sempre são bonitas como gostaríamos que fossem, e nem sempre estamos de acordo com tudo o que vemos, e até mesmo – algumas vezes – entramos em desacordo com nós mesmos e nossas atitudes e isso não é errado, apenas prova que somos seres humanos passíveis de erros e que temos consciência de quando fazemos algo errado.

Neste contexto há anos, em uma época que ainda não escrevia, apenas lia avidamente livros de mistério que me fascinavam, surgiu em minha cabeça um personagem arrogante, sarcástico, preconceituoso, mas que no fundo ainda desejava que as coisas dessem certo e a justiça prevalecesse, o Davi.

Assim surgiu Davi, um perdedor nato que com humor ácido, atitudes politicamente incorretas unidas a um temperamento explosivo que não lhe ajuda em nada, apenas o afunda em seus próprios problemas e devaneios. Ele segue sua vida de forma pacata e sem expectativas, até se ver envolvido em um mistério que passo a passo ele descobre ser muito maior.

Quando escrevi sabia que muitos odiariam ver um *herói* tão incorreto, mas,

em contrapartida, muitos iriam gostar de ver que um homem normal e errático também pode ser o mocinho da história. Em um misto de sentimentos e atitudes ambíguas se formou este personagem que terá uma relação de tapas e beijos com os leitores.

Consequências foi meu primeiro livro, e talvez seja inédito justamente por ser do gênero policial e não horror. O que você tem em mãos é a ideia de um garoto que aos vinte e poucos anos aspirava a ser um escritor e conquistar o mundo com suas narrativas, e que o homem atual segue acreditando nesse sonho depois de dado o primeiro passo.

Então nestas páginas, além de uma história você tem em mãos o pequeno pedaço de um sonho, que pode não agradar a todos, mas com certeza fará sentido para alguns. Essa individualidade é uma das coisas mais incríveis da literatura, que deve ser valorizada pela sua singularidade.

A singularidade de emoções que um livro – um sonho – causa nas pessoas é algo único, então sente-se, relaxe e divirta-se. Aproveite da melhor forma que puder, e depois me conte o que achou da jornada do Davi.

Juliano Furlanetto

PRÓLOGO

Bem, um início nem sempre precisa ser belo.

Poderia apresentar-me de diversas formas, e até mesmo romancear a meu respeito, contar algumas mentiras pequenas, aquelas bem pequenas, que não magoam — contudo, não existem mentiras que não magoam —, de como sou um sujeito calmo e paciente, simpático e delicado, um verdadeiro cavalheiro.

Entretanto, sempre fui um apreciador nato da verdade e, por incrível que pareça, esse pode ser um dos meus maiores defeitos: em um mundo hipócrita, optar sempre pela verdade.

Desde criança, costumava gostar da brincadeira; verdade ou consequência, mas descobri que quando crescemos passamos a odiá-la, pois independente de qual for a sua verdade, ela sempre irá gerar alguma consequência.

Baseado nisso, posso começar com uma lista dos meus erros:

Entrei para a polícia;

Tornei-me investigador;

Fui expulso, e;

Tornei-me detetive.

Meu dinheiro mal paga as contas, e aquela fantasia infantil de perseguições, prisões, tiros e ação, geralmente acaba antes do fim do mês, juntamente com o bolso vazio e o tempo que vai passando sem maiores surpresas. Decididamente, a maior parte da minha vida se resume a fotografias de traição e madames dramáticas querendo respostas para questões que são, em grande parte, supérfluas.

Honestamente, sei que não tenho tantos dons, e talvez os dois principais sejam o de irritar pessoas e o de observá-las. Não vejo o sarcasmo como algo ruim, e creio que ele diferencia os inteligentes dos *idiotas* — ou, como costume dizer, de 99% das pessoas —, mas, normalmente, estas são outras “qualidades” que não são bem aceitas.

Sempre fui um apreciador das mulheres, mas hoje não as valorizo mais. Não me entenda mal, é tudo fruto de um passado ruim, cheio de

relacionamentos que me levaram ao fundo do poço. Depois de cair e levantar diversas vezes, acabamos aprendendo — ou não.

Entenda que o ser humano é essa loucura mesmo, um emaranhado de erros, acertos, lembranças e, no fim, aquela pontinha de esperança de que algum dia tudo vai melhorar. E são as lembranças boas que nos fazem errar novamente, elas conseguem nos mostrar como fomos felizes e nos iludem, fazendo com que tentemos novamente.

Uma nova jornada, um novo caminho e uma nova ilusão que normalmente terminam na estaca zero: lágrimas, alguns sonhos despedaçados e novas cicatrizes.

O tempo apaga muitas coisas, porém cicatrizes são eternas. E nesses ciclos, nós todos seguimos girando, girando e terminando no mesmo lugar, como um cão tentando morder o próprio rabo.

Esta é a vida real, começando e terminando diariamente.

Calma, amigo, não sou uma pessoa totalmente amarga. Nasci feliz, como a maioria de vocês. Tive uma infância bacana, pais amorosos, brinquedos legais, amigos fiéis e amores juvenis avassaladores.

Talvez o problema tenha sido alguns desvios errados no meio do caminho. Poderia me vitimizar e dizer que a vida não foi justa comigo, mas não acredito em destino, apenas em escolhas.

Ao invés daquele *mi-mi-mi* de “*a vida foi dura comigo*”, admito que foram minhas escolhas que me tornaram o que sou hoje. Cabe a mim aceitar e saber que, daqui para frente, são elas que continuarão fazendo parte do meu futuro. E como disse anteriormente, toda verdade gera alguma consequência.

É fácil reclamar das coisas e apontar culpados, difícil é aceitar que somos o que somos, e que a culpa disso é nossa e de mais ninguém. Cada um é dono do seu próprio caminho.

Já acreditei no amor, hoje não mais.

Neste último mês, minha vida realmente saiu dos trilhos, e a lei de *Murphy* foi aplicada de todas as formas possíveis em meu cotidiano.

De qualquer forma, termino aqui dizendo que me chamo Davi Nalito, e este relato é parte da minha história.

CAPÍTULO 1

Eu olhava pela janela do escritório, o dia estava cinzento e monótono, uma típica segunda-feira. Talvez nem existam segundas-feiras boas, mas tudo isso é uma questão de opinião e não vem ao caso no momento.

Movendo os olhos pela sala, concluí que a mobília estava realmente precisando de uma limpeza, o pó cobria a mesa e tudo o que estava nela.

Deixe-me explicar que quando me refiro a tudo, falo de uma mesa de escritório de cor natural, com gavetas de puxadores dourados dando um toque requintado, tentando relembrar tempos melhores. Além da mesa, que era o móvel mais valioso do lugar, uma cadeira com rodinhas — que não combinava em nada com a imponente mesa da sala —, um computador velho e algumas folhas de papel.

Parecia pouco — e realmente era —, mas no momento era o que eu tinha. Com poucos casos, o trabalho estava praticamente parado e, conseqüentemente, minha renda quase zerada.

Fazendo um apanhado geral da situação, a única coisa que sobrava entre as quatro paredes do escritório era o pó e eu.

Se pararmos para pensar, não existia tanta diferença entre nós, eu e o pó. É como a famosa frase que diz que viemos do pó e voltaremos a ele, simples assim, do pó ao pó. Mas não se engane, não foi sempre assim, já tive uma secretária gostosa e um escritório limpo. Luxos que o dinheiro compra, mas muitas vezes a vida tira.

Lá fora, os carros circulavam pelas ruas como uma colônia de formigas seguindo sua rotina nostálgica. Cada um de nós pensa em como somos diferentes, os únicos animais que usam o pensamento consciente e tem a real capacidade de traçar o próprio caminho. O que não conseguimos perceber é que no final somos todos escravos.

Do tempo e do capitalismo.

Por mais estagnada que a sua vida esteja, o tempo não tem dó e não para. Ele segue correndo e o capitalismo corroendo, enquanto nós humildemente lutamos e continuamos nos iludindo de que somos injustiçados quando não existe injustiça, mas a simples natureza humana.

Apesar de as coisas mudarem, mesmo morando em uma selva de pedras, a lei da selva continua valendo: a sobrevivência sempre será dos mais fortes ou, como dizia Darwin, daqueles que souberem se adaptar melhor às mudanças.

Estava imerso em meus pensamentos quando ouvi batidas na porta. Pelo

olho mágico pude ver Diana Fontes, uma mulher alta e magra com todos os espaços preenchidos por silicone e botox. A verdadeira “dondoca”, que contratou meus serviços para ter maiores informações a respeito das “reuniões” de seu marido. Em outros termos, mais uma madame traída. Observei-a calmamente: a linguagem corporal indicava problemas. Mãos na cintura, pé direito inquieto batendo no chão e olhar fixo no olho mágico. Ela sabia que eu a estava espiando.

Com o tempo, também descobri que a traição era o que me fazia pagar as contas, mas mesmo os gráficos estando ao meu favor, as pessoas pareciam não estar. As pesquisas dizem que mais de 70% dos humanos são infiéis, contudo, não via tanta gente assim vir me procurar. Vai ver a maioria não liga, apenas quer chegar em casa à noite, se esparramar no sofá e ver o drama da vida real refletido na tela da televisão. A alienação da massa nos atingindo em cheio.

Creio que algumas pessoas nem se importam de serem traídas, a não ser que sejam dondocas que não trabalham e queiram provas de que o marido está tendo um caso. Com provas físicas em mãos, elas conseguem uma boa quantia em dinheiro para ter segurança e saborear bons SPAS e cirurgias plásticas. Em todo caso, o interesse real nunca é o amor, mas sim o lucro, é o capitalismo dando as caras mais uma vez.

O caso de Diana havia sido concluído na semana anterior, e calculei que aquele dia seria o do acerto. Essa ideia fez com que meu ânimo melhorasse um pouco.

— Olá, Diana — disse, abrindo a porta e esboçando o meu melhor sorriso de segunda-feira.

Ela entrou com passos rápidos e trombou em mim como se eu não existisse. A única coisa que consegui ver em seus olhos cor de caramelo foi raiva, que ela conseguiu expressar em palavras com magnitude.

— Como você conseguiu me enviar estas fotos? — gritou descontrolada.

— Por e-mail — respondi prontamente.

— Muito engraçado, Davi. Você realmente se acha o máximo enviando fotos do meu marido com outra mulher.

— Eficaz seria a palavra certa. Fiz o que fui contratado para fazer.

— Você destrói famílias! Considera isso um trabalho digno?

— Desculpe, Diana, mas você vive às custas do seu marido, isso é considerado trabalho, *hobby* ou talvez um estilo de vida moderno e dinâmico? — respondi asperamente, constatando que, naquele momento, o

pouco de humor que eu tinha já havia acabado.

— Não irei pagar nem um centavo por esta vergonha — ela cuspiu as palavras.

— Tudo bem, mas antes, gostaria que você visse algumas outras fotos.

— Você acha que... — Antes que ela completasse a frase, ergui meu dedo indicador em sinal de silêncio e a interrompi:

— Adianto que não são fotos do seu marido.

Da forma mais dramática que pude, atravessei o pequeno escritório empoeirado e abri a gaveta embaixo da minha mesa. Aprendi algo com o passar do tempo, sempre tenha o ás na manga para o caso de se deparar com pessoas como Diana — que, no meu caso, eram pessoas com as quais me deparava o tempo todo, mais ou menos noventa por cento de meus clientes.

Dentro da gaveta, um envelope de papel pardo esperava pela sua entrada triunfal. Entreguei-o para Diana, que prontamente o abriu e retirou algumas fotos. Suas mãos tremeram e seus olhos, antes firmes, agora se mostravam cheios de lágrimas; a boca se contorceu e ela largou tudo no chão. Com todas as forças que ainda lhe restavam, tentou manter a compostura.

— Mas o que é isso?! — exclamou, porém, sua voz não saiu tão firme quanto ela esperava.

— Em poucas palavras, são fotos suas e do seu jardineiro em um momento, digamos, *caliente*. — Não pude deixar de dar um sorriso de vitória. Só esboçamos um destes no final das batalhas, quando já temos absoluta certeza de ter vencido.

— Eu lhe paguei para investigar meu marido e não a mim.

— As palavras *eu* e *paguei* na mesma frase não ficam muito boas vindo de você. Mas explicando, eu sempre faço uma rápida investigação dos meus clientes, apenas para saber quem está me contratando. Hoje em dia, cautela nunca é demais.

— Seu *canalha*! — gritou. Sem tentar disfarçar, agora ela chorava.

— O negócio é o seguinte, Diana, tenho cópias dessas fotos com meu assistente, e caso eu não receba pelos meus serviços, seu marido ficará sabendo do seu pequeno — abri aspas com os dedos — “segredinho”. — Apesar da idade, ainda conseguia me admirar com minha criatividade. Assistente, cópias de fotos... realmente esperava que ela acreditasse nisso.

— Tudo bem, eu vou pagar, mas antes, quero deixar bem claro que isso não ficará assim.

— O que eu acho mais incrível nas pessoas ricas é essa arrogância

inesgotável. Independentemente da situação, ainda acreditam estar em vantagem para protestar. Entenda, você não está em condições de me ameaçar. Tudo o que você pode fazer é me pagar e ir embora, ou não me pagar e arcar com as consequências. Suas escolhas são simples.

Diana abriu uma bolsa tigrada, que provavelmente valia o equivalente a meses do meu aluguel. Tirou de dentro dela uma carteira, também tigrada, que provavelmente valia mais do que meu escritório inteiro. De dentro da carteira tirou várias “onças” com o número 50 estampado nelas. Tigres e onças, uma verdadeira floresta amazônica em poucos centímetros quadrados.

Isso me fez sorrir, era o sinal de que eu conseguiria manter meu escritório por, pelo menos, mais um mês. Pude ver o fogo em seus olhos quando atirou aquelas notas sobre a mesa.

Depois de derrotada, não restava mais nada a fazer a não ser colocar o rabinho entre as pernas e sair. Com passos largos e a vaidade ferida, Diana se foi sem olhar para trás.

Toda a cena me fez voltar ao pensamento de que uma das coisas mais interessantes é a de que as pessoas sempre querem saber a verdade sobre os outros. E o motivo disso é não conseguirem suportar suas próprias verdades.

De qualquer modo, precisava ficar de olhos abertos. Madames com o ego ferido podem ser um problema.

CAPÍTULO 2

A manhã seguiu lentamente; nenhum telefonema trazendo novos trabalhos. Em minha sala apenas silêncio, e lá fora, todos os sons da cidade, que fervilhava no caos constante. Pelo menos as contas do mês estavam garantidas com a quantia paga por Diana. O encontro não saiu conforme o esperado, mas no fim das contas, o resultado foi positivo. Meu mau humor deu uma amenizada, juntamente com a pose e a arrogância dela. Como diz a antiga e eterna matemática: menos com menos dá mais.

O telefone vibrou em meu bolso e dei um pulo na cadeira. Uma fagulha de ânimo se acendeu: enfim um pouco de movimentação. Talvez algum cliente, um caso interessante, ou apenas... Marcos me chamando para almoçar.

Além de ter me ajudado em diversos casos, ele era meu melhor — e talvez um dos únicos — amigo. Um taxista que estava sempre na rua, conhecia a maioria dos malandros, e sempre dava um jeito de conseguir algumas informações necessárias para casos decorrentes.

A vida tem desses imprevistos engraçados que algumas vezes cruzam nossas rotas de formas inesperadas, e foi exatamente o nosso caso. Marcos e eu nos conhecemos em meio a um assalto, não que este seja o modo mais legal ou comum de conhecer alguém, mas nada é muito normal na minha vida.

Eu andava pela rua, os ponteiros do relógio indicavam 18h de um dia frio de inverno, já escurecia e as pessoas buscavam ambientes quentes e aconchegantes, ou qualquer lugar coberto e livre do vento cortante. Andando encolhido, tentando escapar das rajadas geladas que me atingiam, vi um táxi parado no meio de um beco.

Eu estava atrasado e o táxi pareceu ter caído do céu. Em uma maré de má sorte, encontrar aquele carro bem no momento em que eu precisava, foi quase como ganhar na loteria. Até eu me aproximar. Chegando mais perto, percebi um assalto em andamento, e lá se foi aquele pouco de sorte que eu achava ter encontrado.

Passo a passo andei em direção ao táxi, e aos poucos reconheci o assaltante. Era um “trombadinha” que trabalhava para Lúcio Salin — um traficante de meninas e drogas bastante conhecido. Um cara barra pesada, daqueles que, pelo simples fato de olhar em seus olhos, faz com que você sinta calafrios.

Já havia algum tempo que eu investigava Lúcio, porém ele agia

clandestinamente e de forma limpa e perfeita. Sabíamos o que ele fazia, mas ele nunca deixava rastros e nem estava nos locais onde ocorriam as trocas e vendas. Seus capangas faziam o trabalho sujo por alguns trocados, enquanto ele administrava os lucros e gozava de uma vida milionária e ilegal. Era praticamente um político.

Lúcio tinha dois homens de confiança, que também eram seus guarda-costas, Alceu e Mauro, trogloditas de quase dois metros de altura e mais de cem quilos. Em outras palavras: cérebros mínimos e músculos máximos. Eles faziam a maior parte do trabalho sujo, e acredite quando digo que você não gostaria de ser um dos “brinquedinhos” desses dois. Além de serem conhecidos por serem capangas de Lúcio, ainda tinham a fama de torturar suas vítimas antes de matá-las. Uma dupla um tanto “simpática”.

Voltando à cena: o assaltante estava tão concentrado apontando a arma para a cabeça do taxista e gritando alguma frase criativa do tipo “passa toda a grana”, que nem me viu chegando. Entre gritos e toda a adrenalina do assalto, ele não percebeu quando fui aproximando-me e parei bem atrás dele. Já ouviu falar que é covardia atacar seu adversário pelas costas? Esqueça isso. Na rua vale de tudo para ficar vivo, além do mais, também acho covardia apontar uma arma para a cabeça de um homem desarmado. Nesse caso, ficamos empatados; covardia por covardia, eu prefiro a que salva ao invés da que tira vidas.

Com um golpe seco, empurrei a cabeça dele em direção ao carro. Um baque alto e um gemido de dor: ele bateu no carro e deixou a arma cair. Sorri com minha precisão; no fim das contas, o treinamento para a polícia havia servido para alguma coisa.

Com as duas mãos no rosto, ele cambaleou para trás. Acompanhei o movimento e calcei minha perna atrás dos seus calcanhares. Mais um baque e o *trombadinha* foi direto ao chão. Do concreto gelado ele me olhou incrédulo, e eu pude ler seus pensamentos: há cinco segundos ele tinha a situação sob controle, e agora era apenas um homem — ou talvez um menino, não dava para saber ao certo — caído no chão com os olhos arregalados e o nariz sangrando.

— Me... me desculpe, senhor — disse ele, com lágrimas nos olhos. Não sei se aquilo era medo, ou se pelo fato do seu nariz ter se chocado contra o teto de um carro. De qualquer modo, não tinha sensibilidade suficiente para sentir pena, ainda mais de bandidos.

— Desculpe eu, amigo, chegar de uma forma tão indelicada e bater seu

nariz no carro. Até me sinto mal por isso. — O taxista me lançou um olhar de dúvida, e eu o tranquilizei com uma piscada de olho. Sorte ele não ser uma mulher, não sei se alguma resistiria a minha piscada de olho.

— Eu... eu não queria machucar ninguém, queria apenas uns trocados *pra* comprar comida — choramingou o assaltante.

— Comprar comida? Ok, então acho que você já pode se levantar e ir embora. Só lhe ataquei porque pensei que fosse um assalto e que você iria comprar drogas. Cada vez me chateio mais com minha ingenuidade, vejo um assalto e vou logo pensando em drogas. Peço desculpas e, por favor, não me processe por racismo, afinal isso não deixa de ser uma forma de racismo. Quem sou eu *pra* julgar alguém só pela aparência?

— Eu não estou entendendo... Posso mesmo ir?

Neste momento você descobre que eles abandonaram a escola para vender drogas, não é possível uma pessoa que teve algum tipo de ensino ser tão *idiota* a ponto de não entender uma piada. Admito que muitas vezes minhas piadas vêm fora de hora, mas tenho fé que algum dia, talvez quando eu atingir a maturidade, irei parar com isso.

— Vamos, levante-se, vire de costas e sem mais um pio.

— Mas, o senhor falou...

— Para você tirar essa bunda do chão e virar de costas! Sei colocar as algemas de duas formas. Na primeira, seus pulsos ficarão apenas presos, na segunda estarão tão apertados que suas mãos ficarão azuis e dormentes. — Ele optou pela primeira; no fim, não era tão burro assim.

Pelo rádio chamei a polícia, e enquanto isso aguardamos, eu, Marcos e o *trombadinha*.

Tive uma surpresa quando Marcos desceu do carro, muito alto, muito grande — talvez não musculoso, mas grande —, ossos largos e olhos de quem já passou por muita coisa na vida. Seu olhar transmitia aquela sinceridade que apenas boas pessoas têm, de quem sabe de onde vem o dinheiro e o quanto ele faz falta quando passamos por necessidades.

— Muita sorte dele tu ter chegado antes, eu não ia ser tão bonzinho. — Uma carranca se formava em sua testa. Não distingui se aquilo era raiva ou não, sua voz estava serena, apesar da situação.

— Eu sou assim, um cavalheiro, até mesmo com bandidos.

— E qual é o nome do piadista?

— Davi, mas pode me chamar de *Zorro*. Adoro proteger os fracos e oprimidos. — Enfim Marcos sorriu, estendeu-me a mão e, com um aperto

firme, apresentou-se. Um aperto de mãos que selou uma amizade. Um aperto forte e sincero, de quem estava realmente grato e pronto para retribuir o favor.

Este foi o dia em que o conheci, e desde então nos tornamos quase irmãos. Nossa amizade era tipo um casamento, nas horas boas e ruins, mas sem traições.

O tempo passou e descobri que Marcos daria sua vida por mim, assim como eu daria a minha por ele. O triste é que muitos passam toda a vida sem ter um amigo assim.

Existem pessoas que com apenas um olhar conseguem nos mostrar que merecem tudo o que podemos oferecer. Hoje entendo quando alguém diz que amigos de verdade podem ser contados nos dedos das mãos. No meu caso, bastariam apenas os de uma.

Lúcio Salin estava preso graças a algumas informações que Marcos havia me passado. Na rua ele se fazia de desentendido, conversando com moleques bobos e conseguindo informações, e foi dessa forma, depois de algum tempo e muita dedicação, que conseguimos nos infiltrar e fazer com que ele participasse de uma transação de meninas menores de idade. O valor dessa transação foi muito maior do que as outras, pois as meninas foram escolhidas a dedo por ele.

Todo homem tem defeitos, e às vezes são esses defeitos que fazem com que seu império todo desmorone. Lúcio, e todos os homens com seu status e poder, têm um grande problema chamado ego. Para pegá-los, basta mexer com sua vaidade.

CAPÍTULO 3

Outubro de 2010

— É simples, Ana, fechamos o acordo, apertamos a mão de Lúcio e o reforço chega quebrando tudo.

— Sempre parece fácil quando falamos. Já estamos em negociação há mais de três meses, Davi, ele é muito cauteloso. Só espero que ele realmente esteja lá hoje à noite.

— E você acha que alguém resistiria a um casal de pedófilos com o sonho de ter pequenas escravas sexuais em casa? Psicopatas adoram outros psicopatas, e quanto mais perversa for a fantasia, maior a chance de sucesso.

— Você está confiante demais, Davi, pode me dizer o porquê? — Ana perguntou com ar desconfiado.

— É simples, homens como Lúcio não gostam de ser desafiados, e odeiam quando alguém duvida da qualidade do seu produto. Homens com o poder que ele tem não chegaram até o topo do dia pra noite, e ter sua credibilidade posta em jogo é o mesmo que cuspir em sua cara. Ele estará lá.

Coloquei as escutas invisíveis — que não eram realmente invisíveis — grudadas com fita em meu peito e minha arma em um coldre adaptado preso ao meu tornozelo direito. Se por acaso a situação saísse de controle, preferia que encontrassem escutas em mim do que em minha parceira. Sei que se encontrassem qualquer coisa que parecesse suspeita em um de nós o resultado seria o mesmo: dois corpos sendo retirados de lá dentro de sacos pretos. Mas estar com as escutas me dava a ilusão de estar assumindo a responsabilidade e protegendo Ana.

A mente humana é engraçada, mesmo sabendo que estamos nos enganando, aceitamos numa boa.

Enfim, saímos para uma noite propícia para o acontecimento, sem lua, escura, fria e chuvosa. O céu estava carregado e o clima dentro do carro era pesado. Uma equipe tática esperava a uma quadra de distância do local combinado para o encontro.

Antes de chegarmos, testamos as escutas: tudo estava certo, todos estavam em seus respectivos lugares — pelo menos as pessoas que podíamos controlar. O problema maior era Lúcio e seus capangas, que eram instáveis e incontroláveis. Agora era torcer para que tudo corresse bem e conseguíssemos sair de lá com vida.

Chegamos ao local combinado; a chuva caía em bicas quando descemos

do carro. Duas picapes estavam estacionadas nos aguardando. Demos os primeiros passos em direção a elas e os faróis se acenderam, nos cegando. Cobri os olhos com o antebraço — não conseguia ver nada — e percebi que Ana fazia o mesmo. Ouvimos o rangido das portas sendo abertas e só então os faróis diminuíram para meia-luz, devolvendo-nos a visão.

Dois homens enormes, de terno, desceram e vieram em nossa direção. Eram Alceu e Mauro, os capangas de confiança e guarda-costas de Lúcio. Sem dizer nada, começaram a nos revistar.

— Opa, amigo, sem beijo e nem carinho? Já chega assim, agarrando mesmo? — comentei sarcasticamente, tentando distraí-lo para que não encontrasse a arma em meu tornozelo. Por sorte essas revistas normalmente passam apenas pela cintura e pelas bolas, as quais levaram um apertão mais forte pela brincadeira.

Ana também não pareceu à vontade, mas com as revistas já feitas, passamos do primeiro passo.

Mauro virou para a caminhonete e fez um sinal de positivo com a mão. Um homem um pouco menor desembarcou, abriu um guarda-chuva e se dirigiu para a porta do carona, abrindo-a e permitindo que mais um homem descesse.

Diferente dos outros, ele era alto e magro, cabelo grisalho penteado pra trás e olhos azuis penetrantes. Caminhava lentamente em nossa direção, e mesmo sem conseguir enxergar direito devido à chuva que fustigava os nossos rostos, não restavam dúvidas de que aquele era Lúcio: ele realmente tinha vindo ao nosso encontro. Quando se aproximou o bastante para que pudéssemos conversar, meu queixo já estava batendo e eu estava ensopado, a chuva não dava sinal de trégua. Tudo que eu precisava fazer era conduzir um diálogo onde ele confessasse o tráfico de meninas.

— Pois bem, então esse é o casal que quer negociar comigo? — disse Lúcio, com um sorriso confiante no rosto.

— Sim, senhor, é um prazer conhecê-lo enfim. Esta é minha esposa, Estéfani — Ana estendeu a mão, cumprimentando-o. — Se me permite dizer, ela está mais interessada nas meninas do que eu. — Dirigi-lhe um sorriso sarcástico.

— Então não estavam confiantes da qualidade do meu produto? Minha palavra não bastou para vocês? Não cheguei onde estou vendendo mercadoria falsa, tudo o que ofereço é de qualidade comprovada. Alguns dos meus homens mais criteriosos, e às vezes até mesmo eu, experimentam a

mercadoria. Se é que me entendem — falou, devolvendo o sorriso.

Meu coração batia mais rápido, era uma mistura de adrenalina e raiva. Por pouco, consegui controlar minha vontade de arrancar o sorriso escroto daquele pedófilo de merda. Respirei fundo e procurei me acalmar, ainda não era a hora.

Lúcio fez um sinal, e só então consegui perceber que havia uma terceira picape escondida nas sombras — nesse momento, uma noite de escuridão quase total, é que percebemos o quanto faz falta a claridade da lua.

Da picape desceu mais um homem e duas meninas. Elas estavam cabisbaixas, e eram empurradas como se fossem pequenos animais pelo homem que as trazia. Minha raiva era tamanha, que cerrei os punhos a ponto de sentir o sangue se acumulando sob minhas unhas.

Conforme se aproximavam, percebi que as meninas não deviam ter mais do que dezesseis anos. Olhei para Ana, que também tinha os olhos fixos nas meninas e engolia em seco. Nosso disfarce estava por um fio, nenhum de nós tinha tanto sangue frio.

— E então, elas são ou não são umas belezinhas? — perguntou Lúcio, ainda sorrindo.

— Quero vê-las mais de perto — respondi, abaixando-me.

Lúcio abriu espaço e deixou que elas passassem.

— Comportem-se, meninas, estes serão seus novos papais.

Jamais vou esquecer o olhar de pânico daquelas garotas. Cabeças baixas, lágrimas nos olhos. Maquiadas como mulheres adultas, porém apenas crianças assustadas.

Ana estava abaixada ao meu lado; olhei para ela e vi seus olhos cheios de lágrimas também. Não dava mais para fingir, a hora da verdade havia chegado.

Ainda abaixado virei de lado, conseguindo ficar de frente para Ana e deixando as duas meninas entre nós. Ana percebeu em meu olhar que eu estava prestes a fazer algo.

— Corram! — cochichei para as duas meninas, empurrando-as para trás de mim. — E não parem até estarem bem escondidas!

Quando elas começaram a correr, em um movimento único, caí no chão e saquei minha arma, apontando direto para Lúcio. Ele deu um passo para trás, e antes que eu pudesse atirar, Alceu se interpôs entre minha arma e o chefe. Atirei. O tiro acertou em cheio na rótula do joelho de Alceu, que com um grito desabou no chão.

Levantei-me e vi que Mauro tinha Ana engravatada em seus braços e uma arma apontada para a sua cabeça.

— Quietinho aí, meu amigo, ou sua donzela já era — esbravejou ele. — Solta essa arma, agora!

Sem escolha, larguei a arma. Uma coisa era bancar herói com a minha vida, mas com a vida da minha parceira era diferente, preferi não arriscar. De relance, vi que Lúcio já corria em direção ao carro junto com os dois homens que sobravam.

Eu não sabia o que fazer, várias coisas aconteciam ao mesmo tempo:

Alceu gemia no chão;

Mauro continuava segurando uma arma apontada para a cabeça de Ana;

Lúcio entrava na picape;

A chuva cegava e atrapalhava tudo.

Tudo aconteceu em um segundo. Um estouro alto soou da esquina atrás de mim, Mauro caiu e Ana rolou para o lado. O carro acelerou, derrapando e soltando fumaça pelo asfalto molhado. Recolhi minha arma e corri em direção a eles.

Em meio à confusão, esqueci completamente de Alceu, que agarrou minha perna na passagem, derrubando-me no meio da rua. Caí e perdi minha arma novamente.

A picape vinha em minha direção em alta velocidade; Alceu já tinha escalado até o meu joelho e eu não conseguia me mexer, estava prestes a ser decapitado quando ouvi um segundo disparo.

O pneu dianteiro da caminhonete estourou, fazendo-a sair da rota e passar a centímetros da minha cabeça. Ouvi o baque quando bateu em cheio em um poste. Alceu se distraiu com todo o movimento e diminuiu a pressão em minha perna, aproveitei a oportunidade para chutá-lo com força no rosto com a perna livre. Ele ainda tentou me segurar, mas chutei novamente e ele apagou.

Levantei e vi meus colegas que estavam a um quarteirão dali aproximando-se do carro batido. Notei que o primeiro tiro, que matou Mauro, veio de alguém do grupo, mas o que salvou minha vida saiu diretamente da arma de Ana. Quando Mauro caiu morto, ela pegou sua arma e, quase por um milagre, conseguiu acertar o pneu da picape em movimento.

Lúcio tentava fugir, ainda cambaleante do acidente, enquanto nosso grupo de policiais estava chegando. Não houve resistência, nem dele e nem dos homens que o acompanhavam. Lúcio era esperto, sabia que a situação havia

saído de controle e que ele não tinha para onde fugir. Um dos seus homens de confiança estava morto e o outro desmaiado, baleado, e provavelmente manco pelo resto da vida.

Uma ambulância já estava chegando ao local, e até mesmo a chuva parecia estar acalmando um pouco. Percebi um movimento em uma parte escura da rua, atrás de uma lixeira. Caminhei passo a passo até lá e o que vi me cortou o coração: as duas meninas abraçadas, tremendo de frio e chorando escondidas atrás da caçamba.

Consegui acalmá-las e as levei até a ambulância para que fossem tomadas as providências necessárias. Depois de cuidadas, descobriríamos suas identidades, e com certeza suas famílias ficariam eternamente gratas por terem suas meninas de volta. O trauma jamais seria apagado, porém elas foram salvas antes do pior, quando muitas não puderam ter essa sorte.

Eu tinha total consciência de que jamais conseguiríamos salvar o mundo, mas ajudando uma pessoa de cada vez, talvez conseguíssemos deixá-lo um pouco melhor. E isso às vezes já basta.

No final, apenas abracei Ana, agradei por ser minha parceira e salvar minha vida. Eu ainda não sabia, mas aquela seria minha última noite como policial.

CAPÍTULO 4

“Almoço ao meio-dia no lugar de sempre.”.

Esta era a mensagem que Marcos havia mandado. Já se passavam das 11h20; tentei me apressar, precisava sair rápido, pois já estava começando a hora do *rush*. Tive o cuidado de guardar o dinheiro de Diana dentro da carteira — com toda a sorte que a vida estava proporcionando-me, se eu deixasse o dinheiro em meu escritório, poderia voltar e ele ter sumido.

Antes de sair, dei mais uma olhada pelo lugar. Uma mesa, uma cadeira, um velho computador e o pó. O pó já se tornara parte da decoração. Na melhor das hipóteses, podemos chamar o lugar de rústico, ou se preferir, chame de sujo mesmo. Eu prefiro manter o nome rústico, dá um ar de importância.

Chamei o elevador. Com o dedo é claro, não pense que parei na porta gritando a plenos pulmões. A porta se abriu, e a primeira coisa que vi foi meu reflexo no espelho: nada agradável. Olhar cansado, cabelo despenteado, barba por fazer e roupa amassada. A roupa era a mesma do dia anterior, a cara e o cabelo também, porém um pouco piores.

O reflexo muitas vezes nos mostra muito mais do que deveria. Ele nos assusta, afinal basta um olhar de poucos segundos para percebermos que o tempo passa rápido demais. Segundos são transformados em anos em apenas um reflexo, por isso odeio espelhos.

Na rua, o movimento aumentava a cada passo que eu dava; infelizmente não conseguiria me livrar do *rush*. Andei até o meu carro, um Ford Focus preto 2001. Como podem ver, não dou muita bola para essa coisa de status e carro do ano — sorte a minha, visto que, com o dinheiro que tinha, seria complicado ter um carro melhor —, tenho em mente aquela ideia clichê, mas real, de que os objetos, assim como o carro, existem para nos servir, e não o contrário.

Mais ou menos quatro minutos — e vários acenos de positivo com a mão — depois, consegui sair do lugar onde havia estacionado, espantado com o quanto as pessoas são gentis hoje em dia. Lentamente fui trafegando até o meu destino, enquanto a rádio tocava a música *All Star* e Nando Reis se perguntava como ainda não tinha o endereço do seu amor.

— Me liga, Nando, eu sou detetive, aposto que consigo o endereço fácil pra você — falei e ri sozinho.

É engraçado se pegar falando com o rádio do carro — ou com qualquer objeto inanimado —, é o mesmo que dar boa noite ao apresentador de um

jornal televisivo. A solidão também é engraçada, e se pararmos para analisar, normalmente ela se mostra nos pequenos atos.

Os minutos no trânsito são intermináveis, não conheço alguém que discorde disso. Demorei cerca de vinte minutos para percorrer dez quilômetros. Teria chegado pontualmente não fosse o adicional de mais dez minutos buscando uma vaga de estacionamento.

As primeiras gotas de chuva começavam a cair e as pessoas apressavam o passo nas calçadas, mas procurei manter o ritmo até chegar ao meu destino, um pequeno restaurante chamado *Italian*, onde eu e Marcos nos encontrávamos casualmente para almoçar, jantar, ou apenas beber uma cerveja.

Abri as portas de vidro e entrei.

A primeira impressão do lugar, admito não ser das melhores, mas acredite, depois de um tempo você se acostuma e passa a gostar. Mesas com toalhas xadrez, cheiro de fritura no ar, e o detalhe das paredes beges — que outrora já foram brancas.

O tempo deixa marcas em tudo que toca: ruas, paredes, paisagens e, infelizmente, nas pessoas também, e estas são as piores. Paredes, depois de limpas, podem voltar à sua cor natural, ruas consertadas deixam de ser um problema, mas as pessoas jamais esquecem as marcas que o tempo deixa, e independentemente de quantos dias ou anos passem, algumas marcas jamais serão apagadas.

Tudo que o tempo consegue apagar se torna irrelevante perto daquilo que ele eterniza, pois são essas as marcas que realmente moldam o nosso caráter e o que somos em nossa essência. E, lamentavelmente, tenho convicção ao dizer que grande parte das vezes isso não é algo bom.

O restaurante servia pratos italianos e, apesar do cheiro e do aspecto, o preço era bom e a comida razoável. Para mim bastava, e para muita gente também, a prova disso era que o lugar estava sempre cheio. Olhei por entre as mesas e avistei Marcos — apesar de que encontrá-lo em meio à multidão nunca fora algo difícil, ele era maior e mais largo do que a maioria das pessoas presentes. Notei um sorriso em seu rosto quando me viu, além de um aceno com a mão, sinalizando onde estava — como se eu ainda não o tivesse visto.

Nunca deixei de me espantar com as suas mãos, porque realmente não se pareciam com mãos humanas, e sim duas raquetes de tênis.

— Fala, Davi, tudo certo? — falou, assim que me sentei. Era incrível como

ele conseguia manter o sorriso o tempo todo. Ele estendeu a mão para me cumprimentar; aquilo também não foi um aperto de mãos, foi como um tubarão engolindo um peixinho dourado.

— Tudo certo, e por aí, Marcos?

— Sabe como é, o de sempre: táxi, rua, bandidinhos... nada demais. Mas hoje descobri que meu amigo aqui está famoso. — Seu sorriso aumentou.

— Famoso? Anda bebendo de manhã cedo, Marcos? Já aviso que além de fazer mal, vai fazer com que a mulher te deixe. E sabe que quando elas vão embora levam tudo: casa, carro, dinheiro, dignidade, tudo o que você tiver. — *Inclusive o coração*, pensei, mas decidi poupá-lo dessa parte.

— Você não lê jornais mesmo, né, malandro? Anda desinformado demais para um detetive.

— O único jornal que tem no meu escritório deve ser do ano passado. E só *pra* constar, não foi lido ainda, é apenas parte da decoração. Pode ser por isso que ando sem trabalho... Talvez eu pegue sua dica e comece a ler jornais, se aparecerem mais clientes, te dou uma comissão.

— Então não *tá* sabendo mesmo? — Marcos adorava fazer mistério. Ele queria me fazer pagar pela ironia. Sorria enquanto aguardava minha curiosidade aumentar e eu perguntar o porquê, mas eu não entraria na dele, sabia que em questão de segundos iria me contar.

Mentalmente fiz uma aposta de quantos segundos demorariam para o meu amigo revelar o mistério e comecei a contagem: 1, 2, 3, 4, 5... 15 segundos, foi este o tempo que o silêncio pairou sobre a mesa. Marcos achava que era bom em fazer mistério, mas eu sabia que sua real especialidade era a de quebrar o silêncio.

— *Tá*, beleza, *vacilão*, *tá* aqui! — esbravejou, largando um jornal sobre a mesa. — Uma matéria inteira sobre o filho da *puta* do Lúcio Salin. E não era só isso, além de falar sobre ele, citavam várias vezes sobre o detetive “*fodão*” que o prendeu.

— Mas por que, depois de tantos anos, o jornal faria uma matéria falando de Lúcio? — perguntei, ainda sem entender.

— Você não sabe ler, Davi? Aqui ó! — Apontou ele, com os dedos que mais pareciam dutos de uma polegada. — Com letras bem grandes. Ou vai querer que eu leia também?

Foi quando finalmente parei de falar e olhei para a capa do jornal, que exibia uma foto de Lúcio com letras enormes acima informando o título da matéria. Senti meu coração bater mais forte.

CAPÍTULO 5

“Suicídio no presídio. Ex-traficante Lúcio Salin é encontrado enforcado em sua cela.”

Esta era a manchete.

Estas poucas palavras me traziam diversos pensamentos, mas o principal deles era alívio. Não me leve a mal, mas se Deus realmente existe e tiver uma lista de pessoas e suas tarefas, Lúcio teria apenas uma função, que era a de destruir vidas. Um homem que acabava com meninas inocentes.

Apenas crianças, que nada sabiam sobre os perigos que rondavam a esquina de suas escolas e casas. Crianças que poderiam ter tido vidas longas, belas e cheias de surpresas, mas que acabavam em sarjetas, vendendo seus corpos por alguns trocados.

E o principal responsável por isso era Lúcio.

Ele era o bicho papão. Aquele homem que semeava sonhos na cabeça das meninas, mas jamais explicava que, no final, tudo o que elas conseguiriam colher seriam pesadelos e pedaços estilhaçados de seus antigos desejos.

Era estranho um homem com o ego daquele tamanho se suicidar, porém quando poucos metros cúbicos de parede e grades são impostos entre você e o mundo, sua fé acaba. Ter sua vida arrancada do dia para noite, aquele universo amplo que você conhecia fechando-se e se resumindo em apenas uma cela... Muitas vezes o abismo é tão profundo e a queda tão longa, que você não consegue voltar, mas sempre acreditei no ditado que diz: “aqui se faz, aqui se paga”.

— Com licença, senhor... senhor? — Surpreendi-me com uma mão em meu ombro, era a garçonete com meu pedido; havia até esquecido de onde estava. Desculpei-me e afastei os braços para que ela pudesse servir a massa com molho vermelho, ela me encarou e, com um leve aceno de cabeça, retirou-se.

— Você ficou fora do ar por uns cinco minutos. Não sabia que esse tal Lúcio era importante assim — disse Marcos.

— É um caso antigo, mas não precisa ficar com ciúmes, hoje só tenho olhos *pra* você, grandão.

Marcos preferiu ignorar a piada e começou a comer. Eu sentia meus olhos pesados, nem mesmo aquela porção de carboidratos estava me dando energia. Tudo o que eu precisava era de um bom banho e uma cama macia para me deitar; passar as noites no escritório não estava sendo uma boa forma de

descanso.

E o pior é que as noites no escritório nem eram por excesso de trabalho, mas por falta de objetivos e comodidade. Sair de lá, onde eu não estava fazendo nada, para ir para casa ficar ocioso não fazia sentido, então eu acabava ficando. Em poucos segundos, pensei no rumo que a minha vida tomava e me bateu uma leve depressão, mas Marcos, com seu mestrado em quebras de silêncio, tirou-me novamente do limbo.

— E aí, o que achou da notícia?

— É um bandido a menos. Quando a gente pegou esse cara, ele era o maior traficante de meninas da cidade. Pegava crianças e as iludia, prometia dar o mundo, mas na verdade, a única coisa que fazia era acabar com o mundo delas. Teve o que merecia — concluí.

— É o carma. O que você faz, você paga.

Com a conversa e o almoço dados por encerrado, decidi me dar o luxo de tirar o resto do dia de folga. Diana havia quitado sua conta, isso significava que o mês de aluguel estava garantido, além do mais, era muito improvável que aparecesse mais algum cliente naquele dia. As segundas-feiras eram calmas — e na época, o resto da semana também —, então uma folga não iria atrapalhar. Informei Marcos que estava de saída, despedi-me com um rápido abraço e fui pagar a conta.

Não havia percebido como a nova garçonete era bonita; escultural, na verdade. Loira de olhos azuis vivos e um sorriso daqueles que faz o coração palpitar. Ela usava um uniforme amarelo-ovo — detestável, mas ficava incrivelmente bem nela — que mostrava as curvas de seu corpo — novamente a palavra escultural me veio à mente. Lembrei-me de quanto tempo fazia desde que eu tivera uma mulher em minha vida.

Olhei ao redor e percebi mais três homens tentando atrair o olhar dela, foi então que me lembrei por que preferia ficar sozinho: mulheres eram problema.

Voltei o olhar novamente para ela e pensei que algumas poderiam valer o esforço, ou não. Minha vida já saiu do rumo vezes demais por causa de mulheres, mas depois da última, prometi a mim mesmo que jamais entregaria meu coração de bandeja outra vez.

Fui em direção ao caixa e fixei meu olhar no dela.

Ela se manteve intacta, nem piscou.

Procurei me manter firme.

Chegando mais perto, senti seu perfume, algo doce, como baunilha, e que

dominava todo o ar ao redor.

Hipnotizante.

— Vinte e cinco reais, senhor — Até sua voz era delicada.

Senhor? Será que minha aparência realmente era essa? Eu devia estar acabado mesmo. Entreguei o dinheiro, segurando as notas um pouco mais que o normal apenas para minha mão roçar na dela — algumas infantilidades masculinas nos acompanharão até a morte. Nossos dedos se tocaram e pude sentir uma pequena descarga elétrica passar entre nós.

Depois disso, agradei e saí. Simples assim.

O olhar dela me acompanhou até o lado de fora do restaurante; sabia que ela me olhava, mesmo quando eu estava de costas. Ela deve ter reparado que essa calça realçava minha bunda, ou só ficou com pena da minha cara de cansado e minhas roupas amassadas.

Independentemente do que fosse, preferi não tentar descobrir.

Peço desculpas a quem estava esperando um caso de amor ou uma história bonitinha, mas essa é a vida real, e ela normalmente não é bela como nos filmes.

O caminho até meu apartamento foi tão lento quanto poderia ser, a probabilidade de se ter alguma sorte no trânsito era a mesma de ganhar na loteria. Mudava as estações do rádio em busca de algo melhor do que as costumeiras propagandas quando, em uma delas, ouvi o locutor falar a respeito do suicídio de Lúcio.

Ele havia se enforcado com o lençol da cama. O mesmo lençol que muitas vezes protegeu seu corpo do frio, depois, de forma definitiva, fez com que o frio tomasse conta de cada parte dele.

Enquanto eu voltava para casa, apreciando o cinza do céu proporcionado pela fumaça dos carros e fábricas, muitos iam em direção ao trabalho para o segundo turno. Tantos sonhos, tanta esperança dentro daqueles carros. E tudo o que eu pensava era que, na maioria dos casos, tudo se transformaria em desilusão. No fim, a verdade é uma só: a vida não é fácil e, na maioria das vezes, também não é justa com ninguém.

Estacionei o carro na garagem do prédio e chamei o elevador — novamente pelos botões — e pela segunda vez no mesmo dia, assustei-me com o homem que estava refletido no espelho. Realmente precisava de descanso.

Subi até o quinto andar. O sensor de presença do corredor não funcionava aproximadamente há um ano; ainda bem que corredores são linhas retas,

assim ficava difícil se perder. Nem sempre a escuridão é ruim, algumas vezes ela é acolhedora. Existem momentos em nossas vidas em que é mais fácil andar na sombra do que na luz.

Mesmo depois de um ano, o escuro me fazia ter um pouco de dificuldade em acertar a chave na fechadura.

Lutei um pouco;

Consegui;

Girei o trinco;

Entrei.

Meu apartamento era pequeno, apenas cinquenta metros quadrados, paredes brancas e sem qualquer decoração específica; analisando essas minúcias, conseguimos perceber que um homem sozinho não entende nada de decoração de interiores. Na entrada, ao lado da porta, mais um espelho — essa coisa com espelhos já estava transformando-se em perseguição, eram espelhos demais no mesmo dia.

A sala era composta apenas por um sofá creme de três lugares, uma televisão de LED de 42 polegadas e um quadro do Marlon Brando interpretando o eterno *Don Vito Corleone* em *O Poderoso Chefão*. Aqueles poucos metros quadrados eram meu refúgio pessoal.

No centro da sala, uma mesinha com uma garrafa de *Jack Daniels* que talvez fosse um dos itens de consumo mais caros a que eu ainda me dava o luxo de comprar. Mas por um bom motivo: aquela garrafa era meu segundo refúgio.

Passei reto pela sala e entrei em meu quarto. Uma cama de casal, um criado-mudo com um abajur, alguns comprimidos para dormir e um relógio em cima. O guarda-roupa tomava toda a parede lateral. Tirei minhas roupas e as larguei no chão. Deitei-me na cama desarrumada e fechei os olhos.

Não precisei esperar pelo sono, como acontecia várias vezes. Naquele dia, a cortina escura do sono foi mais rápida do que qualquer pensamento que eu pudesse ter; não lutei, apenas deixei que ela me levasse. Era isso que eu precisava, um pouco de paz, aquele abrigo que muitas vezes apenas a escuridão pode proporcionar.

CAPÍTULO 6

Acordei em um pulo. Bastou um segundo para que eu estivesse sentado na cama. Os lençóis estavam ensopados com meu suor, meu corpo estava quente e minha cabeça parecia girar. O mesmo pesadelo outra vez.

Todos temos pesadelos, de vários tipos. Entretanto, pense comigo: ter um pesadelo sobre algo que nunca aconteceu e acordar assustado é ruim, admito, porém, ter um pesadelo sobre algo que você fez no passado e do qual se arrepende todos os dias é horrível. Perguntava-me se algum dia conseguiria me livrar dessa culpa, ou até mesmo desse sonho que vinha me assombrando nos últimos três anos.

Sendo honesto, isso não era bem um sonho, mas uma lembrança de algo do qual não podia me gabar de ter feito. Eu sabia que essa culpa me acompanharia por toda a vida.

Muitas vezes, nossa mente bloqueia lembranças traumatizantes e perturbadoras com as quais não conseguimos lidar. Outras vezes ela faz justamente o oposto, fazendo com que você relembre todos os dias do que fez. Quanto mais você tenta evitar, mais pensa. O caminho normal do ser humano tentando evitar o inevitável.

Nossa vida toda é assim: vivemos tentando enganar a morte, mas no fundo, sabemos que o fim é o mesmo para todos. Terra, concreto e escuridão eterna.

Não me orgulho de muitas coisas a respeito do meu passado, mas existiam algumas que tinham um lugar especial em minha estante de erros. Contudo, como não podia voltar no tempo e mudá-las, a única alternativa que me restava era aceitar.

Fiz o que fiz, e arcava com as consequências. Atenho-me ao mantra de que somos donos de nossos destinos e nossas escolhas. Já falei sobre isso, lembra?

Outubro de 2010

A mesma noite chuvosa, o mesmo beco da transação de meninas. Uma noite de glória para mim. Enfim Lúcio estava preso e sua saga havia terminado. Depois de sair do beco e me despedir de Ana, liguei para Marcos para saber se ele estava por perto.

Encontrei-o apenas para dar-lhe um grande abraço, visto que havia sido um dos meus principais informantes nesse caso. Devíamos muito um ao outro, uma dívida eterna que seria paga com amizade e cumplicidade, pois apenas isso nos bastava. Com o passar do tempo, descobrimos que existem dívidas que o dinheiro jamais pagará.

Marcos queria sair para comemorar, mas expliquei que estava indo para casa, pois iria fazer uma surpresa para Jéssica. Desde que começamos a investigar esse caso, estava passando pouco tempo com ela. Eu realmente queria comemorar, porém a comemoração seria com minha noiva. Apesar do tempo que passava fora e do humor que muitas vezes esse caso me tirava, ela continuava firme e mantinha nosso relacionamento intacto.

Andei até o meu carro, abri a porta e peguei uma pequena caixa de dentro do porta-luvas. Abri a caixinha em formato de rosa exibindo as alianças para Marcos; ele entendeu e abriu aquele sorriso típico que já se tornara sua marca registrada.

— Vai se dar bem hoje, hein, Davi? — Deu uma piscadela de olho. Retribuí e também sorri para ele, que, ainda mostrando os dentes, deu dois tapinhas nas minhas costas, entrou em seu carro e partiu pela rua escura.

Esfreguei as mãos molhadas tentando aquecê-las, fazia frio naquela noite e a chuva não dava trégua. Tirei a capa de chuva, coloquei no porta-malas e corri até a porta do carro. O trânsito seguia lento, mas eu não deixaria que nada me incomodasse.

Olhei no relógio do carro: 20h. Perfeito. Normalmente não chegava antes das 23h. Naquela noite seria diferente, enfim poderia dar atenção a Jéssica e retribuir tudo o que ela havia feito por mim naqueles últimos tempos. A vida me mostrava o quanto ela era boa. Provavelmente eu teria um aumento significativo no salário, com esse dinheiro a mais conseguiria ter uma estabilidade financeira e poderia finalmente me casar e até pensar em ter um filho; o caminho padrão da vida: nascer, crescer, reproduzir e morrer. Mas o

ser humano teima em precisar de algo a mais e, para estar realizado, é necessária a felicidade no meio do trajeto.

Parei em um pequeno shopping a caminho de casa. Comprei um espumante, uma pizza e algumas trufas de chocolate. Espumante e chocolates, a combinação perfeita para qualquer mulher do mundo — tudo isso para complementar o pequeno detalhe de uma aliança e um pedido de casamento.

A noite não seria só minha, seria nossa, uma cena a dois no melhor estilo filme água com açúcar. Tão especial quanto poderia ser, tão certa quanto deveria ser. Aquela seria a noite em que nosso relacionamento mudaria para sempre. Daríamos um passo importante em direção ao nosso crescimento como pessoas e como casal.

Mais alguns minutos de tráfego lento. Na rádio, notícias de última hora sobre a prisão do maior traficante da cidade. Não gostava de ficar me exibindo, porém internamente, senti meu Narciso inflar e sorri.

Dez minutos depois, estava chegando em casa. Todas as luzes do térreo desligadas, apenas as do segundo andar acesas.

Estranho.

Peguei o espumante, a pizza e os chocolates. Chequei o bolso interno do meu casaco pela quinta vez para ter certeza de que as alianças estavam nele. Tudo certo, tirando o nervosismo. Era a noite do pedido, só faltavam mais alguns minutos para que eu completasse meu dia de glória.

Entrei em casa silenciosamente, a intenção era realmente fazer uma surpresa para Jéssica.

As luzes apagadas, a chuva forte, alguns relâmpagos no céu e dentro de casa o ar parecia mais pesado do que de costume. Larguei as compras na mesa, peguei duas taças e servi o espumante. Para não chamar atenção, subi as escadas em silêncio.

A porta do quarto estava entreaberta, a única luz fraca e amarelada que chegava ao corredor vinha do abajur que estava aceso lá dentro. Na penumbra, minha sombra tremia enquanto eu me aproximava. Chequei novamente o bolso — meu coração batia mais forte.

Estava nervoso demais, havia chegado a hora.

Lentamente abri a porta do quarto e... SURPRESA!

Por incrível que fosse, a surpresa foi muito maior do que eu havia imaginado. Mas também fora o inverso do que eu esperava, pois no fim das contas, o surpreendido fui eu. Os lençóis estavam desarrumados e Jéssica

dormia no peito de outro homem. De todas as coisas que já passei e vi na vida, essa sempre será uma das minhas piores lembranças.

E o que mais me doeu foi ver que eles dois pareciam felizes.

Eu daria o meu mundo todo para estar ali, no lugar dele, fazendo-a feliz.

Deixei o espumante cair no chão.

A garrafa imitou meu coração e se partiu em vários pedaços, espalhando-se pelo piso.

Jéssica e o homem, que estava com ela, acordaram e ela me olhou assustada. Seu olhar foi o mesmo que o de Lúcio quando foi pego em flagrante traficando meninas. Esse foi um daqueles momentos em que segundos se transformam em horas e o tempo parece não passar; eu estava paralisado, o coração batendo forte e os punhos fechados.

Ela se levantou e correu em minha direção. Sem perceber, eu já estava perto da cama. Empurrei-a com força e ela caiu. Segui em direção ao homem. Ele se levantou com as mãos espalmadas, tentando cuspir alguma explicação razoável.

Agora me responda: em algum momento da sua vida, você imaginou a remota possibilidade de encontrar sua mulher na cama com outro sujeito, justamente no dia em que você iria pedi-la em casamento, e ainda assim querer ouvir alguma explicação dele?

Ele tinha uns dez centímetros a mais do que eu, o que foi bom, assim ficou fácil acertar seu queixo. Dei um soco de baixo para cima e senti seu maxilar espatifando-se em minha mão. Ele caiu e tentou levantar, mas antes que pudesse fazer isso, chutei suas costelas. Desta vez ele ficou no chão, tentando respirar.

Eu estava possuído. Cometi o erro de deixar que o ódio tomasse conta de mim. Jéssica, que estava perplexa com a situação, veio novamente em minha direção. Espalmei a mão em seu rosto com toda a minha força. Ela caiu novamente.

O herói caído decidiu que aquela era a hora de proteger a donzela do malvado noivo corno.

Errou novamente.

Eu estava de costas para ele quando senti seu braço apertando meu pescoço na tentativa de um mata-leão. Amadores, odeio amadores. Passei meu pé por trás de suas pernas criando uma alavanca e joguei meu corpo contra o dele. Caímos no chão e, como planejado, quando ele caiu, soltou meu pescoço. Rapidamente me virei e montei em cima dele.

Dei tantos socos quanto aguentei.

Quando não aguentava mais erguer os braços, saí de cima dele. Joguei as alianças no chão. Olhei novamente ao redor: Jéssica caída em um canto do quarto, o homem no outro, e no meio disso tudo, um espumante, alianças e meu coração.

Saí de lá e não olhei para trás. Naquele momento, eu já tinha percebido a besteira que havia feito. Mas atitudes tomadas e palavras ditas são coisas que não voltam atrás.

Era tarde demais.

Quando cheguei na rua, a chuva estava ainda mais forte, mas não me importei. Nem com a chuva e nem com o fato de eu estar chorando. Sentei no meio fio e deixei que minhas lágrimas caíssem na calçada que, já molhada, não podia reconhecer a diferença, e independentemente de qualquer coisa, de manhã nenhuma das duas ainda estaria lá.

Este é o pesadelo que me assola há três anos. Depois desse dia, Jéssica deu queixa sobre agressão, fui expulso da polícia, minha vida virou uma *merda* e se mantém ladeira abaixo.

Realmente, aquela havia sido uma noite de muitas surpresas.

O remorso toma conta de mim até hoje. Eu sei que deveria ter deixado para lá, simplesmente ter virado as costas e ido embora. Porém, não consegui. Fiz o que fiz, e passei a pagar por isso.

Quanto Jéssica e o bonitão? Bom, eles ficaram juntos, felizes, e morando na mesma casa onde moramos durante cinco anos. De todos os objetivos daquela noite, pelo menos um foi alcançado: eu mudei de vida, e vocês já sabem de tudo que eu tenho desde o acontecido. Um escritório poeirento e um apartamento de cinquenta metros quadrados. Tão singular quando pode ser, tão só quanto mereço ficar.

Não se enganem, isso não é autodepreciação, vitimismo, nem nada do gênero. Apenas o carma mostrando-se presente novamente.

Raios de sol passavam pela janela, invadindo o quarto e dizendo-me que ainda era dia. Olhei para o relógio ao lado da cama e apenas quatro horas haviam se passado; não era bem o tempo e nem o sono que eu esperava e precisava. Peguei três comprimidos para dormir e engoli a seco. Virei para o lado, fechei os olhos e novamente me deixei envolver pela escuridão. Minha melhor companheira.

CAPÍTULO 7

Lentamente abri os olhos, dessa vez sem surpresas ou lençóis molhados, apenas aquela sensação nostálgica de acordar, esquadrinhar em sua mente algum bom motivo para se levantar e, por fim, perceber que seu dia será igual a todos os outros. A decepção de ter uma vida fadada à rotina, a indignação de levar a mesma vida que milhões de outras pessoas levam.

Em resumo, a vida real.

Levantei da cama vagarosamente e olhei para o relógio: passavam das 4h da manhã. Enfim consegui dormir.

Fui até o banheiro e abri o chuveiro. Esperei a água esquentar e fui para baixo dela. Deixei o calor reconfortante da água percorrer meu corpo, e por mais que tentasse esquecer, ainda continuava pensando no pesadelo que tive.

Todos acreditam nessa sensação de invencibilidade que o amor nos proporciona. Quando estamos apaixonados, pensamos não precisar de mais nada; é você e aquela pessoa contra o mundo. Água, comida, ar, tudo se torna supérfluo se você está na companhia certa. Essa sensação é maravilhosa, muitas vezes dura bastante tempo, mais até do que podemos acreditar. Mas uma hora termina, e não bastasse terminar, leva nosso mundo inteiro junto. Um mundo de sonhos, planos e felicidade inabalável.

Existem os mais fortes, que superam, e os outros que, como eu, terminam com um sofá, uma televisão, uma garrafa de uísque amargo e — em algumas ocasiões especiais — lágrimas e prostitutas baratas.

A armadilha do amor. A arapuca da vida.

Fiquei cerca de dez minutos embaixo do chuveiro e já conseguia sentir meu corpo mais relaxado e tranquilo.

No canto do *box*, um espelho antiembaçante me auxiliava na árdua tarefa de irritar minha pele e fazer a barba. Passei sabonete no rosto e logo depois a gilete. Deixei a água tirar todos os vestígios e fechei o registro, deixando as últimas gotas para trás.

Saí do *box*, passei as mãos no espelho embaçado e vi meu reflexo. Um pouco melhor do que no dia anterior, as olheiras sumiram e a barba ficou no ralo do chuveiro.

Um novo homem.

Internamente com os mesmos problemas e as mesmas sujeiras de sempre, mas externamente melhor. Era assim que tinha que ser.

Todos usamos máscaras, mas elas apenas nos protegem e nos escondem

daquilo que realmente somos.

Peguei uma calça qualquer de moletom, uma regata e um chinelo de dedos. Enchi a chaleira, coloquei no fogo para passar o café e abri a geladeira. Deprimente. Já fazia alguns dias que não passava no mercado. Apenas um litro de leite vencido e algumas garrafas de água; a geladeira dos sonhos de qualquer família.

Refleti sobre o que iria fazer durante o dia, mas nada realmente me agradava. Achei que começaria de uma forma diferente aquele dia. Faltava apenas uma hora para abrir a academia de boxe que eu costumava frequentar... A chaleira gritou de forma estridente, fui até lá, desliguei o fogo e passei o café. Servi o conteúdo em uma xícara branca, com a borda trincada, sem açúcar e nem adoçante, gostava dele puro e amargo. Combinava melhor com a rotina.

Liguei a televisão, mais por mania do que por vontade de assistir. Passava um filme sobre um homem que estava na prisão e bolava um plano de fuga.

Falando em metáforas, todos nós estamos presos aos nossos problemas e muitas vezes a lugares e situações que não nos pertencem, a uma vida muito diferente daquela que imaginamos. Assisti por um tempo e decidi sair, já passavam das 6h. Não conseguia ver o final do filme, então jamais saberia se o homem conseguiu fugir da prisão, assim como ele também não saberia se eu conseguiria sair da minha.

Coloquei um calção e mantive a regata. Peguei uma toalha e algumas roupas para vestir depois da academia e saí. Entrei no carro, liguei o rádio e dirigi. Naquele horário o trânsito estava tranquilo, eram poucas as pessoas que começavam tão cedo. Em apenas 15 minutos estava na academia.

Algumas semanas haviam passado desde a última vez que eu treinara. Apesar de ter mais de trinta anos, ainda mantinha um corpo firme e atlético. Muito disso eu devia ao boxe, o resto à boa genética.

Entre na academia e apenas três pessoas estavam treinando. O local era, apesar de tudo, aconchegante para os amantes do esporte. O cheiro de suor já estava impregnado no antigo ginásio. Um ringue no meio, vários sacos de pancada de diversos tamanhos pendurados pelo teto e, nas paredes, fotos de boxeadores e alunos que ganharam alguns campeonatos e títulos em nome da academia.

Logo adiante vi Sandro, um homem na faixa dos 60 anos, baixinho, calvo, mas com movimentos ainda rápidos, um olhar ágil e jovem, e no rosto sempre aquele sorriso de quem consegue fazer daquilo que ama seu trabalho.

Sandro era um velho boxeador que se aposentou e gastou todas as suas economias montando aquela academia. Por mais que o tempo passe, existem coisas na vida que jamais conseguimos abandonar.

O tempo passa e os homens morrem, porém, suas paixões são eternas.

— Devo estar mesmo com algum problema nos olhos. Davi na minha academia novamente? — Sandro sorriu quando me viu.

— A idade chega *pra* todos, não é, meu velho? — respondi com um sorriso cordial. Sandro era uma das únicas pessoas que me transmitia sinceridade em tudo o que falava.

— Pronto *pra* levar uma surra, detetive?

— Levar uma surra? Só se for com uma bengala, vovô. — Sandro gargalhou diante da brincadeira.

— Existem coisas que a gente nunca esquece, Davi. Como amar e perder uma linda mulher, andar de bicicleta e dar um bom soco em seu adversário — falou, dando-me um leve soco no braço. Novamente dei um sorriso para ele e me dirigi ao vestiário para largar minha mochila.

Passei a hora seguinte treinando. Alternei os sacos de pancada, começando do mais leve para o mais pesado, trocando *jabs* e diretos, ganchos e cruzados, liberando toda a endorfina possível.

É incrível como nossa memória visual é boa, no saco de pancadas conseguia realmente visualizar pessoas, aquelas que eu odiava profundamente e nas quais precisava descontar minha raiva. Um dos meus grandes problemas, contudo, era que muitas vezes enquanto estava batendo no saco de pancadas, demorava a perceber, mas fazia dele um reflexo e acabava me vendo lá. Novamente me lembrei que estava onde estava apenas por culpa minha e voltava a dar socos cada vez mais fortes.

O suor escorria pelo meu rosto e insistia em embaçar minha visão quando me sentei em um banco situado no canto do ginásio. Um jovem rapaz passou e me cumprimentou com um aceno, balancei de leve a cabeça, único movimento que meu corpo permitiu naquele momento. Quando consegui me levantar, fui para o vestiário, para o meu segundo banho do dia.

O chuveiro é um lugar que — para o bem ou para o mal — nos faz pensar na vida. Talvez seja pela água quente, que faz com que relaxemos, ou apenas porque nosso cérebro realmente precisa nos manter ocupados a cada mísero segundo.

Vesti uma calça jeans e uma camiseta, arrumei o cabelo e olhei mais uma vez para o espelho antes de sair. Pensei que em alguns dias eles não eram tão

ruins. Antes de sair, aproveitei que tinha na carteira o dinheiro de Diana e paguei a mensalidade para Sandro, falando que pretendia passar na academia mais vezes aquele mês.

Já eram quase 8h quando saí, e àquela hora o trânsito já estava acelerado. Todos correndo contra o tempo sem se dar conta de que a vida não é uma corrida em que quanto mais se corre, mais rápido se chega ao final.

E foi em meio a esse caos de carros, pessoas e concreto que me dirigi ao escritório.

CAPÍTULO 8

Segui acompanhando o trânsito em seu habitual ritmo. Dessa vez, sem pensamentos filosóficos, apenas dirigi. Demorei um tempo para chegar até o escritório, mas não me incomodei, a última hora de boxe serviu para acalmar meus nervos e espantar alguns dos meus fantasmas. Pelo menos por um tempo, porque as coisas simplesmente são assim. Tudo um dia passa, porém tudo um dia volta.

Vinte minutos depois, estava estacionando na garagem do prédio, onde ficava o escritório. Desci e me dirigi ao elevador; pelo caminho, tudo que ouvi foram os ecos de meus passos. Subi.

Entrei e me senti em casa. Pensando bem, aquela sala com poucos metros quadrados era minha segunda casa. Pode parecer estranho, mas são poucos os que se sentem em casa no seu local de trabalho e, refletindo sobre isso, também são poucos os que passam dias em seu escritório sem trabalhar.

Tirei do bolso as chaves do carro, o celular e a carteira e larguei em cima da mesa. Olhei para os lados concluindo que estávamos novamente eu, o velho computador, a mesa e o pó. Decidi ligar o computador e ver algumas páginas de notícias, ficar por dentro do que estava acontecendo na atualidade, conforme Marcos havia sugerido no dia anterior.

Estava concentrado vendo algumas fotos das atrizes atuais mais saradas usando biquínis mínimos na praia, quando meu celular vibrou sobre a mesa. Dei um pulo com o barulho, e percebi que no silêncio qualquer barulho assusta. Meu primeiro palpite era Marcos, porém quando peguei o aparelho, vi em sua pequena tela as palavras: “número restrito”. Estranho, mas nada absurdo, visto que alguns clientes realmente preferem a discrição. Mantive também a ideia de ser apenas um engano.

— Davi — atendi com apenas uma palavra.

— *Olá, Davi, quem fala é Afonso Foletti, sabe quem eu sou?* — Afonso Foletti era um dos advogados mais bem pagos e famosos da cidade. Saía quase todas as semanas nas colunas sociais dos jornais, presente nos mais variados eventos, fossem sociais ou beneficentes, fora algumas matérias sobre seu trabalho. Um homem importante demais para estar me ligando.

— Afonso Foletti, o grande advogado? Acho que já li algo a respeito do senhor. O que posso fazer para ajudá-lo? — Tentei conter o nervosismo e transmitir o maior profissionalismo possível, afinal um cliente desse porte poderia alavancar minha carreira e me tirar de uma vez por todas da *merda*.

Ou, relembro, poderia ser apenas um engano.

— *Sei que você é detetive, tive boas referências sobre você. O que acontece é que estou com alguns problemas conjugais e gostaria de saber se eles são reais ou apenas fruto de minha imaginação.*

— Certo. Preciso apenas do endereço de sua casa e do nome completo de sua esposa, assim consigo me atualizar e começar a investigar. — Respirei antes de falar sobre dinheiro, mas não tinha como evitar. — Quanto ao preço, senhor Afonso...

— *Seu preço não me interessa* — interrompeu-me secamente. — *Vou fazer uma proposta que acho difícil ser recusada: Vinte mil reais se você me entregar fotos provando que eu estou certo. Dez mil agora, para o senhor iniciar o trabalho, e se ela realmente tiver um caso e o senhor puder me provar, mais dez mil no final.*

— O senhor está brincando comigo? Acho que nem *Sherlock Holmes* receberia tanto por um caso.

— *Não sou um homem de brincadeiras, Davi. São nove horas da manhã, agora. Até o meio-dia você receberá o envelope com as informações que me pediu e, como prova de que não estou brincando, dentro do envelope enviarei os dez mil de adiantamento.*

— Meu endereço é...

— *Eu sei onde fica seu escritório* — interrompeu-me novamente. — *Não se preocupe com nada, apenas faça seu trabalho e mostre que é eficiente.*

Com um *click*, Afonso desligou o telefone. Não consegui protestar e nem sequer me despedir. De qualquer forma, não havia protesto algum, este dinheiro pagaria, no mínimo, quatro meses normais de trabalho. Não conseguia deixar de sorrir: enfim uma notícia boa. As coisas estavam começando a mudar, e talvez tomassem um rumo melhor dali em diante.

Na minha cabeça martelava novamente o pensamento que insistia em questionar se aquilo tudo não era apenas um engano.

A manhã se arrastava mais lenta que o normal. Horas, minutos e segundos misturados, fazendo o tempo perder-se e parecer parado. A expectativa do envelope com o dinheiro era maior do que eu podia admitir, já fazia algum tempo que não recebia uma proposta tão boa.

Existia apenas um problema, era que toda vez que recebia coisas muito fáceis, acabava ficando desconfiado e pensando que devia haver algo de errado naquilo. O eterno pessimista que reside no fundo de minha alma decidiu dar as caras, e este traço é uma daquelas coisas que não conseguimos

escolher, só nos resta aceitar.

Como de praxe, decidi pesquisar sobre Afonso. Procurava fazer isso com todos os meus clientes, para saber com quem estava trabalhando realmente.

Na internet não encontrei nada, ficha limpa, cara limpa, tudo limpo demais. Parecia o cidadão do ano, sempre ajudando instituições e arrecadando dinheiro para os necessitados. Várias notícias me diziam o óbvio: Afonso jamais defendia alguém que achasse que era culpado e dificilmente perdia um caso, por esse motivo era um dos advogados mais bem-sucedidos da cidade.

Advogados rivais tremiam quando sabiam que o enfrentariam no tribunal. Faziam uma rápida dedução de que a batalha já estava perdida; era o mesmo que ir para a guerra com um estilingue, quando seus adversários têm metralhadoras. Como um Davi e Golias, mas sem a parte bonita, onde o bem vence o mal e o gigante é derrotado. Na vida real, quase todas as vezes os gigantes vencem.

Encontrei uma foto de Afonso com sua mulher. Algumas pessoas são difíceis de descrever com meras palavras e, com toda certeza, a mulher de Afonso era uma delas. Uma mulher linda, morena, cintura fina, quadris largos, olhos claros, cabelos compridos e ondulados, lábios carnudos.

Sim, ela é tudo o que você está imaginando, e talvez até mais. Vendo a foto consegui entender a desconfiança dele. Uma mulher daquele porte, com certeza teria diversos admiradores. Abaixo da foto a legenda dizia: Afonso Foletti e sua bela esposa, Tamiris Foletti.

No silêncio da minha sala, consegui ouvir passos no corredor aproximando-se cada vez mais. Aguardei a batida na porta, mas ela jamais acontecia. Tudo o que conseguia ver era um envelope de papel pardo escorregando pela pequena fresta. Os passos se afastaram lentamente até que ficaram inaudíveis. Eu continuei olhando para o envelope. Dentro dele existiam duas coisas: informações e esperança. Informações sobre Tamiris Foletti, e esperança para minha vida — que talvez pudesse mudar depois daquele caso.

Abri o envelope ainda pensando na possibilidade de tudo ser uma piada de mau gosto. Puxei as folhas que estavam lá dentro e a primeira coisa que vi foi uma foto ampliada do rosto de Tamiris. Realmente, linda.

Nos papéis, as informações padrão sobre ela. Nome, data de nascimento, nome dos pais, endereço e um pequeno histórico, muito mais do que pedi. Tamiris era uma moça pobre de origem italiana, cresceu no interior com os pais e frequentava a única escola da região. Sua beleza desde cedo chamava

atenção, e na adolescência, quando as meninas começam a descobrir o seu poder sobre os homens e todas as coisas magníficas que a beleza pode fazer, ela decidiu abandonar tudo e tentar uma carreira de modelo.

Pegou todas as suas economias e viajou. De início, nada deu certo, assim como era de se esperar. Porém, entre sonhos, pesadelos e as grandes voltas que o mundo dá, ela conheceu Afonso. O resto é a história clichê de sempre: o homem rico e a moça pobre se conhecem, apaixonam-se e se casam. Quase um conto da Cinderela, porém a Cinderela jamais iria trair seu príncipe encantado. Ou será que trairia? Essa é mais uma das coisas que jamais saberemos; a história deles acaba no casamento, o resto é tudo fruto de nossa imaginação.

Li e reli, nada de relevante, o que eu precisava descobrir era simples. Era pago para pegar pessoas no flagra. Era isso que fazia e, infelizmente, era isso o que eu era, um mensageiro do caos. Muitos diziam que eu destruía lares e famílias, mas eu preferia acreditar que eram as próprias pessoas que faziam isso, eu apenas abria olhos e fazia com que vissem o que não queriam.

Muitas vezes o meu trabalho se resumia a isso: fazer com que cegos enxerguem.

Um papel caiu no chão e me fez voltar à realidade, um cheque endereçado a mim, no valor de dez mil reais. Meu coração bateu mais forte e minhas mãos tremeram. Fazia muito tempo desde a última vez que segurei uma quantia significativa de dinheiro nas mãos. Consegui perceber que o trabalho era sério.

Coloquei o cheque em meu bolso, meus pensamentos em uma gaveta fechada à chave, e decidi que era hora de voltar ao trabalho.

CAPÍTULO 9

Abri o porta-malas do meu carro para checar o equipamento de trabalho. Dentro de uma pequena mochila uma câmera *Nikon* e algumas lentes usadas para fotos à distância, ao lado, meu antigo distintivo de polícia — que vinha bem a calhar quando precisava de respostas urgentes — e minha pistola. Peguei a câmera e deixei o resto onde estava.

Girei a chave na ignição e chequei o endereço da casa de Afonso e Tamiris. Já passava do meio-dia, e nem preciso comentar sobre como estava o trânsito. Respirei fundo, contei até dez, pensei em um mantra de autoajuda e prossegui, afinal a casa ficava do outro lado da cidade.

Demorei aproximadamente quarenta minutos para chegar, estacionei na esquina, para não ser notado, e aguardei. O trabalho de detetive visa muitas coisas, porém a maior delas é a paciência, e a minha não era lá essas coisas, mas com algum tempo de profissão comecei a dominar um pouco melhor este atributo.

A casa parecia uma daquelas mansões de filme. Grades altas, cerca elétrica e um portão gigantesco cercando a área. Dois andares, a frente toda de vidro mostrando boa parte do interior. Tudo era branco e reluzia, e por um minuto imaginei que o céu deveria ser parecido com isso.

Com certeza era a casa dos sonhos.

Pelo menos dos meus sonhos.

Entre um pensamento e outro, concluí que, no fim das contas, eu deveria ter escutado meus pais, talvez devesse ter estudado mais e ter tentado a vida como advogado. Recostei-me no banco e aguardei; em poucos minutos percebi um segurança alto e entroncado vindo em direção ao carro.

Realmente estava em um bairro nobre, apenas esse tipo de gente tem seguranças. Ele já estava observando o carro há alguns minutos, e decidiu averiguar de perto o que um Ford Focus fazia perdido em um bairro de “Mercedes” e “BMW”.

Fingi indiferença quando o vi chegando, sequer abri o vidro, mas ele era insistente, e mesmo com todo o meu esforço para mostrar desinteresse, ele bateu no vidro e fez sinal com as mãos que queria conversar. Abri a janela e contive o impulso de fechá-la quando estava pela metade.

— Nunca vi o senhor por aqui, está perdido?

— Apenas descansando antes de voltar para o trabalho — respondi com um sorriso simpático no rosto.

— Certo, senhor, então o horário de almoço terminou. — Seu tom de voz começou a engrossar.

— Desculpe, mas esta rua é pública e este carro é minha propriedade. Então, estando dentro dele, você não tem direito algum de me tirar daqui — falei, ainda sorrindo.

— Eu devia arrancá-lo à força do carro e lhe dar uma lição.

— E eu devia ter ganhado na loteria semana passada, mas nem tudo é do jeito que a gente quer. — O sorriso não deixa meu rosto.

— Certo, sabichão, vou chamar a polícia, e aí veremos o que você tem a dizer.

Liguei o carro, dei uma piscada de olho para o segurança, que naquele momento já estava vermelho de raiva, e parti. Ter a polícia na minha cola em uma investigação não seria interessante e estragaria tudo. Eu e minha mania de sempre fazer novos amigos, mais um talento que costumava ocultar.

Para minha sorte, só havia uma rua para entrar e sair do bairro. Estacionei o carro no local onde todos os moradores precisavam passar para ir a qualquer lugar.

Mais alguns minutos se passaram, horas, talvez. Essas dondocas nunca têm uma hora certa para sair de casa; rotinas de compras, SPAS e salões não têm hora certa para acontecer. Já eram mais 14h quando foi possível ver alguma movimentação.

Uma BMW passou por mim e — por incrível que fosse, as coisas estavam conspirando ao meu favor — o carro não tinha películas, então pude ver claramente um troglodita na direção e Tamiris ao lado. Uma imagem moderna do clássico “A Bela e a Fera”.

O motor do Focus deu uma leve reclamada quando o liguei, mas depois disso, discretamente comecei a segui-los, sempre deixando mais de dois carros entre nós. Dirigimos até o centro da cidade. O motorista desceu e abriu a porta do carro para Tamiris. Ela desceu, andou em direção a um pequeno bistrô e se sentou em um lugar bem ao fundo, discreto e com pouca visibilidade. O troglodita entrou na BMW e partiu.

Desci do carro já com a câmera em mãos, e me sentei em um banco do outro lado da rua. Era um bistrô pequeno, apenas algumas mesas com guardasóis brancos e vermelhos na calçada e mais umas quatro ou cinco internas. A iluminação se resumia a pendentes com pequenas lâmpadas incandescentes, que deixavam aquele ar de penumbra que outrora daria o nome de mal iluminado ao local, mas hoje chamam de charmoso. Mesas redondas, cadeiras

de ferro acolchoadas, e cheiro de café. Detalhes mínimos, preços máximos. Assim como todo o lugar que a burguesia frequenta.

Os tempos mudam, a moda vem e vai.

No fim, quase todas as coisas são cíclicas.

Tamiris pediu um café e uma *bruscheta*. Sua linguagem corporal demonstrava nervosismo. Passava a mão no cabelo, batia os pés no chão, e a cada minuto olhava para o celular. Pensei que Afonso poderia estar realmente certo a respeito da mulher ter um caso. Minha imaginação me traiu quando imaginei que gostaria de sentar e tomar uma xícara de café com ela.

Não que um pensamento tenha coerência com o outro, mas dificilmente os interesses da vida profissional têm coerência com a vida pessoal; a única coisa em comum é o dinheiro. Entretanto, existem alguns momentos onde alguma estrada errada pode ser pega, e em algum ponto no caminho da vida as coisas acabem se cruzando.

Algun tempo passou sem que nada acontecesse, pessoas iam e vinham indiferentes ao que acontecia à sua volta. Eu era apenas um espectador, e eles, todos protagonistas de seus próprios filmes. Cada um com seus mocinhos e vilões, sonhos e pesadelos, cada qual lutando e cuidando de sua própria vida. Menos eu, que como ganha pão, cuidava da vida alheia. Talvez eu fosse um ator sem filme tentando atuar em outras histórias.

Tudo ainda estava monótono naquela tarde quente e sem vento algum, até que um homem de terno passou ao meu lado deixando um rastro de perfume; ele parecia dirigir-se ao bistrô. Cabelo impecável, barba impecável, andar ereto, terno feito sob medida. Parou na entrada do bistrô debaixo de um dos guarda-sóis, tirou os óculos de sol, olhou para os lados com aspecto desconfiado e entrou.

Com a câmera no colo e os olhos já em Tamiris, vi o momento em que ele se sentou na cadeira em frente a ela, que sorriu. Ele retribuiu, mostrando dentes brancos e brilhantes, e colocou as mãos sobre as dela.

Parece que o trabalho estava para começar.

CAPÍTULO 10

Mais alguns minutos passaram sem nenhuma ação. Eles conversaram, trocaram sorrisos e olhares tímidos, porém em momento algum aquele ar de desconfiança que pairava sobre eles desapareceu. Fiz algumas fotos, nada muito comprometedor, mas já valiam algo, se eu tivesse sorte, no primeiro close que fiz da chegada dele, quando as mãos se cruzaram com as dela, eu já teria uma boa prova.

Permaneceram no café por quase meia hora, despediram-se com um beijo no rosto e um abraço discreto. Ele saiu primeiro e ela continuou sentada. O homem fez o mesmo caminho de antes e passou por mim novamente. Não me levem a mal, mas como ele cheirava bem! Quase o abordei para pedir o nome do perfume, mas pensei melhor e vi que isso poderia estragar minha investigação, além do mais, eu me decepcionaria ao saber que não teria condições financeiras de comprá-lo. Então, fiz o que era melhor e deixei para lá.

Fiquei por ali observando Tamiris. Ela telefonou para alguém, provavelmente seu motorista. Logo após se levantou, pagou a conta e saiu. Atravessou a rua apinhada de carros e veio em minha direção.

Congelei.

Ela sentou no banco ao meu lado. De todas as coisas que poderia pensar a respeito de ser descoberto ou daquilo tudo acabar com meu trabalho, o único pensamento que me veio foi novamente àquele relativo à beleza dela.

Meu coração literalmente parou.

Passados alguns segundos, comecei a assimilar melhor a situação. Ela não olhou para o lado, apenas sentou no banco e aguardou pacientemente. Entendi que não era nada comigo, ela apenas esperava o motorista, que em alguns minutos parou na faixa branca à nossa frente. Ela seguiu em direção ao carro.

Nesses metros que ela andou, meus olhos colaram nela. Usava um vestido de verão branco e um sapato preto de salto. Desculpem a franqueza, mulheres, mas de costas ela era quase tão bonita quanto de frente — os homens entenderão. O encantamento foi quebrado quando o segurança acabou com o cenário de perfeição e se interpôs entre meu olhar e as “costas” dela.

Ele abriu a porta do carro para que ela entrasse e seguiu para o outro lado. Tamiris deu uma olhada para fora, seu olhar cruzou com o meu apenas por

um segundo, mas existem segundos que são capazes de criar pequenos mundos em nossa cabeça. Aqueles segundos que, na hora, você percebe que equivalem a uma eternidade.

Eles partiram, deixando para trás apenas a fumaça. Por sorte meu carro estava estacionado ali perto, consegui segui-los mais uma vez, agora com maior cuidado, deixando mais de três carros entre nós. Quando percebi que estavam indo para casa, fiz o retorno e segui meu caminho de volta para o escritório. Passava das 17h quando cheguei. Estacionei e antes de descer do carro, decidi fazer uma ligação.

Aquele dia tinha sido realmente bom, consegui algumas fotos e, pela minha experiência, em alguns dias teria o caso finalizado e mais uma boa quantia em dinheiro no bolso. Era motivo para comemorar. Chequei na memória — e na minha lista não muito grande de amigos —, e concluí que o único que estaria disposto a sair comigo seria Marcos, então peguei o celular, encontrei o número dele nos favoritos e liguei para convidá-lo para jantar.

Marcamos de nos encontrar depois das 20h. Como era uma noite de comemoração, nada de *Italian*; naquela noite iríamos a um lugar melhor, algo com um pouco mais de classe. Decidi nem descer do carro para deixar as fotos no escritório e fui para o meu apartamento.

Já em casa, decidi começar a comemorar sozinho. Peguei um copo, abri a geladeira e me servi com algumas pedras de gelo. Sentei-me no sofá e completei a mistura com um pouco do uísque que repousava sobre a mesa de centro. Ergui o copo em direção ao quadro de Marlon Brando, que me olhava com aqueles olhos penetrantes, dei um sorriso e sussurrei:

— A uma vida melhor. Saúde, companheiro. — Ele assentiu silenciosamente.

Tomei em um gole só; o uísque desceu fervendo e saboroso. Terminei com um sonoro “*aaaah*”, quase um ator de propagandas de refrigerantes. Após meu drink, fui até o quarto, abri meu guarda-roupa e peguei a única camisa social que ainda não estava em estado de decomposição.

Lembrei-me que havia sido um presente de Jéssica. Na ocasião, ela dissera que eu ficava muito bem com camisas sociais e que toda vez que eu quisesse me dar bem com ela bastava usar aquela camisa. Recordo que na época fiquei muito contente; nunca tinha ganhado uma dessas camisas mágicas, que você usa e se dá bem com as mulheres.

Dei uma conferida para ver se estava amassada, depois separei a camisa e o resto das roupas de lado e fui para o banho. Terceiro banho do dia, quase um

recorde pessoal.

Quando terminei de me arrumar dei uma leve olhada no espelho. Calça jeans, camisa mágica e barba feita. Talvez um pouco produzido demais para sair com Marcos, mas em uma noite de comemoração eu deveria estar vestido à altura. Não quis exagerar, então deixei a base e o blush para outra hora.

Eram 19h40 quando saí.

CAPÍTULO 11

Em frente ao apartamento o clima era ameno, a lua derramava sua luz prateada sobre a cidade e algumas poucas estrelas arriscavam brilhar. Um grupo de mulheres passava e a maior preocupação delas era com o vento que desarrumava seus cabelos. Com um pouco de sorte poderia rolar uma cena no estilo *Marilyn Monroe* com saias esvoaçantes e tudo mais.

Nada aconteceu.

Aguardei alguns minutos até a chegada de Marcos, que dirigia um Siena branco; acima do carro a placa luminosa escrito TÁXI estava apagada naquela noite. Ele parou e, com um sorriso, abriu a porta do carro para mim.

— Nossa, um cavalheiro abrindo a porta do carro — brinquei.

— Educação vem de berço, meu irmão.

— Tão grande, tão bondoso, não quer ser meu namorado?

Marcos deu um soco leve no meu braço, porém para um gigante aquilo já era o bastante para deixar meu braço adormecido até chegarmos. Por sorte, conseguimos estacionar em um lugar bem próximo de onde iríamos jantar, um restaurante chamado Suflê.

A porta de entrada era dupla, feita de carvalho nas bordas e vidro no meio. Logo que passávamos por elas, a recepção, feita por dois espelhos que deixavam o cliente dar uma conferida no visual antes do jantar. Mesas revestidas com toalhas brancas que iam até o chão, cálices antigos com velas sobre cada uma delas, paredes de tijolo aparente e no centro, um lustre com mais de dez lâmpadas incandescentes em formato de vela davam destaque ao ambiente.

Um garçom com o cabelo lambido e o bigode fino demais, nos atendeu.

— Boa noite, senhores, mesa para duas pessoas? — perguntou com um sorriso ensaiado.

— Se você considerar meu amigo apenas uma pessoa, pode ser — respondi.

O garçom deu uma leve olhada para cima, demonstrando não ter interesse nenhum em meu bom humor, e pediu para que o acompanhássemos. Seguimos para uma mesa próxima ao centro do estabelecimento.

Pedimos salmão ao molho de maracujá e, para acompanhar, vinho. Marcos estava ansioso para saber o motivo da comemoração, então contei em detalhes sobre a manhã daquele dia. O telefonema, a proposta, o cheque e a primeira ideia sobre o caso.

— Uma das mulheres mais lindas que já vi — reforcei.

— Um dos caras mais ricos da cidade. Esperava o quê? Que fosse casado com uma feiosa?

— É, mulheres assim normalmente se casam com homens do calibre do Afonso mesmo. A dama e o vagabundo é só uma fábula.

— O importante é que você tem um trabalho agora, meu irmão. E pelo que você me disse, vai ser moleza — disse Marcos, mastigando o salmão.

— Acredito que sim. Hoje à tarde ela teve um encontro com um engomadinho perfumado. Nada demais, mas a linguagem corporal dos dois demonstrava nervosismo e desconfiança. Rolou até uma mão em cima da outra. Mais alguns dias e consigo uma foto de um beijo, ou algo mais “*caliente*”. Aí sim, caso resolvido.

Marcos estava olhando algo atrás de mim, pude ver lentamente seu sorriso desfazer-se e algumas rugas de preocupação surgirem em sua testa. Quando me virei, vi o motivo da expressão no seu rosto: acabavam de entrar no restaurante Jéssica e o bonitão.

Vou lhes explicar que um dos problemas é que, infelizmente, depois de Jéssica não amei mais ninguém, e em meu íntimo, admito que ela ainda tinha o poder de mexer comigo. Talvez por ter sido meu grande amor, ou por ter me traído. A ferida que uma traição causa no orgulho de um homem é algo que jamais será curado.

Pedi mais um vinho, o que me pareceu a coisa mais sensata a se fazer no momento. Depois de alguns minutos repeti o pedido; admito não parecer mais tão sensato, mas era bom e, afinal, eu estava comemorando.

Mesmo depois de ter tomado bastante vinho, pude ver que Marcos já estava começando a ficar desconfortável, e não entendi o motivo. Sempre fui de me comportar bem em situações de estresse.

Ele insistiu para que eu parasse de beber. Acabei a última taça e cedi aos seus pedidos para irmos embora. Levantei e segui meio trôpego até a fila do caixa para pagar.

Enquanto aguardávamos, senti o perfume de Jéssica. Não bastasse o mesmo estabelecimento, agora eles estavam na mesma fila, logo atrás de mim. Virei de lado e olhei para os dois.

— Davi, que surpresa. — Ela meneou a cabeça, exibindo um sorriso falso no rosto.

— Jéssica. Percebi que você estava aqui só pelo perfume, algumas coisas a gente não esquece. Li em algum lugar que a memória olfativa é a melhor.

Aliás, que cheiro ruim, você não está sentindo? — perguntei cinicamente.

— Não, eu não sinto nada. — Ela fez cara de dúvida e olhou para os lados, sem entender.

— Ah, perdão, não tinha percebido, deve ser este *merda* que está com você!

Neste momento o bonitão deu um passo à frente, tentando fazer seu papel de macho alfa. Fechei meus punhos e, menos de um segundo depois, pude sentir Marcos me puxando para frente.

— Vamos parar por aí, crianças. Agora não é hora *pra* esse tipo de coisa. — Ele já estava entre nós dois.

— Então cuide do engraçadinho do seu amigo, antes que eu mesmo cuide! — esbravejou o bonitão.

— Se me lembro bem, quem teve que cuidar de você da última vez foi a Jéssica. Ela precisou te levantar do chão, de onde você estava apagado — falei com um sorriso.

Ele tentou dar outro passo em minha direção, mas Marcos era, literalmente, uma parede, e paredes dificilmente se movem quando alguém tenta atravessá-las.

— Eu disse; chega! Parecem dois moleques. — Marcos começava a se irritar, e aos poucos começávamos a chamar a atenção dos clientes do restaurante.

— *Okay*, melhor eu ficar longe mesmo, percebi que ela já reparou a minha camisa e sei que ela não consegue resistir. Isso são palavras dela, não minhas — não sei se era eu ou a bebida falando, mas de qualquer forma, não conseguia controlar —, e eu não estou muito a fim hoje, inclusive, acho que você engordou alguns quilinhos, Jéssica. Nada muito grave, mas dá *pra* perceber com essa roupa mais justa.

— Você é realmente um *idiota*, Davi. Não sei como pude te amar.

— Eu também não. Na verdade, não sei se chegou a amar de verdade. Mas não tem problema, a vida segue. E quanto a você, bonitão, vou te dar uma dica *pra* continuar vivendo o sonho: tente não chegar em casa mais cedo e sem avisar. Você pode ter uma surpresa.

Decidi parar por Marcos, não por Jéssica e muito menos pelo bonitão. Pagamos a conta e já estávamos de saída quando acenei e mandei um beijo para o casal do ano. Na maioria das vezes, a combinação de bebida e amores antigos acaba em problemas. Nesse caso, só não terminou porque Marcos não permitiu.

Entramos no carro e seguimos de volta para o meu apartamento. Marcos não disse uma palavra, muito menos eu. Para falar a verdade, nem me lembro muito bem de como fizemos o caminho de volta. Sei que me sentia um pouco envergonhado por ter deixado o álcool tomar conta de mim e estragar o que deveria ter sido uma boa noite de comemoração.

Adormeci e acordei com o que pareceu um terremoto, mas era apenas Marcos me cutucando e dizendo que havíamos chegado. Desci lentamente do carro. O caminho pelas escadas até meu apartamento foi árduo. Briguei alguns minutos com a fechadura até, enfim, consegui entrar.

Atirei-me no sofá e abri minha camisa da sorte sem desabotoar, fazendo com que os botões voassem para todos os lados da sala, e eu percebia que já não tinha mais nenhuma camisa decente, muito menos alguma que desse sorte.

Para fechar a noite, descobri que camisas da sorte não existiam, e me senti mais ou menos igual a uma criança quando descobre que o Papai Noel é uma farsa.

Coloquei mais uísque no copo e bebi. A bebida é aquele refúgio que você sabe que jamais te salvará, mas mesmo assim, quando tudo parece perdido e você não tem aonde se atirar, é nela que você se afoga. As coisas infelizmente são desse jeito, e não são poucas as noites que começam em bares com sorrisos falsos e terminam no sofá com lágrimas reais.

CAPÍTULO 12

Minha cabeça doía, parecia que algum baterista maluco tinha se apoderado de meu cérebro e estava tocando um rock pesado com cada neurônio que havia ali dentro. Abri os olhos lentamente, o sol já estava alto no céu e a claridade machucava. Não me lembro de ter pegado no sono, mas acordei em uma posição intermediária entre o deitado e o sentado. Sentia todas as dores possíveis e meu corpo gritava a cada tentativa de movimento, grandes heranças que a ressaca nos deixa.

Tentei levantar, mas a gravidade me jogou de volta no sofá. Reparei no quadro onde Marlon Brando parecia estar rindo de mim. Juntei todas as minhas forças e, dessa vez, a tentativa teve êxito. Cambaleei até o banheiro para o ritual diário. A água fria pareceu espantar um pouco as dores no corpo e me trazer de volta ao mundo real.

Com tudo pronto, cheguei à conclusão de que era hora de sair um pouco e dar seguimento ao trabalho que havia começado. Desliguei as luzes, que nem percebi ter ligado, deixando o apartamento na penumbra, e saí.

Fui até o elevador, mas no fim acabei optando pelas escadas. Meu corpo ainda reclamava, mas eu precisava me movimentar um pouco para espantar o espírito da bebida que ainda me possuía. Desci até a garagem, e no portamalas do carro procurei minha câmera. Tirei o cartão de memória com as fotos da tarde do dia anterior e segui a caminho da rua e do caos.

O prédio não era dos melhores, mas sua localização era interessante. Logo de cara, já dava para sair em uma avenida muito movimentada e badalada que tinha de tudo, desde lojas, até cafés e restaurantes. Uma diversidade cultural enorme, todos amontoando-se e brigando por um espaço melhor e que fosse bem visto no meio urbano.

O dia estava movimentado, como de costume, e as filas de carros e sons de buzinas tomavam conta da avenida. Apesar de ainda ser manhã, o calor já era intenso: seria um dia daqueles. Atravessei a rua até um estúdio de fotografias do qual eu era cliente desde que tinha me mudado para o prédio. Fotos reveladas rapidamente e descrição total; era apenas isso que eu precisava, portanto era o lugar ideal.

Empurrei a porta de vidro e entrei. O estúdio não era muito grande, um balcão de vidro que expunha alguns porta-retratos com pessoas aparentemente felizes em suas vidas perfeitas. Balcões nas duas laterais deixavam à mostra álbuns de casamentos e nascimentos, alguns quadros de

crianças nas paredes e era basicamente isso. Andei até a atendente, que era nova ali, pois nunca a tinha visto, ela aguardava pacientemente.

— Bom dia — disse por detrás de seus pequenos óculos rosa.

— Bom dia, tenho algumas fotos que preciso revelar. — Procurei em meu bolso o cartão de memória e entreguei nas mãos dela.

— Você precisa de todas as fotos?

— Todas do cartão, mas são poucas. Umas nove ou dez.

Ela me informou que em duas horas as fotos estariam prontas. Já estava saindo quando a atendente gritou:

— Senhor, desculpe, sou nova por aqui. Qual seria o tamanho das fotos?

— 15x21. A propósito, meu nome é Davi. Caso você fique um tempo trabalhando por aqui, nos veremos bastante. — Acenei e saí.

A troca da luz amena e confortável do estúdio fotográfico pela agressiva luz solar fez com que eu lembrasse de minha condição pós-bebedeira. Saí pela direita e parei na farmácia para comprar algumas aspirinas.

No caminho até o caixa cruzei com uma senhora que saía com uma sacola cheia de remédios. Isso me fez pensar que depois de certa idade, para vivermos em paz, temos que estar drogados em tempo integral, e isso talvez nem seja tão ruim.

Andando e mastigando as aspirinas me recordei do livro “Admirável Mundo Novo”, onde usavam uma pequena pílula chamada “Soma” para inibir pensamentos e manter as pessoas drogadas o tempo todo. Objetivos diferentes, resultados semelhantes.

Depois de três aspirinas e uma série de pensamentos distópicos, parei em uma cafeteria. Pedi um expresso duplo e um sanduíche de frango. Dos vários poderes contidos na cafeína, um dos mais incríveis é o de curar uma ressaca. É mais ou menos como se a ressaca fosse o Super-Homem e a cafeína sua *kriptonita*.

Para passar o tempo, acabei tomando dois cafés e comendo dois sanduíches, tudo isso lentamente, enquanto folheava o jornal sem muito interesse. Fiz algumas palavras cruzadas e esperei o tempo passar, e convenhamos que ele passa rápido demais quando estamos fazendo algo que nos dá prazer, mas tente ficar em uma cafeteria sem um livro, apenas esperando, por duas horas. O relógio parece mover-se de forma diferente, os ponteiros ficam travados e não mudam de lugar.

Quando saí da cafeteria, pelo tempo normal já havia passado duas horas, mas naquele tempo alternativo e travado da minha mente essas duas horas

pareceram quarenta e oito.

Fiz o caminho de volta parando para pegar as fotos. A menina simpática, que mais parecia uma versão feminina do Harry Potter, atendeu-me novamente; peguei as fotos, paguei, e com o material em mãos me despedi. Em seguida, voltei para meu prédio, fui direto para o carro e de lá para o escritório. Depois de alguns minutos no trânsito, entre aceleradas, freadas, buzinas e sinais obscenos, cheguei ao meu destino.

Desabei na cadeira e comecei a abrir o envelope com as fotos. A maioria delas não estava muito boa, distantes demais, mostravam apenas Tamiris, que estava de frente para o banco onde eu estava sentado. O engomadinho sempre de costas para a câmera, larguei as fotos na mesa desanimado.

As fotos caíram sobre a mesa revelando a última delas, que eu ainda não tinha visto. Não lembrava dela, foi tirada no momento em que eles estavam saindo do bistrô, um close perfeito do rosto do homem. Era exatamente o que eu precisava.

Peguei meu celular e disquei o número de Ana. Três toques depois ela atendeu:

— *Quem é vivo sempre aparece, ou telefona* — disse a voz alegre e bem-humorada do outro lado.

— Boa tarde, eu gostaria de falar com a policial mais linda da delegacia.

— *Desculpe, senhor, mas acho que foi engano.* — Gargalhou ela. — *Davi, como você está? Muitos casos? Muita confusão nessa vida de detetive?*

— Nem me fale, tudo tão movimentado quanto uma corrida de lesmas. Mas estou em um caso novo e preciso de um favorzinho seu.

— *Ai, ai, ai, lá vem encrenca... Sabia que você não podia ter ligado para sua ex-parceira apenas para dar um alô, como uma pessoa normal faz.*

— É coisinha leve, gata, só uma traição da alta sociedade. Mas preciso que você identifique um homem *pra* mim. Fiz umas fotos ontem e tenho uma do rosto dele que é fichinha *pra* identificar. Cinco minutos e você resolve.

— *Não sei, Davi, se alguém descobre que eu te passo informações eu perco o emprego e vou ter que participar dessa tal corrida de lesmas junto com você.* — Pela primeira vez durante a ligação, percebi um pouco de tensão na voz dela.

— Quebra essa *pra* mim. Ninguém vai descobrir, teu santo é forte. Pensa que trabalhou anos comigo e ainda está viva, quer prova melhor que essa?

— *Tá bom, passa pro meu celular a foto, que eu vou ver o que encontro desse cara. Mas só mais essa vez.*

— Obrigado, gata, te devo mais uma. Quem sabe a gente se encontra alguma hora dessas e eu pago por tudo isso com uma noite inesquecível de prazer.

— *Pode ser... nos seus sonhos, bobalhão* — respondeu Ana, encerrando a ligação.

Com meu celular, bati uma foto da original e enviei para ela. Depois de ter sido demitido da polícia, por sorte minha amizade com Ana se manteve sólida, e além dela ser uma ótima pessoa, algumas vezes me dava uma pequena ajuda em minhas investigações.

No mundo das investigações o que temos de mais valioso são os contatos.

Aguardei pacientemente. Meus olhos ainda pesavam pela noite passada, escorei os cotovelos na mesa e deitei a cabeça sobre eles. A imagem lembra um adolescente rebelde que enfrenta a professora e a ignora para não assistir a aula.

Cochilei.

CAPÍTULO 13

Quando acordei ainda era tarde, mas as sombras já tomavam conta de grande parte do escritório. Dormi por mais de duas horas. Percebi que o LED verde piscava em meu celular, indicando uma nova mensagem. Peguei, desbloqueei e li.

Era uma mensagem de Ana:

"A ficha do cara está no seu e-mail. PS: Toma cuidado que ele não é flor que se cheire."

O computador também tirava uma soneca, fiz com que ele acordasse, mesmo a contragosto, e me mostrasse os e-mails. Dois me chamaram atenção, primeiro o de Ana, e depois um sobre crescimento natural do pênis. Preferi deixar esse segundo para lá e focar no trabalho.

O nome do engomadinho era Evandro Baden.

Tinha 34 anos, crescido na periferia, filho de uma prostituta que passava a maior parte do seu dia bêbada, chapada ou as duas coisas simultaneamente. Ele não conheceu seu pai pelo motivo óbvio de ele ser um dos vários clientes de sua mãe e ela não ter ideia nenhuma de quem poderia ser o felizardo.

Depois que descobriu estar grávida, ninguém conseguiu entender por que preferiu manter a gestação até o fim e ter a criança. Talvez uma luz no fim do túnel, a ideia de um bebê trazendo um pouco de esperança para uma vida desgraçada, ou apenas displicência. De qualquer forma, a esperança jamais veio.

Evandro cresceu em um mundo violento, entre bandidos, traficantes e molestadores. As piores espécies de ser humano ele já conhecia antes dos quatorze anos, quando sua mãe morreu de overdose. Ele a encontrou deitada no chão do pequeno casebre de madeira com a cabeça pousada sobre o próprio vômito. Ele não chorou e nem lamentou, apenas seguiu em frente, a única opção que a vida lhe deu naquele momento.

A partir disso, ele decidiu que seria assim; a vida consistia em olhar para frente e seguir, independentemente dos percalços que ocorriam no meio do caminho.

Ouviu certa vez em um filme sobre um boxeador, que o importante não é quão forte a vida nos bate, mas o quanto estamos dispostos a apanhar e mesmo assim seguir em frente. Desde então decidiu que a vida não iria lhe derrubar, e tem isso como um mantra pessoal.

Como era esperado, sozinho e sem dinheiro nenhum, começou a andar

com o pessoal barra pesada e aprender as malandragens da vida, para poder ganhar algum dinheiro e se sustentar sozinho. Em pouco tempo já estava traficando também. Ele se embrenhava em um mundo de escuridão, cavando para si mesmo um buraco do qual jamais conseguiria sair.

Era um garoto inteligente, e começou a ganhar dinheiro e respeito na periferia onde crescera. Já não vivia mais na pobreza com a qual era acostumado. Não era rico, mas já conseguia manter certo status. Trabalhava sozinho e preferia cuidar de sua mercadoria e de seus clientes sem que ninguém se envolvesse.

Cresceu sozinho, aprendeu a se virar por conta própria e queria que tudo continuasse dessa forma. Não gostava e nem queria depender de ninguém. Quando criança confiou em sua mãe, que lhe desapontou desde o momento em que ele nasceu. Sendo assim, cresceu pensando que as pessoas estragam tudo, e se tinha que acreditar em alguém, que fosse nele mesmo. Ele era dono de seus atos.

Apesar do tráfico e de todas as atividades ilegais, Evandro jamais se envolvera com violência, mas sempre que necessário, persuadia alguém a cometer atrocidades por ele em troca de algum dinheiro ou mercadoria. No fim, sempre conseguia o que queria.

O ser humano é ganancioso, um dia está andando a pé, no outro de moto, depois com um carro popular e a escada para a riqueza continua sua subida, um degrau de cada vez. Porém, essa escalada para o sucesso pode levar à perdição se não soubermos a hora de parar. No caso dele, o objetivo sempre fora chegar ao topo do mundo, mas o mundo de cada um é algo muito singular, e não satisfeito apenas com o dinheiro das drogas, decidiu começar a traficar armas também.

Teve algumas passagens pela polícia por tráfico, mas como a lei é falha, o ciclo acaba sendo sempre o mesmo: uns poucos dias na cadeia e logo depois, de volta à rua. É como a água que evapora, sobe até o céu e volta para terra em forma de chuva. Assim vivia Evandro, indo e vindo, negociando deliberadamente com quem precisasse do produto que ele ofertava. A lei da oferta e procura movimentando o mercado negro.

Frequentava quase todas às noites um pub chamado Coquetel. Era lá que encontrava alguns clientes, bebia umas e outras e fechava alguns negócios.

— Mais um “traficantezinho” para minha lista. O que uma mulher do nível de Tamiris fazia com um cara dessa laia? — resmungava eu, em um monólogo.

Quando olhei para o relógio, eram 18h10. Ainda era cedo, e depois da minha soneca de algumas horas, estava com as energias renovadas. Liguei para Marcos e perguntei se ele tinha algum plano para a noite, caso contrário, poderíamos ir a um *pub* chamado Coquetel.

Combinamos de nos encontrarmos mais tarde.

CAPÍTULO 14

A noite estava agradável, a lua cheia ainda reinava no céu e, diferentes do dia anterior, as estrelas tomavam conta. É bonito quando, mesmo em meio a todo o ferro e concreto da cidade, conseguimos perceber um céu infestado de pontinhos brilhantes. Era pouco mais de 20h quando estacionei meu carro em uma rua quase em frente ao *pub*.

Mesmo sem nunca ter entrado lá, dava para perceber pelo lado de fora que era um daqueles com cara de restaurante, ou talvez um restaurante com cara de *pub*, tanto faz. Marcos me aguardava na recepção, sempre pontual e, como de costume, com o tradicional sorriso estampado no rosto.

Uma garçonete também sorridente veio nos atender. Pedimos uma mesa para duas pessoas, o que foi fácil de conseguir naquele horário. A garçonete nos acompanhou, deixou dois cardápios e seguiu seu caminho saltitando. Provavelmente uma novata, não conseguia acreditar que alguém pudesse ser feliz assim em um lugar que em poucas horas estaria cheio de bêbados mal-educados fazendo brincadeiras *idiotas* com ela.

O *pub* começava a ficar cheio depois das 21h, ela dissera, por isso tudo estava tranquilo. Mesas de madeira rústica, pendentes com lâmpadas dentro de garrafas, iluminação baixa e aconchegante, ideal para encontros românticos e negócios clandestinos. Pedimos duas cervejas para começar a noite.

Marcos quis saber o que havia acontecido para que eu quisesse sair duas noites consecutivas, falei que queria me redimir da noite anterior, mas também que estava ali por diversão e trabalho. Expliquei a ele toda a história de Evandro Baden.

— Pode crer, enfim as coisas começaram a andar nessa investigação — ele disse sorrindo.

— Tomara, minha barca estava furada há algum tempo. Espero que dessa vez o remendo seja forte e a mantenha flutuando.

— E descobriu mais alguma coisa sobre a tal Tamiris?

— Além do que contei ontem, nada, só consigo lembrar que ela é muito gostosa. A legítima dondoca, mas uma das mais bonitas que vi nos últimos tempos — respondi, lembrando com detalhes dela. — Agora preciso descobrir ao certo o que ela faz se encontrando em plena luz do dia com um traficante. Algo bom não pode ser, pois foram bem cuidadosos olhando para todos os lados antes de entrar e sair.

— É, meu irmão, *pra* tudo tem um primeiro passo. É só pensar que você está a caminho dos outros dez mil. Agora temos que esperar um pouco *pra* ver se o malandro dá as caras por aqui.

— Falando em dez mil, eu daria os meus por uma noite com a tal Tamiris. — Pisquei o olho, brincalhão.

— Nem dez mil e nem um milhão, você já teve problemas suficientes com mulheres, e o que precisa agora é de uma mulher normal. — Ele faz uma pausa, mas logo complementa: — E de preferência solteira.

— Gosto de mulheres normais, mas elas parecem não gostar muito de mim. Meu cupido normalmente acerta a flecha direto naquelas que tatuam a palavra PROBLEMA bem no meio da testa.

— Toca aqui essa biritá e vamos brindar à demissão desse cupido babaca e a contratação de um novo que só vai acertar a flecha em mulheres comuns — disse ele, levantando o copo de cerveja.

Brindamos e bebemos.

Algumas coisas descem bem, mas uma cerveja gelada em uma noite quente é uma dádiva dos deuses. Pedimos uma porção de todas as frituras que existiam no cardápio. Comemos e continuamos jogando conversa fora por tempo indeterminado.

Passava das 22h e o lugar estava lotado, muitas pessoas por metro quadrado. Marcos tinha ido ao banheiro — depois da quarta cerveja, uma aliviada podia fazer bem para a bexiga. Senti um cheiro bom que não me era estranho e pensei em como o conhecia, mas nada me veio à mente, assim, decidi procurar pelo odor. Uma vez li algo sobre a memória olfativa ser a melhor, mas no meu caso, pude reafirmar que meus olhos eram muito melhores que o meu nariz.

Quando olhei para trás, de cara reconheci o homem, e aí sim lembrei do cheiro. Era o perfume do engomadinho. Ele passou por mim e se sentou no balcão do bar, perto de outros dois homens. Não pareciam pessoas muito simpáticas à primeira vista, mas não queria fazer julgamentos precipitados de novo.

O que estava sentado logo ao lado do engomadinho era um branquelo de cabeça raspada, barba por fazer e uma tatuagem que parecia algum símbolo de gangue no pescoço, o outro homem, que estava no canto do balcão, era negro, enorme, usava um boné preto e uma regata branca. Os braços cheios de tatuagem e no dorso da mão, mesmo com a distância e a iluminação baixa, consegui perceber que o símbolo tatuado era o mesmo que estava gravado no

pescoço do *skinhead*. Se meus instintos não estavam falhando, aquilo realmente era uma tatuagem de gangue.

Um corredor de pessoas se abria em frente à nossa mesa. Pensei ser uma briga, mas não, era apenas Marcos retornando ao seu lugar. Ele chegou, sentou e deu uma suspirada de alívio. Viu que eu não estava mais sorrindo; um ar um pouco mais tenso e uma expressão séria tomavam conta de meu rosto.

— Ih, toda essa carranca só porque fui ao banheiro? Já disse que no dia em que eu for embora você morre de saudades.

— Sabe o engomadinho? — falei, ignorando a brincadeira. — Está sentado atrás de mim no canto do balcão. Tem mais dois caras com ele, um negro e um branco mal-encarados.

— Tá bom, eu percebi, mas o qual é o problema, você não aprova as amizades dele? — Sorriu novamente.

— Olhe para a mão do negro e para o pescoço do *skinhead*, os dois tem o mesmo símbolo tatuado. Me parece alguma marca de gangue.

Marcos parou por um tempo e discretamente analisou a dupla.

— *Los Santos*! — exclamou.

— *Los Santos*? Que sentido faz isso?

— Olha bem, Davi, o símbolo tem um círculo com as letras L e S dentro, e por fora duas asas e uma auréola.

Virei, olhei algumas mulheres para disfarçar e escorreguei o olhar para o canto do bar. Fixei no símbolo e realmente era o que Marcos havia deduzido.

— *Los Santos* com auréola e tudo! E eu pensando que essa galera estava mais *pra El Diablo*. Um tanto bonitinhas aquelas asinhas também. Estou bem mais tranquilo agora que sei que o símbolo é de alguma igreja e eles querem apenas pregar a paz.

Marcos revirou os olhos e gargalhou. O sinal de que ele estava começando a ficar bêbado era exatamente esse, ficar metido a engraçado e rir das minhas piadas. Ele sempre tinha um sorriso no rosto, mas não era muito de gargalhar, principalmente quando falávamos de algum assunto sério e eu incrementava a conversa com alguma gracinha. Porém, depois de algumas cervejas, ele começava a gargalhar por nada.

— Ainda não entendi qual a sua preocupação com isso, Davi — questionou, ainda rindo de algo que não fora assim tão engraçado.

— Minha preocupação é que se Tamiris está envolvida com o engomadinho e ele está envolvido com alguma gangue, ela pode se meter em

problemas.

— Entendi, mas seu trabalho é saber se ela está traindo o marido. Tirando isso, você não tem nada a ver com essa mulher.

— Ela é meu trabalho e tenho tudo a ver com ela. Estou investigando a vida dela, e se ela estiver tendo um caso com esse cara, pode ser uma ida sem volta. E se for isso mesmo, preciso avisar ao marido antes que a coisa fique feia.

— Mas você nem sabe qual é o envolvimento dela com esse cara, e nem o dele com os dois mal-encarados.

— Exatamente, mas pelas informações que Ana me passou hoje, já da *pra* ter uma ideia da *merda* em que ela está se metendo. E meus instintos dizem *pra* jogar a *merda* no ventilador e dar às costas para as consequências. Pretendo falar para Afonso tudo isso.

Marcos se endireitou na cadeira com um ar um pouco preocupado.

— Tem certeza, Davi?

— Certeza não, eu precisava vir aqui e ver com meus próprios olhos o tipo de pessoa que ele era. O que preciso agora é de uma foto dele e dos dois homens sentados com ele para ter provas.

Uma cadeira ao lado do *skinhead* ficou vaga. Levantei-me e andei em direção a eles, sentei e fingi estar mexendo no celular. Abri a câmera, encontrei um bom ângulo e tirei uma foto, o que não percebi é que a câmera estava com o *flash* no modo automático, e na penumbra do *pub* ele acendeu como um raio na escuridão, antecedendo a foto. Os três me olharam ao mesmo tempo.

— Desculpem, era pra ser uma *selfie* — tentei disfarçar.

O branquelo se virou, e com um golpe — o qual eu desviei categoricamente inclinando-me para trás e levantando, tentou tirar o celular da minha mão. Coloquei o celular no bolso, ele se levantou e logo atrás dele uma muralha negra pareceu se erguer do outro banco.

— Dá o celular agora — disse o negro, com voz de trovão.

— Já pedi desculpas, ou vocês acham que eu quis tirar uma foto proposital de vocês para enviar para algum site de fofocas?

— Cara, ninguém tá brincando aqui. Vamos te esfolar vivo! — esbravejou o careca.

— Opa, os dois falando, mas um cuidando *pra* não interromper o outro, isso sim que é sintonia. Saibam que eu não tenho preconceito nenhum, e até sou a favor do casamento gay.

Em um movimento rápido, o gigante negro deu um jogo de corpo no branquelo e com a mão agarrou meu colarinho. Não tive tempo de antecipar o movimento e, conseqüentemente, não consegui me desvencilhar daquela mão enorme. Ele encolheu o braço e fechou o punho pronto para me dar um soco. Nessa hora fiz o que podia, que era me encolher, fechar os olhos e aguardar a pancada.

Escutei um baque seguido de um estrondo e um tremor categoria cinco na Escala *Richter*. Abri os olhos e vi o grandalhão caído no chão e Marcos ao meu lado. Percebi o branquelo adiantando-se, porém dessa vez eu estava atento, e antes que ele chegasse até nós, chutei entre suas pernas. Senti seus testículos esmagando-se em minha canela, em seguida o rosto dele mudou de cor e ele desabou.

Com *Han Solo* e *Chewbacca* no chão, os seguranças do local já se aproximavam e o engomadinho nos olhava com olhos arregalados. Quando o primeiro segurança chegou ergui minhas mãos e Marcos fez o mesmo. Logo em seguida chegaram mais três homens, todos de terno preto. Se estivessem de óculos escuros poderiam confirmar que eu era um alienígena e eles eram agentes da MIB.

— Desculpem a situação, amigos, aconteceu um mal-entendido aqui. Tentamos explicar a estes senhores, mas infelizmente eles nos atacaram — falei, apontando para os dois no chão. — Não precisam se preocupar, já estamos de saída. — Puxei Marcos pelo braço e, acompanhados pelo quarteto de seguranças, saímos do *pub*.

— Pensa em um detetive discreto — soltou Marcos.

— O *flash* me enganou; essa tecnologia não é fácil de controlar. Por sorte, você, meu herói, estava lá *pra* me salvar.

— Se eu for colocar no papel, você já me deve umas sete vidas, Davi.

— Sete vidas? Acho que isso foi uma forma de dizer que você me acha um gato, é isso? — Marcos soltou um grunhido inaudível e se dirigiu para o carro.

— Boa noite, Davi.

— Boa noite, meu Golias — impliquei, antes que ele entrasse no carro.

CAPÍTULO 15

Andei em direção ao meu carro. A noite não estava mais tão clara e as nuvens escondiam a lua, fazendo a escuridão prevalecer. Entrei, logo em seguida inclinei um pouco o banco para não ficar visível e aguardei. O plano era simples, esperar o engomadinho sair, pegar meu carro e segui-lo. Não sei se daria em alguma coisa, mas minha cabeça fervilhava de ideias relacionadas a ele e a gangue, e nenhuma delas era boa coisa.

Alguns minutos depois, a dupla da gangue *Los Santos* saiu do bar cambaleante. Eles se apoiavam um no outro, e o branquelo andava tão duro que parecia estar com as pernas engessadas. Não pude deixar de sorrir. Apesar de tudo, era uma cena engraçada.

Ficar de tocaia era algo chato e que eu odiava com todas as minhas forças. Já estava ali esperando há algum tempo antes de ver Evandro saindo apressado do *pub*. Eu estava um pouco distraído depois de quase uma hora imóvel dentro do carro, e quando percebi, ele já virava a esquina. Não dava para ir de carro àquela hora da madrugada sem ser percebido, as ruas estavam desertas, então decidi que iria a pé. Desci do carro e andei rapidamente, tentando seguir na mesma direção que ele.

Andei até a esquina, mas não avistei ninguém. Segui por mais uma quadra, mas apenas o vento e a luz incandescente dos postes me faziam companhia. Um cachorro preto atravessou a rua mais adiante. Pensei que gatos pretos, na crença popular, significam má sorte, cachorros acho que não querem dizer nada. De qualquer forma, virei de costas e segui meu caminho, indo até o final de mais uma quadra e depois da outra.

Nada do engomadinho.

Avistei apenas um homem enorme que andava rápido e parecia ter algum tipo problema na perna, ele estava longe, entrando em uma viela escura. Mesmo nessa distância e vendo apenas sua silhueta nas sombras, deu para perceber que não tinha nada a ver com quem eu procurava.

No fim, desapontado e contrariado, acabei voltando para o meu carro.

Embarquei nele sem conseguir disfarçar e decepção. Fazia tempo que não tinha um pouco de ação no trabalho, sentia falta da adrenalina, do coração batendo forte, daquele sentimento que só o perigo gera. Perseguir e ser perseguido... Resumindo, eu sentia falta de ser policial e fazer algo que, em minha concepção, realmente importasse. Donzelas e príncipes traídos colocavam comida na minha mesa, mas não alimentavam a minha alma.

Concluí que minha noite tinha chegado ao fim. Não tinha mais o que fazer, ele podia ter pegado um carro, um táxi, um Uber, e ido para qualquer lugar. Meus poderes de "Mãe Diná" não estavam ativos no momento, então decidi voltar para casa, descansar e começar cedo no dia seguinte.

Liguei o carro e segui meu trajeto solitário. No caminho, pensamentos continuavam martelando em minha cabeça: *o que uma mulher como Tamiris fazia com um cara que estava envolvido com gangues?* Seu marido ficaria realmente surpreso. Talvez fosse apenas mais um caso clássico do tipo "A Dama e o Vagabundo"; mulher rica cansada da monotonia decide ter um caso com um malandro apenas para saciar sua fantasia de sede e aventura, o que é muito mais comum do que parece.

Mas o engomadinho conseguia disfarçar bem. Julgando apenas pela aparência, ele não tinha o perfil de malandro, já os outros dois que estavam com ele, sim. Podia ser que ela não sabia quem ele realmente era, e tenha se envolvido julgando apenas o penteado perfeito, os ternos de grife e o perfume importado.

Difícilmente conhecemos a pessoa com a qual estamos tendo um caso. Algumas vezes, passamos anos casados e, no fim, percebemos que não conhecíamos a pessoa que dormia ao nosso lado todas as noites. Todos guardam algum segredo, alguns pequenos e inofensivos, outros pesados e até mesmo mortais.

Cheguei em casa, joguei a camisa e a calça no chão e me atirei na cama apenas de cueca. Fazia calor dentro do apartamento e a brisa que soprava da janela não era suficiente para acabar com o calor infernal do cubículo que eu chamava de quarto.

Deitado seminu, suado e com a cabeça viajando em pensamentos, esta era a imagem do meu fim de noite.

Coloquei o despertador para 07h, logo em seguida desisti. Duas noites de pouco sono eram demais. No dia seguinte descansaria e tentaria decidir o que fazer com as informações descobertas.

Antes de adormecer, o último pensamento que me visitou foi o rosto de Tamiris flutuando em frente aos meus olhos. O cabelo encaracolado ao vento, os lábios abrindo-se em um sorriso estonteante e os olhos verdes me fitando e piscando para mim.

Ah, aquele era realmente um quadro muito próximo da perfeição.

Adormeci.

CAPÍTULO 16

Ele era intocável, andando pela noite quente com seu terno feito sob medida e seu cabelo sem nenhum fio desalinhado. Caminhava rápido, quase dando pulinhos de euforia, sorridente e emanando autoconfiança pela viela estreita e escura que atravessava. Depois de duas linhas de cocaína, era mais ou menos assim que ele se sentia.

Intocável.

Já era madrugada e o movimento era quase nulo. Ninguém na rua, e muito menos na ruela escura pela qual ele passava. Nos postes, as lâmpadas queimadas faziam da noite sem lua quase um breu, mas ninguém se importava: aquela era uma área quase desabitada, onde só passavam traficantes e mendigos. O barulho do vento se misturava ao ronco fraco dos reatores dos postes que tentavam ligar lâmpadas que há tempos se foram.

Ele decidiu usar aquele atalho, pois era o caminho mais rápido para chegar em casa. Sentia-se muito sortudo por ter um ponto de drogas próximo ao seu lar. Tudo estava dando certo, estava ganhando dinheiro, trabalhava apenas meio turno e gastava todo o dinheiro em roupas de grife, produtos de beleza, drogas e *putas*, era a vida que tinha pedido a Deus. Trabalhar pouco e ganhar muito, o sonho de todo cidadão, mas, para ele, isso já estava transformando-se em realidade.

Na metade do caminho, ouviu um barulho e olhou sobre os ombros, vendo um homem enorme a alguns metros. Manteve o passo e não se importou muito com o desconhecido. Contudo, parecia que os passos se aproximavam, ou seria alguma alucinação recorrente da droga? O barulho que parecia chegar mais perto era estranho. Não eram apenas passos, parecia um passo e algo arrastando, algo como *toc, xiiic, toc, xiiic*.

A curiosidade foi maior e, não se contendo, ele olhou novamente para trás, apenas para constatar que realmente o gigante estava mais perto. Não dava para ver seu rosto, apenas o contorno da sua silhueta refletida pela pouca luz artificial que chegava por trás dele, vinda do fundo da viela.

O gigante mancava, por isso o som de um passo e um arrastão. Ele pensou que era estranho um manco ser tão rápido. O efeito da droga estava menor agora, a euforia começava a passar e ele conseguia sentir as palpitações do coração tamborilando no peito. Analisou a situação e concluiu que não podia estar sendo seguido, não lembrava de nenhum inimigo. Fazer amizade com gangues tinha suas vantagens, as pessoas tinham medo de mexer com ele. Era

um homem protegido e nunca sujara suas mãos de sangue, mas tinha contatos que, por alguns trocados, derramavam quanto sangue ele quisesse.

Só poderia ser efeito da cocaína, a droga o estava fazendo imaginar que o homem lhe seguia. Mesmo assim preferiu apressar o passo, precaução não fazia mal a ninguém.

Estava distanciando-se quando ouviu um barulho metálico seguido de um *pf*. Em menos de um segundo sentiu sua perna ser jogada para frente, o tendão de Aquiles romper e sua tíbia esfarelar. Caiu no chão em posição fetal, agonizando e gritando de dor, sentiu o terno caro aos poucos ir ficando úmido e quente. Sangue escorria de sua canela e encharcava as calças, sapatos e meias. Sua cueca também estava úmida: ele tinha mijado nas calças.

Em uma viela deserta, baleado e perseguido por um manco. Imaginou ser encontrado no outro dia ali mesmo, deitado no chão em meio a uma poça de sangue e mijo. Todo o esforço que teve durante toda sua vida para conseguir status e ser alguém importante, para agora morrer desse jeito.

Nessa hora, uma conclusão bateu à porta de sua mente, e ela dizia que independentemente de quem você for em vida, a morte jamais virá com glamour.

Toc, xiiic, toc, xiiic, o gigante manco se aproximava com seu passo arrastado. Olhando do chão, o homem parecia ainda maior. Seus olhos lacrimejavam e estavam pesados, a dor na sua panturrilha era excruciante e sua visão começava a embaçar. Antes de desmaiar, ele se surpreendeu mais uma vez com a agilidade do homem, que agora, agachava-se e encostava as mãos enormes no seu pescoço. Ele tentou se encolher, mas desmaiou antes que pudesse fazer qualquer coisa.

Algumas horas se passaram, ou talvez muitas, não tinha como saber. Ele não sabia quanto tempo tinha ficado inconsciente, mas sabia que ainda era noite. Ou teria passado um dia inteiro e já era noite novamente?

Estava em um galpão, paredes de madeira velha e mofada, telhado de zinco, nenhuma janela, apenas uma porta de ferro e uma lâmpada incandescente pendurada por um fio que pendia sobre seu corpo nu. Sim, ele estava deitado e amarrado a uma maca de ferro nu.

Fez força, contorceu-se, mas nem sinal das amarras cederem. A única parte do seu corpo que estava livre e ele conseguia mover era a cabeça, mas olhar para os lados não era nem um pouco animador. Aquele quadrado de madeira e zinco parecia prestes a desmoronar. Não bastasse isso, o único móvel presente na sala era uma bancada que parecia ser de ferramentas; do ângulo

em que estava, conseguia ver diversos tipos de alicates.

Sua panturrilha queimava, suor escorria por todo o seu corpo e inutilmente ele continuava tentando se soltar. Usava a perna boa para tentar espernear e se debatia com desespero, mas todo esforço que fazia parecia ser em vão. Além de não produzir resultado algum, estava deixando-lhe mais fraco.

Adormeceu novamente.

Acordou com o barulho de uma porta sendo aberta. Nem precisou olhar para saber quem havia chegado; o som daqueles passos arrastados era inconfundível. O gigante que tinha acabado com sua perna estava ali.

— Quem é você? — ele choramingou da maca.

— Eu sou a última pessoa que você verá — uma voz rouca e grave respondeu.

— Mas... Por quê? — Ele agora chorava de verdade, as palavras saindo entrecortadas pelos soluços. — O que eu fiz?

— Não faço perguntas, apenas acato ordens. Você se meteu com as pessoas erradas, apenas isso.

O grandalhão se encaminhou para a mesa no canto da sala e pegou um alicate universal. Dirigiu-se lentamente para a maca batendo com o alicate ritmadamente nas mãos.

— Quem? Por favor, me diga quem e o que eu posso fazer para remediar. Pelo amor de Deus, eu vou morrer e nem sei o porquê.

— Você conhece Tamiris Foletti? — perguntou o gigante.

— Não... Nunca ouvi falar dessa mulher. Por favor, me solte — lamuriava o homem amarrado à maca. Agora, sem terno de marca feito sob medida e com o cabelo totalmente despenteado, nem parecia ser o mesmo homem.

O gigante se aproximou e segurou seu pulso direito. Sua mão parecia uma morsa, qualquer força para se desvencilhar era em vão. Prendeu o alicate na unha de seu polegar e puxou. A unha veio inteira em um só puxão. O homem amarrado uivou de dor e tentou se contorcer, mas as amarras o mantiveram fixo no lugar.

— Tudo bem, tudo bem, me encontrei com ela uma vez apenas, para tratar de negócios. — O homem suava frio, seus olhos esbugalhados emanavam loucura e ele parecia estar prestes a desmaiar novamente.

O gigante pegou seu anelar e arrancou a segunda unha. O homem se debateu e gritou mais alto que antes. Estava com dois dedos em carne viva e o torturador não parecia demonstrar nenhum sinal de empatia.

— Socorro! — gritou em desespero.

— Ninguém vai te ouvir aqui, pode gritar o quanto quiser — respondeu o outro, sorrindo maliciosamente.

— Não fiz nada para esta mulher, por favor, me deixe ir *pra* casa! — suplicou. Lágrimas caíam de seus olhos, secreção escorria pelo seu nariz. O pânico agora era completo.

— Isso não importa, você queria respostas, a única resposta é essa. Afonso Foletti não gosta que sua mulher faça negócios com estranhos. Ainda mais sem o seu consentimento.

— Mas já disse, não fiz negócio com ela. Só vi essa mulher uma vez.

— Entenda que eu não julgo ninguém, apenas transmito a mensagem, e a mensagem de hoje é fazer você sofrer para que todos vejam quem realmente tem poder nessa cidade.

O gigante se dirigiu à bancada novamente. Puxou algo do fundo, que o homem não conseguiu ver. O pavor se refletiu na lâmina do facão que o torturador segurava quando se virou novamente para a maca. Com a visão daquele homem enorme com um facão em mãos, as súplicas e gritos ficaram mais altos. Mesmo sabendo que nada adiantaria, ele continuava gritando.

O homem se aproximou da maca e com o alicate apertou um dos testículos do prisioneiro, que pareceu se quebrar como um ovo de pássaro. Ele gemeu, sua voz já quase inaudível. O gigante aliviou a pressão, mas a dor não diminuiu.

O alicate foi solto e deixado ali mesmo entre as pernas dele. O rosto do gigante apareceu em sua frente tapando-lhe toda a visão. O homem já não raciocinava direito. Aquilo era demais para qualquer ser humano. Ser torturado e morrer por culpa de uma mulher que ele praticamente não conhecia e por um negócio que nem havia sido concretizado.

Ali estava a prova de que o crime compensa, mas por tempo determinado. Dez anos de riqueza e ostentação, trocados por uma temporada de sofrimento eterno no inferno.

A dor era demais, ele rezava e clamava por um Deus no qual não acreditava, ansiava por desmaiar, apagar de vez e não sentir mais nada. Enfim seus desejos foram realizados, a última coisa que ele viu antes de morrer foi a mão do gigante avançando com a lâmina do facão em direção ao seu pescoço.

Ele não teve aquela sensação de ver toda a vida passar em frente aos olhos, ou alguma luz no fim do túnel.

Seu fim não teve nada de especial, apenas a escuridão eterna da morte.

CAPÍTULO 17

Abri os olhos e me sentei na cama, não havia passado das 08h e eu já estava suado. Sonhos são estranhos mesmo. Por incrível que pareça, não foi meu habitual pesadelo, mas um sonho com Tamiris. Um daqueles sonhos nos quais você torce para voltar a dormir e continuar exatamente de onde parou.

No sonho, ela fora até meu escritório, disse que sabia quem eu era e o que eu estava fazendo. De início fiquei um pouco assustado, mas depois percebi que ela estava caidinha por mim e decidi jogar meu poder de persuasão sobre ela. Acordei exatamente na hora mais *caliente* do sonho, quando ela abria o sutiã.

Sabia que não conseguiria voltar a dormir, e muito menos fazer com que o sonho voltasse, então preferi levantar de uma vez, deixar a ilusão de lado e voltar para a vida real.

Resumindo, abandonar uma das mulheres mais bonitas que já vi sem nem saber como são seus peitos, para entrar em um Ford Focus ultrapassado e seguir para mais um dia monótono.

É preciso muita coragem para fazer essa troca.

Arrumei minhas coisas e dei uma passada na academia de boxe para começar a manhã um pouco mais ativo e disposto. Sandro ficou contente e surpreso em me ver lá pela segunda vez em poucos dias. Estava esforçando-me, precisava fazer com que meus hábitos antigos voltassem, pois a idade estava começando a chegar, e mesmo tendo casos tranquilos e que não necessitavam de muito esforço físico, era melhor garantir e estar em forma, é impossível saber quando iremos precisar perseguir ou socar algum engraçadinho.

Parei em uma cafeteria e aproveitei um bom café expresso e um sanduíche antes de ir para o escritório.

Eram 10h30 quando cheguei. Liguei o computador e me sentei, precisava pensar sobre o que fazer com as informações que havia obtido na noite anterior.

O engomadinho com o qual Tamiris havia se encontrado era um traficante e estava lidando com gangues e homens perigosos. Talvez ela não soubesse quem ele realmente era e o que fazia. Se estavam tendo um caso, era melhor que acabasse antes que ela se machucasse. E nesses casos, a dor poderia ser tanto emocional quanto física, dependendo do ponto até aonde as coisas fossem; um homem assim nunca é confiável.

Peguei o celular e disquei o número de Afonso, mas antes mesmo de dar o primeiro toque desliguei. Não queria me precipitar, tinha que saber mais antes de fazer qualquer besteira, mas independentemente disso, eu precisava do dinheiro que ele me pagaria quando o caso fosse encerrado. Decidi que iria seguir Tamiris e tentar estudar mais um pouco sua rotina, ver se ela iria encontrar com ele novamente.

Peguei o carro e segui para a entrada do bairro onde ela morava, estacionei na esquina onde ficava o acesso ao bairro de luxo, mesmo lugar que havia ficado no dia anterior, que eu já sabia que poderia ver caso ela entrasse ou saísse.

Nessas tocaias o tempo realmente não passa. Às vezes eu dava sorte e ficava apenas alguns minutos esperando, em outras, precisava ficar horas até que houvesse alguma movimentação, e foi exatamente o que aconteceu naquele dia.

Eu já tinha envelhecido uns trinta anos dentro do carro e estava pronto para desistir quando a BMW apontou na esquina. Novamente percebi a discrepância entre ela e o motorista, é aquela cena onde os desenhos animados parecem reais e você vê o *Shrek* andando com a princesa.

Liguei o carro e comecei a segui-los.

Diferente do que pensei, eles pararam exatamente no mesmo bistrô do outro dia e ela se sentou no mesmo lugar. Pelo que pude perceber pelo garçom, ela devia ser cliente assídua, pela leitura labial ele a chamou pelo nome e ela pediu o de sempre.

Como tudo estava igual, decidi não estragar as coisas e também sentei no mesmo banco, porém as coisas acabaram mudando um pouco. Vários minutos depois, ela olhava impaciente para o relógio e para os lados, mas ninguém apareceu. Exatos quarenta minutos depois, Tamiris chamou o garçom, pagou a conta e saiu.

Ela passou por mim caminhando, e eu mantive o olhar no chão para que não me visse. Nossos olhares já haviam se cruzado uma vez, mas duvidava que o efeito que aquele olhar teve sobre mim tivesse sido o mesmo nela. Como detetive, seria horrível que ela me reconhecesse, mas como homem, seria o feito do ano.

Mais uma vez, vida pessoal e profissional em conflito com meus desejos.

Como esperado, ela passou reto por mim, sem troca de olhares ou sorrisos discretos com o canto da boca. Nada.

Um pouco decepcionado — e ao mesmo tempo aliviado —, levantei e

comecei a segui-la. Algumas quadras depois, já havíamos nos afastado um pouco do movimento. Decidi aumentar um pouco a distância, com poucas pessoas ficaria mais fácil de ser notado. Estranhei o trajeto que fazíamos, pois estávamos entrando em um bairro pobre da cidade; não dava para entender o que uma mulher como ela queria fazer naquele lugar.

Vielas estreitas, sujas e cinzas destoavam do seu vestido branco impecável. Algumas pessoas mal-encaradas olhavam quando ela passava; apesar de ser metade da tarde, os únicos sons ali eram os passos de Tamiris e um ou outro carro que se aventurava a passar.

Há poucos minutos estava olhando para um bistrô chique no meio da cidade, e agora parecia estar em um universo paralelo, onde a pobreza e o lixo tomavam conta de tudo. A realidade é essa: enquanto uma parte das pessoas vive uma vida de luxo, outras passam fome e lutam diariamente para ter o pão na mesa.

Estamos em um tempo onde as pessoas precisam olhar para si mesmas e ver que está tudo bem, o próximo não importa mais, e é por isso que nossa sociedade está escondida atrás desta máscara de luxúria e capitalismo que jamais irá cair e deixar entrever sua verdadeira face. Algumas coisas jamais serão desmascaradas, pois se fossem, o caos viria à tona.

Tamiris virou uma esquina e eu continuei seguindo-a, quando fiz a curva, pude vê-la encostada em uma parede com as mãos para cima e dois homens próximos a ela. Um deles estava com uma faca em seu pescoço e o outro revirava sua bolsa à procura de dinheiro.

Eu parei e apenas observei, não podia fazer nada. Estava sendo pago para investigá-la e isso poderia pôr em risco minha descrição e todo o trabalho. Minhas mãos estavam suando. Ela não tentava reagir, apenas se mantinha parada, olhando para os dois.

Eles não demonstravam impaciência alguma. Pela forma como agiam, já estavam acostumados a fazer aquilo. O mais baixinho, que estava mexendo na bolsa, já estava com a carteira aberta e pegava o dinheiro. Ele jogou a bolsa no chão e eles fizeram menção de ir embora, porém o mais alto, com cabelo lambido de gel, direcionou um olhar malicioso para ela e falou para seu colega:

— Podemos conseguir algo mais com essa daqui. — Ele sorriu e fez um movimento com a faca, retirando o primeiro botão do vestido de Tamiris, que se abriu deixando à mostra uma parte de seu sutiã.

Ela se assustou e começou a ofegar. O baixinho passou a mão em seu

cabelo, olhou para os seios dela e lambeu os lábios, como em uma cena de filme já ensaiada.

— Creio que tivemos sorte hoje, rica e gostosa! — disse o nanico com excesso de peso.

Eu precisava intervir, estupro já era demais. Eu não conseguiria ficar parado assistindo a isso, minha índole não permitiria. Teria que ser rápido, tirar os dois de cena e ir embora, sem maiores apresentações, bem ao estilo *Homem-Aranha*.

Dei um passo à frente quando o cabelo lambido colocou a mão na cintura dela e a puxou para si. Fingi que estava perdido quando dei as caras andando em direção aos três.

— Ei, cara, sai fora daqui! — disse o mais alto, que parecia ser o chefe da dupla. Olhei para eles com cara de espanto e parei, ele fez um sinal com a cabeça indicando ao outro que desse um jeito de me tirar dali.

Parecendo o *porquinho Baby* do filme, ele chegou até mim com uma rapidez incrível; eu tinha a opção de esperar para ver o que eles iriam fazer e apenas contra-atacar, ou simplesmente atacar primeiro. Com anos de experiência, eu sabia que independentemente da atitude que tomasse, o resultado com esse tipo de gente seria sempre o mesmo: violência.

Ele olhou em meus olhos, colocou a mão em meu ombro e começou a me empurrar.

— Certo, *idiota*, vamos sair daqui. Eu e meu amigo estamos lidando com algo delicado que não precisa de nenhum curioso assistindo.

Deixei que ele fizesse um pouco de pressão em meu ombro, dei um passo para trás e quando a mão dele desencostou de mim retomei com um passo à frente, seguido de um soco cruzado direto em seu maxilar. Ele não esperava por aquilo, e quando percebeu já era tarde demais. Minha mão atingiu em cheio seu queixo, ouvi um som semelhante a um “*creck*” e senti seu osso quebrando. Ele caiu no chão, apagado.

Quando seu companheiro viu a cena, sua primeira reação foi de espanto, mas logo foi substituída pela raiva e ele seguiu em minha direção com a faca passando de uma mão para a outra. O problema de estarem longe um do outro era esse, o elemento surpresa só deu certo com um, e infelizmente foi com o desarmado, agora eu tinha que lidar com um homem maior e com uma faca em mãos.

— Vou rasgar todo seu rosto, parceiro! — gritou, avançando com a faca apontada em minha direção.

Deu dois golpes que acertaram apenas o ar; esquivei-me dos dois. O terceiro veio de cima para baixo e eu consegui segurar seu braço, tentando fazer com que soltasse a faca, mas seu pulso escapou da minha mão e a lâmina desceu zunindo e cortando meu ombro. Por sorte joguei o tronco para trás e o corte foi superficial, porém dolorido.

Ele desequilibrou um pouco quando a faca desceu e, aproveitando isso, agarrei seu braço novamente e com a mão livre soquei com força sua traqueia; o golpe deu certo: ele arregalou os olhos, deixou a faca cair e colocou ambas as mãos no pescoço, tentando encontrar um pouco de ar.

O golpe na traqueia é um dos preferidos na defesa pessoal, tendo dado certo, o agressor fica sem ar na mesma hora.

Aproveitei o momento e chutei com toda a força que tinha suas canelas, seus pés se juntaram e ele caiu com um baque surdo no chão. Olhei a cena e vi que a dupla caída não tinha chance alguma de qualquer reação. Tamiris me olhava espantada.

Dei dois passos em direção a ela, mas lembrei que a minha missão era estilo *Homem-Aranha*, fazer o trabalho e sair, apenas isso. Vi que ela estava em segurança, então virei as costas para ir embora.

Conforme comentei antes, muitas vezes não sabemos como algumas coisas começaram ou qual foi o momento exato onde se iniciou em nossas vidas, porém eu tinha plena certeza e me lembrava de todos os detalhes daquele dia. Se tivesse um calendário eu teria feito um X bem grande e escreveria que aquele foi o início do fim de minha vida.

E o gatilho fora pressionado no exato momento em que ouvi sua voz.

— Moço, espere, por favor!

CAPÍTULO 18

Congelei. Simplesmente parei e me mantive de costas enquanto ouvia seus passos aproximando-se de mim. Sua mão tocou meu ombro e uma estranha eletricidade percorreu todo o meu corpo. Voltei-me em sua direção e desta vez nossos olhares se cruzaram por mais do que alguns segundos: ela me encarava com os olhos verdes brilhando, devido às lágrimas.

— Obrigada — disse em tom suave.

— Não tem de quê, moça.

— Me chamo Tamiris. — Estendeu a mão em cumprimento.

— Davi — respondi e me arrependi na mesma hora. Não conheço nenhum detetive que diga seu nome à pessoa que está investigando.

Compreenda que eu me encontrava em um estado entre a realidade e a hipnose; aquela mulher tinha um efeito avassalador sobre mim e eu nem a conhecia direto. Na verdade, sabia muito sobre sua história, mas em sua maioria, as histórias da nossa vida não refletem exatamente a nossa personalidade.

Algumas atitudes importantes, tomadas em momentos de transtorno e nervosismo, são as que definem quem realmente somos. Por exemplo, o que fiz naquele momento fala muito sobre mim. Em resumo, diz que sou um *idiota* que se deixou levar pelas emoções.

Nossas mãos se tocaram em um leve aperto, o cheiro do seu perfume importado inundando minhas narinas, dei um sorriso meio bobo quando vi sua expressão mudar, ela olhava para algo atrás de mim.

Ouvi barulho de passos e também olhei, cinco homens estavam virando a esquina e de imediato fitaram os outros dois que estavam no chão. Seus olhares se desviaram para nós. Nesse momento o baixinho resolveu que estava na hora de acordar e lentamente tentava sentar.

Um dos cinco homens se abaixou e tentou ajudá-lo, os outros quatro ficaram intercalando o olhar entre nós e os outros três.

— *Quê* que aconteceu, Zeca? — perguntou o de jaqueta de couro, que ajudava o baixinho a se levantar. Ainda meio zonzinho, ele se encostou na parede e apontou o dedo para nós.

“Zeca” — pensei; se não estivéssemos em uma situação de urgência eu certamente cairia na gargalhada.

— Esse desgraçado acertou a gente! — disse ele em uma pronúncia estranha, causada pelo seu maxilar quebrado.

Todos os olhares caíram sobre nós. Agora eram cinco homens, e não dois. Eu olhei nos olhos de Tamiris, que parecia bem assustada, cheguei próximo ao ouvido dela e sussurrei:

— Agora precisamos correr.

Os homens começavam a se aproximar, e no exato momento em que o jaqueta de couro gritou, nós começamos a correr.

— Peguem ele! Podem machucar o valentão, e segurem a mulher para decidirmos o que fazer com ela depois.

Eu puxava Tamiris pela mão e corríamos o mais rápido que conseguíamos, mas os sapatos de uma mulher rica não são feitos para situações de fuga. Dobramos a viela e tudo continuava deserto, apenas o som de nossos passos e dos gritos dos homens que nos seguiam.

— Precisamos sair deste bairro e voltar para um lugar movimentado! — gritei para ela enquanto corríamos.

— Eles vão nos pegar, não tem como!

Ao longe, umas quatro quadras adiante, era possível ver a avenida principal e os carros passando, porém ela tinha razão: eles nos alcançariam antes de chegarmos lá. Seguir em linha reta era suicídio.

— Temos que tentar despistá-los, não conseguiremos chegar lá antes deles — falei e saímos pela lateral em uma das ruazinhas paralelas que pareciam não ter fim naquele bairro. Optei por aproveitar a geografia confusa do lugar, pois eram várias as ruas e quebradas ali.

Antes de nossos perseguidores conseguirem nos ver, dobrei em outra, e em seguida em mais uma; já tínhamos virado umas três vezes em ruelas, quando percebi um tapume de madeira meio solto sobressaindo em uma parede. Puxei a madeira e olhei lá dentro, era um pequeno beco com apenas alguns tijolos e sacos de cimento.

Abri espaço, empurrei Tamiris para o cubículo e em seguida entrei. Era um espaço muito pequeno, mal cabiam os materiais de construção ali, nos apertamos e ficamos praticamente encostados um no outro.

Conseguimos ouvir os homens passando correndo lá fora, mas continuamos no mesmo lugar, mesmo depois de eles já terem ido.

— Sei que é desconfortável aqui, mas vamos esperar um pouco — sussurrei.

— Prefiro passar o dia aqui a ser violentada por aqueles marginais! — respondeu ela.

Quando meu dia começara, não esperava ficar em uma situação como

aquela, era para ser só mais um daqueles dias comuns e monótonos, mas a vida gosta de nos pregar peças, enganar e surpreender. Talvez seja essa incerteza que faça com que a vida seja algo tão assustador e imprevisível; nunca sabemos quando acontecerá algo que poderá mudar o rumo das coisas para sempre. Acho que ter medo dessas surpresas, viver no caos de um mundo abandonado e mesmo assim levantar todos os dias da cama com a esperança de que algo bom possa acontecer, é o que nos faz realmente humanos.

Alguns minutos depois nossa respiração já voltava ao normal e lá fora era possível ouvir apenas o silêncio. Ao que tudo indicava, os homens já haviam se dispersado, talvez ainda estivessem procurando por nós, mas não estavam mais próximos dali.

— Acho que podemos ir agora — falei, empurrando um pouco a madeira do tapume. — Me espere aqui, vou ver se realmente está tudo bem.

Saí de trás do tapume e me esgueirei até a esquina, olhei para os dois lados, fiquei em silêncio tentando ouvir se alguém estava por perto, mas não pude ouvir nada além dos carros que passavam na avenida algumas quadras adiante. Quando voltei e puxei a madeira novamente, Tamiris me olhou com expressão de medo, mas quando me viu o alívio tomou conta de seu rosto.

— Vamos, o caminho está livre. — Abri espaço para que passasse e seguimos a caminho da avenida. Ela andava assustada e arregalava os olhos a qualquer barulho que houvesse. Não disse absolutamente nada até chegarmos à avenida principal.

— Acho que o pior já passou, estamos a salvo por aqui — falei, tentando amenizar um pouco a situação.

— Muito obrigada por tudo, não sei o que poderia ter acontecido caso você não estivesse chegado — ela disse e me abraçou.

Admito que o abraço me pegou de surpresa. Inicialmente, fiquei sem reação, como uma criança quando é pega fazendo alguma peripécia, mas em seguida o retribuí, deixando-me levar. Novamente aqueles segundos pareceram eternos, e eu não queria mais que o abraço terminasse.

— O que mais eu poderia fazer ao ver uma donzela em perigo? — respondi sorrindo, quando ela me soltou. Ela deu um sorriso com o canto da boca que me fez ter uma pequena palpitação, coisa de homem, e como somos bobos quando se trata de mulheres. — Uma mulher como você não deveria estar em um lugar como este. O bairro é perigoso e as pessoas não estão acostumadas a mulheres do seu porte, principalmente aquele tipo de pessoas

que encontramos lá atrás.

— Eu sei, mas precisava muito ver um amigo que mora lá, era algo urgente.

— Parece que essa urgência vai ter que esperar, a não ser que seu amigo fosse algum dos “tarados do beco” — falei, fazendo aspas com os dedos, e dessa vez ela riu de verdade, mostrando um conjunto de dentes tão brancos e brilhantes que quase pude ver minha imagem refletida neles.

Estava tão distraído conversando e andando, que não percebi que apenas segui o caminho pelo qual ela andava, e quando me dei conta, estávamos próximos ao bistrô onde tudo começara.

— Bom, eu vou chamar meu motorista agora. Preciso ir para casa tomar um banho quente e descansar um pouco. O dia foi um pouco mais tumultuado do que eu esperava.

— Quer que eu espere com você até ele chegar?

— Melhor não. Meu marido é um pouco ciumento, e se formos vistos juntos aqui ele certamente vai querer saber quem você é e por que estava comigo. E não quero que ele saiba deste amigo que eu estava procurando, o assunto que tenho com ele é um pouco delicado também — ela respondeu, parecendo um pouco constrangida.

— Meu pai sempre dizia que mulheres bonitas demais significam problemas demais. — Eu sorri. Ela sorriu encabulada e olhou para os próprios pés. — Muito bem então, Tamiris, acho que essa é a nossa despedida.

— Não sei como te agradecer, Davi, muito obrigada por tudo — ela falou e estendeu a mão.

— Quando precisar estou à disposição. O trabalho de herói não é fácil, mas preferimos salvar donzelas em perigo a tirar gatinhos das árvores. — Apertei sua mão.

Ela sorriu, virou as costas e atravessou a rua até o bistrô. Antes de entrar, deu uma olhada para trás e me lançou mais um pequeno sorriso. Fiquei parado apenas observando, como uma estátua com cara de *idiota*. Vi quando ela sentou e conversou com o garçom, pegou o celular e provavelmente ligou para o *Shrek* vir buscá-la. Afastei-me um pouco, saindo do seu campo de visão, mas continuei por perto observando. Alguns minutos depois, o motorista apareceu.

Ela entrou no carro e eles partiram, voltando para a realidade fantástica dos ricos.

CAPÍTULO 19

Ainda permaneci parado por mais algum tempo antes de entrar no meu carro e voltar para casa. A caminho percebi que estava com fome, minha única refeição havia sido o sanduíche que comi pela manhã e o dia já estava terminando.

A hora do *rush* estava começando, mas quanto a isso não tinha muito o que fazer, então utilizei o tempo no trânsito para pensar e analisar o acontecido do dia. Pela primeira vez em minha vida — e na profissão de detetive — eu salvei uma pessoa que eu estava investigando; isso não era algo muito bom, afinal, muita coisa poderia dar errado a partir disso.

Minha identidade deveria ser sigilosa, contudo, eu apareci, salvei a moça e ainda me apresentei com meu nome verdadeiro. Se bem que existem muitos Davis em uma cidade tão grande, e não iria ser fácil para ela me encontrar caso procurasse.

Pensando bem, ela não teria motivo algum para me procurar; o episódio daquela tarde aconteceu por acaso. Ela estava lá escondida, procurando alguém que não devia, com certeza iria tentar esquecer de tudo isso. Meu ego reclamou quando pensei nisso, no fundo gostaria que ela pensasse em mim. Talvez, na melhor das hipóteses, ela manteria o episódio fresco na cabeça, mas iria guardar para si mesma, assim ninguém saberia onde ela esteve e o que fazia.

“Um assunto delicado, e o marido não podia saber que ela estava ali, pois era ciumento”, foi o que ela disse. Pode ser que isso fosse parte da resolução do caso, mas dificilmente amantes não aparecem no encontro. Na verdade, não recordo de nenhuma investigação que eu tenha feito em que o amante tenha dado o cano.

Ninguém gosta de ser amante, mas o ser humano tem uma tendência a apreciar coisas proibidas, então junte um sexo desesperado de quem não está satisfeito em casa, com a ideia de que ninguém pode descobrir, porque aquilo é errado, e você terá um Adão e Eva modernos, comendo uma maçã juntos no Jardim do Éden. O ser humano é falho desde o princípio, e não resiste quando a ideia é cometer um pecado para seu próprio prazer.

Continuei pensando que um homem não deixaria uma mulher daquelas esperando, ainda mais quando o tempo para estarem juntos é curto. Acontece que até então eu havia pensado apenas no tópico sexo, mas e se fosse alguma outra coisa, talvez drogas? Afinal, o engomadinho era um traficante.

Mas Tamiris não tinha cara e nem jeito de alguém que usava drogas, muito pelo contrário, ela parecia ser bem saudável, e creio que deva passar horas na academia, não horas usando drogas. Mas isso não me interessava, o que precisava descobrir realmente era o porquê de ela estar encontrando-se com ele e finalizar de vez esse caso. Minha racionalidade dizia que precisava dela fora de minha vida e esse caso encerrado de uma vez por todas.

Já estava estacionando o carro próximo ao *Italian* quando cheguei à conclusão de que quanto mais eu pensasse no assunto menos soluções eu encontraria. Estacionei e me dirigi ao restaurante.

Abri a porta, ainda era bem cedo e, por isso, estava vazio. A loira novata e fenomenal que me atendeu no outro dia estava no caixa; ao invés de sentar, dirigi-me diretamente a ela.

— Boa tarde, senhor — disse ela, fixando os olhos azuis em mim.

— Olá, tudo certo? — respondi, pensando novamente que ela devia estar me chamando de senhor apenas por educação, e não pela minha aparência.

Pedi um daqueles pratos comerciais enormes para levar e fui até uma mesa para aguardar. Observei um pouco a moça do caixa, que sorria para outro cliente que acabara de chegar, e tentei parar de pensar naquela tarde e em Tamiris. De tempos em tempos, a moça loira me olhava e sorria — eu ainda estava na dúvida se ela era muito simpática ou se estava realmente me dando mole. Independentemente de qual fosse o caso, eu não estava com cabeça para aquilo.

Cerca de 15 minutos depois, ela veio até a mesa e me entregou o pedido. Paguei e aguardei o troco; nesse meio tempo em que eu estava aguardando, entraram mais três homens no restaurante, e quando ela voltou para me entregar o dinheiro o olhar dos três a acompanharam. *Homo sapiens* mostrando que mesmo depois de tanta evolução, o que fala mais alto são os nossos instintos mais primitivos.

Quando ela me entregou o dinheiro sua mão ficou mais tempo do que devia em contato com a minha e seu olhar se manteve um bom tempo fixo no meu. No momento em que sua mão escorregou, percebi que tinha algo além do troco; ela deu um sorriso maroto e saiu acompanhada pelo olhar dos três homens e do meu, afinal não era tão evoluído assim.

Coloquei tudo o que ela me entregou no bolso, peguei a sacola com a comida e saí. Antes de fechar a porta, dei uma olhada sobre o ombro e ela ainda me encarava com aqueles olhos azuis brilhantes e um sorriso.

Andei até o carro, sentei, coloquei a comida no banco do passageiro e,

deixando a curiosidade vencer a batalha, peguei o papel que ela tinha me entregueado com o dinheiro. No pequeno bilhete tinha um número de telefone seguido de uma pequena mensagem: “*Muito prazer, me chamo Paula*”.

O que a Paula podia querer comigo era outro mistério, mas isso teria que esperar, eu não estava disposto a desvendá-lo naquele exato momento. Meu instinto me aconselhava a ficar longe, até por ela parecer uma mulher bacana — mesmo sem conhecê-la, podia sentir isso — e mulheres que parecem valer a pena não merecem alguém que não possa estar lá por elas quando precisarem.

Recoloquei o papel no bolso do casaco e segui meu caminho para casa. Depois do dia de hoje alguns fatos tinham mudado, e antes de qualquer conclusão, precisava saber da intenção, ou seja, o que Tamiris queria com o engomadinho. O fato de eu ter dado uma de herói não facilitava em nada a minha situação: agora ela me conhecia, e por mais comum que o meu rosto fosse, dificilmente esquecemos o rosto de alguém que nos tira de uma enrascada. A partir de agora eu teria que ser mais cuidadoso ao segui-la.

Entrei na garagem do prédio e subi os cinco andares de escada e, para meu espanto, quando entrei no corredor as luzes se acenderam: alguém havia trocado o sensor de presença. Não que essa fosse uma informação relevante na minha história, mas é algo que estava há tanto tempo sem funcionar, que fiquei surpreso e decidi relatar.

Luzes acendendo-se depois de anos na escuridão... pode ser um sinal de que as coisas fossem melhorar para mim, ou não. Nós temos tanta fé que procuramos simbologia nas coisas mais banais, como uma luz acendendo-se, um dia de chuva depois da seca, um abraço apertado, a calmaria após uma tormenta e todas essas coisas. Por outro lado, podia ser que isso tudo não fosse tão banal assim e essas mensagens subliminares da vida realmente signifiquem algo.

No fim, somos o que somos, e enxergar além do óbvio nos faz sonhadores. Independentemente de dar certo ou não, ou dessa simbologia toda ser real ou falsa. Todos precisamos acreditar em algo, e no fundo preferimos crer que as coisas simples são realmente pequenos milagres.

Entrei no meu apartamento e fui direto para a pequena mesa de centro da sala. Liguei a TV e fiquei contente pelo fato de estar passando *Os Simpsons*, já tinha um tempo que não me sentava com calma para comer e relaxar assistindo algo de que eu gostava.

Nas gavetas, apenas dois pares de garfo e faca, dois pratos e dois copos;

nunca precisei de mais, e para falar a verdade, nem tinha usado todos eles ainda. Peguei o prato, tirei a comida da embalagem e me sentei para apreciar aqueles minutos de paz.

As luzes da TV dançavam e brincavam no apartamento, já escuro, quando meu celular vibrou sobre a mesa. Devo ter adormecido por alguns minutos, pois ao olhar para a tela, vi duas chamadas não atendidas de Ana e mais uma mensagem de texto.

Abri a mensagem e aquilo me atingiu como um soco na cara. Meu cérebro deu um nó; algo errado estava acontecendo. A mensagem dizia:

“Davi, toma cuidado. O homem que você me pediu informações, Evandro Baden, está morto. O corpo dele foi encontrado em uma viela; ele foi morto e torturado. Unhas arrancadas e testículos esmagados. Te avisei que não tinha nada de bom nesse tipo de gente.”

Deixei o celular cair novamente na mesa de centro e larguei o peso do meu corpo de volta no sofá. Minha cabeça deu voltas procurando por diversas teorias do que podia estar realmente acontecendo.

Uma pequena parte do mistério se fechou, porém outra se abre. Agora sei por que Evandro não havia ido ao encontro com Tamiris, entretanto precisava descobrir quem o matou e o porquê. O problema era; ele era a única testemunha.

E mortos não falam.

CAPÍTULO 20

Minha cabeça trabalhava a todo vapor. O que será que tinha acontecido com o engomadinho? Provavelmente alguma gangue rival devia tê-lo matado ou algo do gênero; traficantes muitas vezes morrem dessa forma, torturados, baleados, ou em supostos “acidentes” de carro.

Não sei por que, mas me passou pela cabeça que talvez Afonso Foletti tivesse alguma conexão com a morte do engomadinho, mas ao mesmo tempo, eu fui pago para investigar sua esposa, e ainda não tinha passado nenhuma informação sobre ela estar se encontrando às escondidas com o assassinado.

Peguei o celular e liguei para Marcos.

— *E aí, Davi, tudo certo?*

— Marcos, preciso de um favor. — Decidi ir direto ao ponto.

— *Qual é o problema?*

— Sabe o engomadinho que seguimos até o *pub* na outra noite?

— *Pode crer, me lembro bem dele.*

— Então, o cara foi encontrado morto, torturado, com as bolas amassadas e tudo mais.

— *Você chegou a falar para o advogado dos encontros de sua linda esposa com ele?*

— Esse é o problema, eu não passei informação nenhuma, inclusive, hoje à tarde a segui novamente. Ela foi até o bistrô onde se encontrou com ele e ficou uns quarenta minutos esperando, mas ninguém apareceu. Então ela foi até aquele bairro pobre que fica próximo, e lá foi assaltada e quase estuprada. Sorte que eu a estava seguindo.

— *Então agora ela te conhece?*

— Claro que não. Quer dizer, eu a salvei, nos apresentamos e tudo mais. Mas ela sabe apenas que me chamo Davi e que sou incrivelmente bonito.

— *Abre o olho, Davi, esse tipo de gente é encrenca. Lembre de fazer o trabalho da forma mais limpa e rápida que puder e depois sair fora.*

— Eu estou tentando, mas não podia deixar a moça ser estuprada bem na minha frente e não fazer nada.

— *A síndrome do Zorro é algo que fala mais alto em você, eu sei. Mas enfim, você falou, falou e não disse o que precisa.*

— Precisava te contar a introdução da história antes de chegar à questão principal. Quero que veja aí com seus amigos e informantes se alguém sabe de alguma coisa sobre a morte do engomadinho. Creio que seja algo

relacionado ao tráfico e às gangues, mas nunca se sabe. Tem muita coisa passando pela minha cabeça agora, e não consigo ter certeza de nada.

— *Deixa comigo, que vou ver o que consigo.*

— Tá certo, e cuidado — respondi, desligando o telefone.

Ainda estava estagnado no sofá, olhei a hora no celular, 20h. Peguei as chaves do carro e saí. Não tive nenhuma ideia melhor, a não ser ir até o bairro onde os Foletti moravam e vigiar para ver se aconteceria alguma coisa diferente por lá. Provavelmente seria mais uma daquelas tocaias noturnas chatas, mas qualquer coisa me parecia melhor do que ficar em casa e não fazer nada.

Quando saí de meu apartamento, surpreendi-me novamente com a luz ligando automaticamente no corredor. Segui até meu carro e dei partida para uma noite amena e agradável. Conforme me afastava dos prédios, passei a ver as estrelas e a lua, visões que muitas vezes a selva de pedra em que moramos não nos permite ter.

Parei em um posto de gasolina, abasteci e comprei um expresso duplo para levar — não que a cafeína ainda tivesse muito efeito sobre mim, mas o café amargo me agrada bastante. Em uma noite solitária e lenta de espera, um café sempre faz bem. Algumas vezes prefiro uma bebida mais forte, amarga e com base alcoólica, porém naquela noite precisava estar alerta e não zonzinho.

Estacionei no local de sempre, na saída do bairro, e aguardei para ver se acontecia alguma movimentação. Não acreditava que ela iria sair à noite; na verdade, nem sabia bem o que pretendia encontrar parado ali. Mas dentro de minha cabeça, um sinal alertava que havia algo errado.

Talvez fosse apenas besteira; eu pensava ser muito bom com intuições, até o dia em que peguei minha ex-mulher na cama com outro. Duas traições no mesmo dia: dela e da minha intuição, e essa foi a prova real que tirei de que minha intuição era uma *merda*, pelo menos para o amor.

O mais engraçado era que a traição de Jéssica foi o que me levou à ruína, e o que me sustentava eram as traições alheias. Novamente os ciclos da vida, que é mesmo uma piadista e continuará nos pregando peças até o dia de nossa morte.

Enquanto esperava e degustava meu café, um carro passava por mim e entrava no bairro, mas o que me chamou atenção era que era um Gol quarta geração e, como havia percebido no outro dia que entrei e fui abordado pelo segurança, carros que valiam menos de cem mil reais não eram bem aceitos naquela área. Isso me levou a crer que o carro não devia ser de nenhum dos

moradores.

Desci do carro e segui a pé para não chamar tanta atenção. De carro eu seria visto com certeza, mas caminhando dava para me esgueirar sem que ninguém me visse, inclusive o meu amigo segurança, que poderia estar novamente fazendo sua ronda, e ele provavelmente lembraria de mim. Não pela minha beleza e nem nada do gênero, apenas por ter ficado com raiva de mim.

Normalmente, quando ficamos com raiva de alguém, pensamos bastante naquela pessoa. É cientificamente comprovado que nosso cérebro tem uma inclinação para as coisas negativas. Ou seja, se você tem raiva de alguém, provavelmente perderá um bom tempo dos seus dias remoendo e pensando na pessoa.

Andei até a entrada do bairro e vi quando o carro parou, o segurança — um diferente do outro dia — percebendo o intruso, foi até lá. O sujeito do carro apenas abriu o vidro, os dois pareceram se cumprimentar e trocar uma ou duas palavras e pronto, o segurança seguiu sua ronda. O homem, que parecia enorme, ficou dentro do carro, aguardando — ele estava em um ângulo em que eu não conseguia ver seu rosto.

Eu me escondi atrás de uma árvore e aguardei. Minutos depois, um homem com abrigo esportivo da *Nike* chegou correndo; o carro estava estrategicamente parado no único local do bairro que não era cem por cento iluminado, porém a lua cheia deixava a noite clara o suficiente para que eu pudesse ver o que estava acontecendo. O homem correndo estava de capuz, mas quando chegou próximo ao carro consegui ver que era Afonso.

Ele parou ao lado da porta do motorista, trocou palavras rápidas com o sujeito anônimo, levantou o casaco do abrigo, pegou um envelope semelhante ao que entregaram na minha sala alguns dias atrás e entregou ao homem. Ou seja, tínhamos apenas duas opções naquela situação: ou era propina, ou ele estava pagando por algo. Afonso olhou para os lados, dando impressão de estar nervoso com a cena, e logo após continuou sua corrida.

O carro ligou, fez o contorno e seguiu em direção à saída. Aguardei, curioso para ver o rosto do motorista. O carro não tinha película alguma, e quando passou por mim, pude ver claramente quem estava dentro dele.

Quase caí sentado no chão. O café que eu tinha tomado pareceu regurgitar acompanhado de um gosto amargo de bile; eu me escorei na árvore e por pouco não vomitei. Se antes minha cabeça estava dando voltas, agora ela tinha ido até a lua e voltado em menos de trinta segundos. Eram pensamentos

e suposições demais, aquilo estava começando a ir além de um simples caso de traição, algo mais estava acontecendo, e agora a minha intuição e desconfiança se transformaram em certeza.

O homem enorme que estava dentro do carro e havia recebido dinheiro de Afonso era Alceu, o antigo capanga de Lúcio.

CAPÍTULO 21

Sentei no chão, escorando as costas na árvore, onde estava escondido, e respirei fundo. O que Alceu estava fazendo fora da prisão? E além do mais, pegando dinheiro de um advogado que supostamente era um herói para todos da cidade. Depois de ter visto essa cena, comecei a pensar em Afonso como o lobo vestindo a pele de cordeiro. Ultrapassando aquela linha tênue entre a ganância e a honestidade.

Na frente do povo e da imprensa não defendia bandidos e só fazia o que sua índole julgava certo, e por trás da cortina dava dinheiro para um dos piores tipos de pessoa que pode fazer parte da sociedade. Alceu era a escória da humanidade, aquela pessoa que cresceu no ódio e a única coisa que ele conhece da vida é isso. E aparentemente, independentemente de quão bom ou rico a pessoa seja, todo mundo têm um preço.

Continuei respirando profundamente, precisava me acalmar um pouco e começar a raciocinar, traçar teorias e tentar encontrar uma solução para tudo isso. Pensando bem, teorias não adiantariam nada, eu precisava de fatos para saber com que tipo de situação e de pessoas estava lidando.

O que mais me assustava no momento não era Alceu, pois apesar de saber do que ele era capaz, ele era previsível, já Afonso, não sabia o que pensar. O rosto por trás da máscara muitas vezes é muito pior do que esperamos. Eu me sentia como uma criança de quatro anos de frente para um quebra-cabeças de mil peças sem ter ideia de qual peça encaixa em qual.

Peguei meu celular no bolso e mandei uma mensagem de texto para Ana: *“Alceu está solto, me explica isso, por favor!”*. Recoloquei-o no bolso e me levantei; já estava um pouco mais calmo e raciocinando um pouco melhor.

Quando saí detrás da árvore ouvi passos, o tempo para que eu voltasse a me esconder foi exato. Sem querer, com a adrenalina correndo por minhas veias, fiz um pouco de barulho para conseguir voltar de forma rápida ao meu esconderijo. Afonso voltava de sua corrida, e eu estava tão absorto em meus pensamentos que nem percebi; por poucos segundos não fui visto. Ele parou, tirou o capuz da cabeça e olhou fixamente em direção à árvore onde eu estava.

Rezei para que ele não viesse ali, se decidisse vir eu estava perdido, não tinha para onde fugir. Ele se manteve parado por mais alguns segundos, depois recolocou o capuz e seguiu o trajeto de volta para a sua mansão. Respirei fundo mais uma vez, e esperei mais alguns segundos antes de sair.

A lua cheia deixava a noite mais clara do que o normal e graças a ela eu pude reconhecer todos os envolvidos na pequena transação financeira, mas agora estava torcendo para que algumas nuvens tapassem toda aquela luz e me deixassem seguir tranquilamente pelas sombras até o carro.

Espiei, ouvi atentamente, mas apenas minha respiração se manifestava. O segurança estava em sua ronda, Afonso provavelmente tomava um banho em seu castelo encantado, tudo calmo demais em um bairro supostamente seguro demais, com pessoas ricas demais.

Tudo ali era demais.

Depois daquela noite, minha desconfiança sobre Afonso também estava ficando demais.

Percorri o caminho até o carro e fui direto para meu apartamento.

É engraçado como a trilha sonora faz parte de nossas vidas, e muitas vezes as músicas que estão tocando têm a ver com o que estamos passando no momento.

A vida não tem um botão de *stop*, mas se tentarmos frear um pouco e prestar atenção em algumas coisas conseguimos perceber detalhes que muitas vezes passam despercebidos. *Axl Rose* cantava enquanto *Slash* deslizava os dedos pelas cordas da guitarra na melodia de “*Paradise City*”, exatamente no trecho que falava sobre um homem que queria voltar para a cidade do paraíso, onde a grama era verde e as garotas eram lindas.

Fazendo o oposto da música, eu estava fugindo da cidade do paraíso, pois além da grama ser verde e das garotas serem lindas, os homens de lá eram desonestos e vestiam uma máscara assustadora de decência que enganava todos à sua volta.

Chegando em casa, o celular vibrou em meu bolso no exato momento em que estava estacionando o carro, era uma mensagem de texto de Ana:

“Ele saiu já faz alguns meses, mas sem ter Lúcio como cabeça e Mauro como parceiro, não creio que possa fazer muita coisa.”

Comecei a pensar a respeito das informações que recebi mais cedo, o engomadinho morto e torturado, isso era a cara da antiga gangue de Lúcio, e Alceu era realmente bom nisso. Todos temiam Lúcio, mas não apenas por ele, e sim por seu poder e pelo que podia fazer com seus inimigos.

Alceu era um dos homens que mais assustava as vítimas. Tinha sangue frio, não se arrependia de nada, matava e torturava não só por que recebia ordens, mas porque gostava de fazer isso.

Um homem que gosta de matar e não tem remorso algum não é só um

homem perigoso, mas um psicopata que não deveria sair da prisão nunca. Porém, a lei é falha, assim como os homens.

Em suma, digo que nada feito pelo homem será cem por cento certo até evoluirmos a um ponto onde o foco serão as coisas corretas. O homem se diz uma raça evoluída, mas não percebe que evolução não significa melhoria, e sim mudança. Algo que evolui é algo que muda e se adapta, não necessariamente se torna melhor. Então só seremos melhores quando quisermos, fora isso, apenas iremos nos adaptar ao mundo como ele é.

Homens como Alceu pegaram toda a maldade do mundo, todo o ódio de uma infância e adolescência *fodida*, e realmente se adaptaram a isso, fazendo destas coisas um trabalho e ganha pão. Violência sem escrúpulos e homens sem nada a perder, uma combinação não só perigosa, mas totalmente mortal.

Abri a geladeira — que continuava vazia — apenas por mania. A luz incandescente tinha algo de hipnotizante em seu brilho amarelado que me fazia pensar um pouco; mantenho-a aberta por mais alguns segundos, antes de fechá-la e me sentar no sofá analisando qual seria meu próximo passo.

Decidi que ao invés da esposa, eu precisava seguir Afonso. Já havia alguns dias que meus instintos me alertavam sobre algo não estar certo e aquela noite comprovou a sensação de que alguma coisa realmente estava acontecendo. “*Há algo de podre no reino da Dinamarca*”, sorri sozinho quando me peguei pensando nesta passagem de *Hamlet*.

Mais uma vibração do celular, Ana novamente:

“*De qualquer forma, como você sabe a respeito do Alceu?*”

“*O vi sem querer, mas por sorte ele não me viu. Não creio que eu despertaria boas lembranças nele.*” — respondi, preferindo deixar Ana de fora do meu caso.

Já tínhamos trabalhado em muita coisa juntos quando éramos policiais, agora ela mantinha o emprego na delegacia e eu seguia minha vida de investigador particular fora da lei. Um policial não deveria cooperar com um investigador, por isso procurei incomodá-la só quando realmente fosse preciso. E nesse caso ela já tinha me ajudado bastante com informações.

Olhei pela janela, várias luzes já haviam se apagado e o mosaico colorido da cidade começava a ficar mais escasso e espaçado. Pessoas normais com seus problemas normais entravam em mais uma noite de sono para poder enfrentar a escravidão da rotina no dia seguinte. Apaguei a luz do meu apartamento, mais uma janela que caía na penumbra, deixando a noite um pouco mais escura. Pensei que dentro de cada janela, além dos metros

quadrados de concreto, existiam sonhos e histórias.

Janelas iluminadas são, de alguma forma, uma analogia à vida. Consigo até imaginar um Deus sentado no trono olhando para todas essas pequenas e frágeis luzes que estão apenas esperando um gesto seu para se apagarem. Cedo ou tarde, essas luzes se apagam e os olhos se fecham para sempre. Independentemente da ordem em que essas coisas acontecem, o mundo lentamente vai sucumbindo à escuridão.

Dia após dia.

CAPÍTULO 22

Consegui dormir e, por incrível que fosse, acordei sentindo a energia renovada. Não acreditava que estivesse cem por cento, mas pelo menos uns oitenta, o que já era grande coisa tendo em vista tudo que vinha acontecendo nos últimos dias.

Fiz a peregrinação diária de banho, escovar os dentes, pentear o cabelo e dar uma enganada no espelho, logo após vesti uma calça jeans e uma camisa preta básica. Percebi que estava com um pouco de fome, mas imediatamente lembrei que na noite passada tinha dado uma meditada com a geladeira e ela estava totalmente vazia, decidi então pegar algo pelo caminho.

Ainda era cedo, o que significa que não tinha dormido tanto assim, já era tarde quando fechei os olhos, mas pouco ainda era melhor do que nada, e não precisei beber e nem usar remédios, o que elevava este patamar para uma situação notável; se eu fosse de algum grupo como os alcoólicos anônimos, além dos parabéns dos meus colegas também ganharia um daqueles broches orgulhosos com mensagens de autoajuda para colocar na camisa ou mochila.

Quando saí da garagem, as ruas ainda não tinham um fluxo muito grande de carros e o céu estava brincando com a aquarela das cores, fazendo suas misturas mágicas e transformando a noite em dia. Como em um *déjà vu*, meu carro seguiu a mesma direção da noite anterior, direto para o bairro de Afonso e Tamiris. Iria conferir o advogado um pouco mais de perto e tentar descobrir o que estava acontecendo.

Parei no meio do caminho para pegar meu habitual café expresso e alguma coisa para comer. Decidi comer no trajeto mesmo, então pedi um café grande e optei por um sanduíche, que já estava pronto no mostruário, o que deixava as coisas mais rápidas. Não achava que Afonso saísse tão cedo de casa, mas era melhor prevenir. Depois de pagar continuei meu caminho.

Estacionei em um local diferente, próximo ao que estava no dia anterior, mas um pouco mais afastado e do lado oposto da rua — apesar de estar fora do bairro, não queria chamar a atenção de ninguém, e o mesmo carro estacionado todos os dias no mesmo local teria exatamente essa função. Aguardei até ele sair e nesse tempo aproveitei para tomar meu café; não funciono bem sem uma boa dose de cafeína pela manhã.

Mais de uma hora se passou antes de Afonso finalmente sair, e o tempo seguia naquele ritmo lento e entroncado que parece zombar de você quando tudo o que você mais quer é que ele passe. Quando o advogado passou por

mim, pude ver que estava sozinho, o que me deixou intrigado, pois pensei que teria ao menos um segurança com ele.

Tomei distância e segui seu carro. O dia seguiu da forma mais banal possível: Afonso parou em uma cafeteria chique e se sentou em uma mesa com mais alguns engravatados para uma reunião de negócios, depois seguiu para seu escritório, saindo de lá apenas para almoçar, e à tarde foi para o tribunal.

Aproveitei o tempo em que ele permaneceu no tribunal para comer mais uma vez e também para ligar para Marcos:

— E aí, gigante, descobriu algo sobre o que te pedi ontem? — perguntei, como forma de cumprimento.

— *Alô, Marcos, é o seu amigo Davi, tudo bem com você? Ah, sim, eu estou ótimo e você, como está?* — brincou ele, imitando minha voz e logo voltando à sua voz normal.

— Está ficando realmente engraçado, acho que temos que parar de sair juntos — respondi.

— *Quanto à sua pergunta, não descobri nada ainda. Tá bem estranho, pra ser sincero. O pessoal já sabe que o engomadinho morreu e foi torturado, mas ninguém tem ideia de quem fez isso e nem por que. Parece que o cara não tinha muitos inimigos, trabalhava por conta e atendia várias gangues diferentes. O negócio dele era ganhar dinheiro, e só. Não se envolvia com ninguém e não entrava em nenhuma facção.*

— Certo, então. Estou seguindo Afonso hoje, inclusive, estou parado em frente ao tribunal esperando-o sair.

— *Mas seu caso não era a esposa?* — ele pergunta.

— Sim, mas depois do quase estupro e do que vi ontem à noite, preferi deixar ela em paz por um dia e seguir Afonso.

Contei sobre a noite anterior, falando sobre a propina, dizendo que Alceu estava novamente nas ruas e Marcos fez a mesma associação que eu, de que a morte do engomadinho tinha tudo a ver com o estilo de Alceu.

Depois de desligar o telefone, aguardei Afonso sair do tribunal. Ele seguiu direto para o prédio onde ficava seu escritório e eu fiquei novamente aguardando no carro. Já sem qualquer esperança de que algo pudesse acontecer, vi dois homens que me chamaram atenção entrando no prédio.

Um negro enorme e um careca, naquele jeito de andar típico de malandros — não precisei de mais do que cinco segundos para reconhecer a simpática dupla da gangue *Los Santos* que eu e Marcos tivemos a sorte de encontrar

umas noites antes. Eram tantas as coincidências, que cheguei à brilhante conclusão de que não tinham como *ser realmente* coincidências. Esperei que eles entrassem no prédio, desci do carro e atravessei a rua correndo, sem prestar muita atenção nos carros que buzonavam e me chamavam por apelidos bonitinhos — apenas fiz o possível para não ser atropelado.

O hall de entrada do prédio era chique, parecia aquelas entradas de filmes; um enorme tapete vermelho dava direto em uma recepção, onde um homem engravatado usando um chapeuzinho azul ridículo, que mais parecia o de uma aeromoça, aguardava atrás do balcão. Acima dele, um quadro com o mapa do prédio.

Olhei ao fundo e pude ver a porta do elevador fechando-se com os homens da gangue dentro. Levantei o olhar acima do comissário de bordo, dei aquela apertadinha no olho para mostrar que estava procurando algo e fingi estar lendo, até que ele perguntou com uma voz metálica e ensaiada:

— Posso ajudá-lo, senhor?

— Procuro a sala de Afonso Foletti.

Ele me olhou de cima a baixo, depois, com um pouco de desdém, respondeu:

— Sala 405.

Andei pela lateral do balcão, abri a porta que dava para as escadas de incêndio e comecei a subir correndo, pulando os degraus de dois em dois até chegar ao quarto andar. Abri a porta com cuidado e coloquei a cabeça para dentro do corredor, não havia ninguém ali. Entrei.

O corredor era branco, com ladrilhos também claros no chão, e consistia em várias portas de vidro com nomes gravados nelas. Comecei a seguir a ordem das salas até chegar a de número 405. Espiei: lá dentro, uma secretária distraída, olhando para o computador, não me viu.

A sala consistia em um balcão com o nome do Afonso escrito na frente em letras grandes e douradas. Ao lado do balcão, uma porta que deveria dar direto para a sala dele. Eu me escorei na parede entre a sala de Afonso e uma outra que dizia; Marta Giqui - Nutricionista Esportiva.

Uma mulher não muito alta, acima do peso, saiu da sala da nutricionista. Um olhar cansado, um passo pesado e uma expressão de descontentamento. Não sei qual seria o esporte dela para estar em uma nutricionista esportiva, pela cara dela ou os resultados não estavam sendo positivos ou não havia gostado muito de sua dieta.

Dieta, no fundo, nada mais é do que um adestramento mental, assim como

tudo em nossas vidas. Quando queremos alguma mudança, precisamos antes condicionar nossa mente para depois nosso corpo entender o que está acontecendo. Uma mente condicionada faz o que quiser. É até engraçado, mas conseguimos ver pessoas que são determinadas na vida observando uma simples dieta. Alguns impõem desafios para si próprios todos os dias e atingem seus objetivos e outros não; o que muitos não sabem é que o segredo de toda mudança está na mente.

Jamais saberia se Marta era uma boa nutricionista ou se sua paciente era uma safadinha que não seguia a dieta, pois não pude ver mais ninguém entrando ou saindo de lá. Nesses minutos de distração, quase não percebi quando a porta da sala de Afonso se abriu e a dupla dinâmica saiu.

Tive tempo de virar de costas, abaixar a cabeça e fingir que estava falando ao celular. Eles nem perceberam que eu estava ali, o negro estava dobrando e colocando no bolso interno do casaco um envelope branco enquanto eles andavam direto para o elevador. Quando as portas se abriram e eles entraram, eu segui para as escadas novamente.

Passando pela sala de Afonso, notei a porta do escritório entreaberta e ele e a secretária sorrindo um para o outro lá dentro. Ele estava sentado em uma poltrona e ela apoiada com uma mão na mesa e a outra sobre a dele. Analisando rapidamente, essa relação parecia um pouco mais íntima do que uma funcionária e seu chefe — ao que tudo indica, um homem pode ter a mulher mais linda do mundo, mas se sua índole não for das melhores, ele continuará sendo apenas mais um homem comum que deixa seus instintos e caprichos falarem mais alto do que sua honestidade. E honestidade não parecia ser o ponto forte de Afonso.

Outra coisa estranha era que fazendo uma pesquisa rápida sobre os homens que me contratavam, descobri que muitos deles traíam a mulher, porém não admitiam serem traídos. Em uma sociedade que continua machista, o orgulho masculino sempre falará mais alto, e nenhum homem admitirá ter sua mulher deitada com outro. Por mais que o tempo passe, velhos costumes sociais se mantêm intactos. No fim, o que prevalece na cabeça desses homens é que eles podem, mas elas não.

Não me entendam mal, também tenho clientes fiéis, e não apenas cafajestes, mas normalmente quem tem uma pulga atrás da orelha ou desconfia demais, já fez *merda*, e muitas vezes quer que seu parceiro também esteja fazendo para enfim poder se fazer de vítima traída e sair por cima na história. É o velho ditado do sujo falando do mal lavado.

Pensei em tirar uma foto da pequena cena romântica de Afonso, mas não estava com a câmera em mãos e isso não mudaria nada no rumo que as coisas estavam tomando. Meu foco era outro: precisava saber o que a dupla estava fazendo na sala de Afonso.

Desci as escadas correndo — a descida é sempre mais fácil que a subida —, então cheguei ao térreo em menos de trinta segundos. Abri a porta e saí, os dois homens já saíam do prédio e dobravam à esquerda. Fui surpreendido ao ouvir uma voz:

— Encontrou o que queria, senhor? — perguntou o comissário de voo.

— Até mais do que esperava, obrigado por perguntar.

Virei de costas e saí rapidamente, deixando para trás um homem com um chapeuzinho ridículo na cabeça e um sorriso ensaiado no rosto.

CAPÍTULO 23

Os homens seguiam em linha reta quando alcancei a rua. Já se passavam das 16h e muita gente seguia em ritmo acelerado; um homem esbarrou em mim e não se incomodou em pedir desculpas nem sequer olhou para o meu rosto.

As pessoas estão assim, sem tempo para nada, o pensamento predominante é o de que a vida passa rápido, e se não andarmos no ritmo dela ficaremos para trás, quando no fim, as coisas mais memoráveis são aquelas que conseguimos fazer com calma e aproveitando nos mínimos detalhes. Sempre digo que a vida está nos detalhes, pena que nós andamos depressa demais para percebê-los.

Buzinas e barulhos da cidade ensurdeciam a todos e o fluxo de pessoas deixava mais difícil conseguir segui-los de longe; não sei se eles se lembrariam de mim, possivelmente sim, de qualquer forma, preferi não chegar tão perto. Eles andavam despreocupadamente e eu não via resquícios do nosso último encontro, ninguém aparentemente machucado ou mancando; aquilo tudo não deveria passar de uma má recordação para os dois.

Estávamos nos afastando do movimento, eu já estava andando há mais de vinte minutos atrás deles esperando descobrir qualquer coisa que pudesse me dar alguma luz.

Eles pararam em frente a um estabelecimento, conversaram com um homem de terno preto que parecia ter saído direto de um ringue de MMA e logo em seguida foram revistados e entraram no local. Pelo menos não estavam armados, já era um ponto positivo, mas independentemente disso, se me descobrissem — e não tendo Marcos comigo — eu teria um enorme problema: o negro gigante era o equivalente a uma arma.

Olhei para a placa um tanto engraçada, onde um coelho com corações no lugar dos olhos segurava duas cenouras e sorria. Abaixo dele, piscando em letras brilhantes, estava escrito o nome do local: *LOVE RABBIT*.

De onde eu estava pude ver que o lugar tinha apenas uma porta, sem qualquer chance de eu conseguir ver lá dentro. Baseando-me na placa, na fachada e no segurança, deduzi que era algum clube de *striptease*. Seria arriscado entrar, porém não via outra escolha, e eu já estava andando há um bom tempo atrás deles para desistir naquele momento. E que mal teria, depois de algum tempo na abstinência, ver umas mulheres seminuas?

Do outro lado da rua havia uma pequena lojinha de artigos variados. Entrei

e comprei um boné para tentar cobrir um pouco o rosto. Optei por um preto básico para não chamar atenção; não tinha certeza se iria funcionar para disfarçar minha identidade, não era nenhuma máscara de *Batman*, mas nos filmes funcionava.

Andei até a porta e parei em frente ao lutador de MMA, que me olhou de cima a baixo analisando e conferindo se eu poderia causar algum problema. Pareceu que ele decidiu que eu era apenas mais uma inofensiva “ovelhinha do rebanho”, sem dizer nenhuma palavra me revistou e logo depois virou o corpo para o lado, abrindo espaço para que eu entrasse.

Assim que entrei, um estreito corredor com um pequeno homem todo vestido de preto sentado em um banquinho servia como hall de entrada. O homem — que me lembrava um *Hobbit* ficando calvo — arrumou os pequenos óculos e me olhou quando parei em sua frente.

— Nome, senhor? — perguntou, com uma caneta pronta para escrever o que eu dissesse em um papel que estava na sua frente.

— Bruce — respondi, e *Frodo* me lançou um olhar duvidoso. — Meus pais eram fãs do *Batman* — completei, para deixar tudo um pouco mais natural.

Meio desconfiado ele começou a escrever.

— É normal, com C e depois E no final — complementei novamente, para dar mais uma prova de veracidade.

Frodo estendeu a mão para mim, entregando-me uma comanda quadriculada com vários nomes de bebidas e *drinks* escritos nela. Olhei para a comanda, li meu nome fictício na linha acima e não pude deixar de sorrir.

Nada de errado com isso, nesses lugares ninguém quer ser visto e ninguém realmente é quem diz ser, então por que não ousar um pouco e ser *Bruce Wayne* por algumas horas?

Eu estava de boné preto ao invés da máscara: um nome falso e uma fantasia falsa dentro de um lugar que vendia amores de mentira.

Tudo combinava.

Acenei com a cabeça para *Frodo* e entrei.

CAPÍTULO 24

Andei pelo resto do corredor, que terminava em uma cortina vermelha, atravesssei o tecido e entrei em outro universo. Uma morena usando apenas uma *lingerie* branca e orelhas de coelho passou em minha frente logo que cheguei. Ela me olhou de maneira sensual e ensaiada, um sorriso sexy com o canto da boca e reproduzindo a frase de boas-vindas:

— Oi, lindo — disse, e meu *Narciso* já pareceu gostar do lugar. Podia ser um elogio falso, mas o importante quando se está nesses lugares é entrar no clima e acreditar que tudo é verdadeiro, quando na verdade, se você parar para refletir, tudo é tristeza.

Pisquei o olho para ela e dei meu melhor sorriso, ela continuou andando, mas manteve o olhar em mim por mais alguns segundos; pude ver na calcinha fio dental um pequeno pompom imitando um rabinho de coelho.

Mantive a cabeça em um ângulo mais baixo, não queria ser reconhecido. O lugar não era tão grande, algumas elevações com *pole-dance* e garotas dançando, a penumbra com uma iluminação puxando para o vermelho, um bar com balcão que ficava no canto e mesas e cadeiras preenchendo o resto do lugar.

Em um canto, algumas poltronas enfileiradas. Um homem estava sentado em uma delas recebendo uma daquelas danças sensuais que vemos nos filmes. Ele já devia passar dos cinquenta, o corpo jogado na poltrona, o olhar e a expressão de êxtase, a boca semiaberta, hipnotizado pela loira que subia e descia rebolando e roçando a *bunda* nele. O olhar dela — que estava de costas para ele — era indiferente; ela estava no piloto automático, fazendo seu trabalho e nada mais.

Reconheci meus dois amigos escorados no balcão do bar, e me bateu um *déjà vu* da outra noite, quando os encontrei também escorados no balcão de um bar, tendo uma conversa com o engomadinho, que no momento tinha encerrado suas atividades e jamais conversaria novamente com alguém.

Optei por uma mesa bem no canto, onde eu conseguia ter uma boa visão dos dois, mas eles teriam dificuldade em me ver. Por sorte, o número de desocupados na cidade era grande, e apesar do horário, o lugar estava com um número considerável de clientes. Mais gente, menos atenção para mim, era o local perfeito para sentar e observar com um risco baixo de ser descoberto.

Sentei e esperei uma das coelhinhas vir me atender — sim o *Rabbit* que

dava o nome ao local era algo temático, pois todas as meninas usavam a tiara com as orelhas de coelho e no fio dental da calcinha a pequena bolinha de algodão que representava o rabinho.

Umas fofas.

A morena que cruzou comigo logo na entrada chegou até minha mesa.

— Posso te ajudar, lindo?

— Só uma cerveja, obrigado — disse.

— Tem certeza de que é só isso? — ela rebateu, lançando aquele olhar safado que qualquer homem reconhece.

— Por enquanto, sim, obrigado. — Confesso que pensei em pedir uma daquelas dancinhas animadas na poltrona, mas preferi manter o foco nos meus dois amigos que estavam no bar.

— Bom, você quem sabe, então. — Ela sorriu, deslizou a mão pela lateral do meu rosto e saiu balançando o quadril, fazendo o rabinho branco mover-se de um lado para o outro enquanto se afastava, ciente de que meu olhar estava fixo nela.

O poder de uma *bunda* feminina aliada à imaginação masculina é algo mágico, e se tiver um pompom que atraia ainda mais os olhos e um salto alto que faz o quadril mexer sensualmente a cada passo, as coisas ficam muito mais interessantes, mas vamos deixar este assunto para outra hora.

Nestes poucos minutos que se passaram, não percebi que mais alguém tinha chegado e estava conversando com a dupla dinâmica. Novamente, não acreditei quando vi quem estava com eles. Parecia que todos os meus admiradores estavam interligados em uma rede só, poderia até criar um grupo no *WhatsApp* chamado de “Amigos do Davi” e adicionar toda essa galera.

Um dos homens, que havia abordado e tentado assaltar Tamiris no beco, agora estava sentado no bar com eles. O mais alto, que tinha me atacado com a faca, conversava calmamente com os dois caras. O negro que parecia uma muralha retirou do bolso o envelope branco que pegou na sala de Afonso e entregou para o agressor.

Coincidentemente, o envelope era exatamente igual ao que eu recebi de Afonso alguns dias atrás. Sim, existem milhares de envelopes brancos iguais, mas baseando-me em tudo o que estava acontecendo, deduzi que não era apenas mais uma coincidência. O homem abriu o envelope rapidamente e conferiu o que tinha dentro. Para provar minha teoria, ele tirou de lá uma nota de cem reais, deu um sorriso para os outros dois, colocou o dinheiro sobre as fichas de consumação, e li seus lábios quando disse:

— A cerveja é por minha conta, rapazes.

Ele se levantou, colocou o envelope no bolso e, com um aceno de cabeça, despediu-se dos outros dois. Em seguida, dirigiu-se à saída; eu abaixei a cabeça quando ele passou perto de minha mesa, ainda sorrindo. Comecei a pensar e automaticamente fui criando uma cadeia de acontecimentos, uma lista mental com os fatos:

- *Batman* e *Robin* se encontram com o engomadinho;
- Engomadinho é torturado e morre logo em seguida;
- Alceu recebe dinheiro de Afonso, e tudo indica que foi ele quem matou o engomadinho;
- Tamiris sofre uma tentativa de assalto e estupro quando supostamente ia procurar o engomadinho;
- *Batman* e *Robin* vão ao escritório de Afonso e pegam um envelope com dinheiro;
- Em seguida se encontram com um dos homens que tentou assaltar Tamiris e entregam o dinheiro para ele.

São muitos fatos juntos.

Existia uma rede invisível que estava ligando tudo, eu tinha certeza. O foco de minha investigação estava mudando drasticamente, muita gente perigosa envolvida em um caso só e algo me dizia que Tamiris corria perigo.

Muitos marginais tomando cerveja juntos e se encontrando para transações financeiras nunca é um bom sinal, e quando um homem rico é quem está dando o dinheiro para estes marginais tudo fica maior. Existem pessoas que fazem qualquer coisa quando se trata de dinheiro, afinal esse é o combustível que move a máquina chamada humanidade.

E quando alguém tem muito dinheiro e não se importa em gastá-lo, a engrenagem se move tão rápido que muitas vezes é quase impossível acompanhá-la.

CAPÍTULO 25

Minha cerveja chegou sem que eu percebesse; esse é um daqueles momentos onde o corpo está presente, mas a alma está longe, vagando por algum lugar entre o céu e o inferno astral. Obrigó-a a voltar para o corpo quando vejo a coelhinha marcar o valor de trinta reais na minha ficha. Automaticamente eu disse:

— Calma com a caneta, garota, só vou querer a cerveja.

— Este valor é apenas da cerveja, amor, por esse corpinho você precisaria pagar muito mais... — rebate com um sorriso e mostrando o corpo com um gesto das mãos.

— Você não sabe quanto vale esse corpinho — brinco, fazendo o mesmo gesto que ela e mostrando meu corpo. — Você teria que pagar a cerveja, ceder o seu corpo e talvez ainda mais, para não ficar me devendo.

— Então acho que jamais saberemos quanto cada um de nós vale. — Ela sorriu novamente e se retirou.

A dupla dinâmica se levantou para sair, novamente abaixei a cabeça quando passaram próximos ao lugar onde eu estava sentado. O boné cumpriu seu papel de cobrir parte do meu rosto e não fui reconhecido por ninguém.

Não fui mais segui-los, pelo visto já tinha descoberto tudo o que precisava no dia. E então acabei parando mais uma vez no dilema que insistia em bater na mesma tecla, pois tenha certeza de que Afonso estava tramando algo e Tamiris provavelmente corria perigo.

O melhor e mais sensato a se fazer quando se está lidando com um homem do calibre de Afonso seria deixar tudo para lá. Ligar para ele e dizer que ela não estava lhe traindo e que tudo não passava de suspeitas infundadas. Depois, seguir minha vidinha pacata e esquecer tudo sobre este caso.

Mas é claro que minha consciência não permitiria que eu fizesse isso. Lembrei-me daqueles olhos claros quando me agradeceu por salvá-la no beco, pensei na cena onde nossos corpos ficaram colados e tão próximos que eu pude sentir a sua respiração em meu pescoço...

Lembranças são como fotografias de momentos especiais que ficam marcados diretamente em nossa memória. O problema é que infelizmente não conseguimos escolher quais são os momentos e sensações que ficarão guardados nessa caixa — que muitas vezes é traiçoeira e nos leva por caminhos pelos quais temos a absoluta certeza de que terminarão em maus lençóis, mas mesmo assim os seguimos. É aquela velha máxima da razão

lutando contra a emoção.

No fim, em quase todas as vezes a emoção dá uma surra na razão e acabamos seguindo o caminho que nos levará a um passeio por uma montanha russa que jamais será controlada, aquele caminho sinuoso de subidas e descidas, curvas e *loopings*, onde rapidamente perdemos o controle e não podemos fazer nada, a não ser nos deixar levar e ver até quando aguentaremos firme. Muitas vezes o caminho é longo e tranquilo, outras vezes é curto e intenso, é o tempo brincando com o coração.

Em meio à minha reflexão olhei mais uma vez para a coelhinha e lembrei de *Alice no País das Maravilhas*; o coelho ali realmente não era o mesmo da história, mas de qualquer forma, a associação sobre o tempo brincar conosco remetia ao momento em que Alice pergunta ao coelho sobre o valor do tempo e ele responde que existem segundos que equivalem a uma eternidade.

Essa, com certeza, é uma das metáforas que define o amor.

CAPÍTULO 26

Terminei de tomar a cerveja sem ao menos sentir o gosto, levantei e me encaminhei até o caixa para pagar a fortuna solicitada pelo líquido que sequer consegui aproveitar. Lá, a primeira moça que vi com roupas no recinto me atendeu. Ela não era tão bonita quanto às outras que desfilavam seminuas com rabinhos de coelho, mas para não se sentir deslocada, usava uma tiara com orelhinhas também. Ela cobrou, carimbou minha comanda e não sorriu e nem se despediu, apenas me olhou com um rosto indiferente e mal-humorado.

“Mulheres feias trabalhando em lugares onde só tem mulheres bonitas dá nisso, mau humor eterno” — pensei amargurado.

Andei até a saída, entreguei o papel quadriculado — e agora com um carimbo informando que estava PAGO — para *Frodo*, que também não se despediu. Passei reto pelo lutador de MMA, que continuava com aquela cara típica de seguranças que adoram fazer novas amizades.

Os ponteiros do relógio já se aproximavam das 18h, o dia vagarosamente se dissipava e ainda meio tímida a noite se apresentava. Os faróis dos carros começavam a se acender e as luzes dos postes lentamente iniciavam seu trabalho de lançar uma iluminação amarelada e artificial sobre uma cidade cinza.

Fiz todo o trajeto de volta até meu carro sem pressa, pensando nos últimos dias. Tinha algo errado e agora não era só o meu instinto falando, mas todos os fatos apontando para isso. Contudo, o que estava me deixando louco era não saber o que exatamente estava errado. Todo enigma complicado tem uma solução que muitas vezes está bem na nossa cara, e eu sei que estou deixando algo passar.

Lembro do meu colega de profissão, *Sherlock Holmes*, que dizia que as coisas mais insignificantes normalmente são as de maior importância, mas não consigo pensar em nada no momento. Preciso relaxar, esfriar a cabeça para pensar com mais clareza. *Sherlock* também afirmava que é preciso de fatos para criar teorias, senão, faremos os fatos se moldarem de acordo com as *nossas* teorias quando a coisa tem que funcionar ao contrário. Tenha antes os fatos e depois articule as teorias.

No resto do caminho até o meu carro, meu foco estava em Tamiris e no que fazer em relação a ela. O principal — que seria saber se ela estava ou não traindo Afonso — já não tinha mais importância, tudo mudou quando vários

gângsteres que pareciam estar envolvidos com seu marido — meu contratante — passaram a se encontrar e trocar envelopes com dinheiro que ele mesmo estava distribuindo.

Depois de uma longa caminhada cheguei ao carro. Naquele momento já estava escuro, e nem me dei conta do caminho que fiz para voltar, meu corpo assumindo o modo automático de bom grado e fazendo o trajeto por mim. Retomei o controle, liguei meu carro e dei partida, enfiando-me entre motoristas zangados que buzinavam e reclamavam tão naturalmente quanto o ar que respiravam.

Como de costume, o trânsito estava caótico, mas essa não era minha maior preocupação, eu precisava encontrar a peça que faltava no quebra-cabeças para conseguir ficar tranquilo, mesmo sabendo que isso não aconteceria facilmente assim. Em momentos de dúvida tenho sempre minhas duas cartas na manga, que são meus únicos amigos e conselheiros: Ana e Marcos.

Enquanto os automóveis se locomoviam a mais ou menos vinte quilômetros por hora, cometi uma infração e liguei para Ana — eu sei que não devo telefonar e dirigir ao mesmo tempo, pois meus reflexos e minha atenção ficam divididos e posso causar algum acidente, mas fiz uns cálculos rápidos e concluí que nessa velocidade não iria causar nenhum acidente mortal.

Três chamadas depois, Ana atende:

— *Central das confusões, boa tarde.*

— Percebi que minha moral não anda das melhores por aí, por sorte ainda tenho o charme que posso usar como arma secreta.

— *Seu charme não me encanta mais, Davi, ultimamente tenho preferido homens mais experientes e de cabelo grisalho.*

— Entendi, quer um coroa rico para matá-lo de ataque cardíaco com *Viagra* e depois assumir a fortuna e se aposentar tranquilamente.

— *Exatamente isso. Você está realmente na profissão correta, senhor detetive.* — ela disse, e apenas pelo tom de voz soube que estava sorrindo. Agora que as coisas já pareciam mais tranquilas, decidi ir para o que realmente precisava.

— Ana, têm umas coisas estranhas acontecendo e minhas humildes fontes não encontraram nada de útil e, como sabe, você ainda é meu melhor recurso, é tipo minha galinha dos ovos de ouro.

— *Você me chamou de galinha e realmente espera que eu te ajude, Davi?*

— Galinha dos ovos de ouro, não se esqueça disso, é uma galinha especial.

— *Você quer me meter em problemas. Vou repetir algo que sempre digo: se alguém descobre que te passo informações, eu perco o emprego.*

— Eu sei, mas isso é algo grande, posso sentir que tem alguma coisa acontecendo e tem gente correndo perigo. Não te pediria nada que não fosse realmente importante. Além do mais, é uma pesquisa rápida *pra* quem tem acesso ao sistema.

— *Tá certo, me diz logo o que você precisa.*

— Afonso Foletti, pesquisa esse cara *pra* mim.

— *O advogado?*

— Exatamente.

— *Não consigo ver coerência nisso, Davi.*

— Só faz uma pesquisa rápida e descobre se tem algo de errado, ou alguma coisa estranha e suspeita sobre ele.

— *Ele é alguém importante, Davi, em que confusão você está se metendo agora?*

— Sinceramente, eu não faço a menor ideia, por isso estou recorrendo a você.

— *Tá bom, vou ver o que posso fazer.*

— Obrigado!

Desliguei o telefone e segui o caminho até meu apartamento. Para não perder o hábito, entrei, larguei tudo e desabei no sofá. Liguei a TV apenas para fazer barulho enquanto minha mente vagava por outros lugares que estavam muito distantes dali.

Meu celular apitou e li a mensagem que Ana me mandou:

“A ficha dele está cem por cento limpa, o cara é um santo.”.

De volta à estaca zero e àquele sentimento pertinente de que algo estava fora do lugar.

Cansei de ficar parado apenas pensando, tentando evitar o que estava tornando-se inevitável em minha mente. Havia chegado a hora de transformar o pensamento em ação.

Decido, de uma vez por todas, seguir meus instintos e ir atrás de Tamiris.

CAPÍTULO 27

Passavam-se das 02h da manhã e eu ainda não tinha dormido; nem lembro bem como cheguei até minha cama, mas de qualquer forma estava lá, rolando de um lado para o outro e tentando imaginar como as coisas aconteceriam no decorrer do dia, porém minha bola de cristal não funcionava bem de madrugada e não consegui captar praticamente nada.

Primeiro preciso encontrar uma forma de conversar com ela. Pensei muito sobre o que falar e concluí que o melhor é cuspir a verdade de uma vez por todas e causar todo o desconforto necessário já de cara, prefiro que a coisa toda seja nua e crua, estilo a vida mesmo.

Isso me poupará de futuras complicações.

Dessa forma, conseguiria ver qual era o grau de surpresa dela e o quanto iria acreditar em mim, ou não. Se eu estivesse enganado a respeito de minhas suspeitas e tudo desse errado, ela ia contar para o marido, e provavelmente até o final do dia iriam me encontrar enrolado em um lençol branco jogado dentro do porta-malas do meu próprio carro. Ou ele simplesmente me processaria e tiraria tudo o que eu tenha, que no caso era praticamente nada, então esse seria o menor dos meus problemas.

Por último, tinha a hipótese de ela acreditar em mim, que era o que eu esperava que acontecesse — pelo menos nos filmes é assim, a donzela em perigo sempre acredita no cavaleiro que chega para salvá-la montado em um cavalo branco. Eu não era um cavaleiro, não possuía um cavalo branco e, para completar, sequer tinha total certeza de que ela era uma donzela em perigo.

Havia muitas hipóteses e poucas certezas, mas decidi seguir meus instintos e era isso que iria fazer; independentemente do resultado, procuro pensar na máxima que tenta nos ensinar que o melhor é se arrepender por ter feito algo, do que por ter deixado de fazer.

Em suma, essa é uma daquelas frases típicas que te incentivam a fazer *merda*.

Tentei fechar os olhos e deixar de lado a mania dos humanos que normalmente são consumidos por algo que ainda não aconteceu, esse sofrimento e preocupação por antecedência que não nos traz benefício algum. Mas falar é bem mais fácil que fazer, e segui acordado por mais algum tempo antes de cair nas poucas horas de paz e silêncio proporcionadas pelo sono.

Dormi apenas algumas horas, mas foi um sono sem sonhos, tipo desligar

um eletrodoméstico da tomada. Simplesmente apaguei, e isso renovou um pouco meu estado de espírito, permitindo-me até mesmo ficar um pouco otimista — e acreditem quando digo que ser otimista em uma situação de *merda* é algo fora do comum, principalmente para um fatalista como eu.

Diferente do que muitos pensam sobre mim, não sou pessimista, apenas aceito a realidade e o fato de que muitas vezes ela não é tão boa quanto gostaríamos, isso deixa nossa vida emocionante, e em boa parte do tempo nos gera dores e tristezas às quais não gostaríamos de enfrentar. Contudo, essa é a vida real, e tudo o que precisamos é aprender a jogar com as peças que temos e aceitar que nem sempre ganhamos no final.

Os ponteiros passavam das 09h quando saí de casa. Optei novamente pelo meu básico: jeans, camisa lisa e cara lavada. Minha rota também já estava traçada, mas meus planos terminavam por aí. Depois da rota, descobriria o que iria acontecer.

Não tinha como tirar Tamiris de casa; entrar em seu bairro e tocar a campainha da sua casa estava fora de cogitação. Existia todo o empecilho de não querer gerar suspeitas e não ser visto, então precisava fazer o de sempre, tentar segui-la quando saísse de casa e abordá-la em algum lugar sem que fôssemos vistos. Não tinha ideia de onde e nem quando poderia fazer isso, por esse motivo meu plano só ia até o ponto onde ficaria parado esperando que ela saísse.

Dirigi até meu lugarzinho especial na saída do bairro de luxo — depois de alguns dias de tocaia estacionado no mesmo lugar, já o considerava como meu. Ficava perto o bastante para que eu visse quem entrava e saía, e discreto o bastante para que as pessoas não me percebessem. A não ser que estivessem observando e procurando por alguém, o que não é o caso da maioria das pessoas que moram nesses condomínios.

Ricos normalmente não procuram, são procurados.

Enquanto aguardava mandei uma mensagem de texto para Marcos, apenas atualizando-o sobre a situação. De forma simplificada, escrevi apenas algumas palavras na tela do celular: “*Vou jogar a merda no ventilador*”. Parecia algo muito subjetivo, mas ele entenderia. Talvez não o contexto geral, mas teria uma vaga ideia do que pretendia fazer.

O tempo novamente ficou brincando comigo enquanto esperava. Minhas mãos estavam suadas, apesar do carro estacionado em um local de sombra o calor era intenso. Enquanto aguardava, repassei pela milésima vez a cena em minha mente, mas no fim, decidi que não tenha a mínima ideia de como

Tamiris iria encarar tudo, então tentei deixar para lá e pagar para ver.

Depois do que me pareceu o equivalente a três séculos inteiros esperando, o carro de Tamiris passou do outro lado da rua. Como previsto, ela e o segurança não perceberam que eu estava parado ali. Fiz a volta e, mantendo alguns carros entre nós, comecei a segui-los. Mais alguns minutos intermináveis no trânsito, o motorista ligou o sinal de alerta e a deixou em frente a um enorme centro de compras.

Diminui a velocidade e me assegurei de que ela realmente entrou, então saí em busca de algum lugar para deixar o carro, mas tudo estava cheio e fui obrigado a parar em um estacionamento pago.

Deixei a chave com um rapaz baixinho e suado de pequenos pelos crescendo no rosto — acho que era alguma tentativa de imitar um bigode. Ele me deu um pequeno papel com a placa do meu carro e o horário em que ele foi deixado lá. Não consegui deixar de sorrir quando li o nome do estabelecimento escrito no topo do papel. *Estacionamento do Bigode*.

Certo de que o *tal* Bigode do nome não podia ser o do rapaz, eu segui meu caminho para o centro de compras e para o momento mais importante do meu dia. Na verdade, segui para o ato que iria definir tudo o que havia feito nos últimos dias e o que seria dali por diante. E já disse o quanto acredito em momentos, e que realmente existem alguns que servem como um gatilho que mudam para sempre nossas vidas.

Automaticamente lembrei que depois que um gatilho é pressionado não podemos mais voltar atrás.

CAPÍTULO 28

Fui desviando das pessoas que faziam o caminho oposto ao meu, todos focados em seus próprios problemas, todos presos em seu próprio mundinho e achando que seu problema era mais importante e urgente do que os dos outros.

Eu aproveitei e fiz o mesmo.

Entrei no centro de compras, também conhecido pelo famoso nome de *shopping center*, e comecei a procurar ao redor algum sinal de Tamiris. A entrada era ampla e se dividia em várias vitrines, cada qual com seus encantos e magias. Um lugar especial para quem tem o poder aquisitivo necessário.

Passei a andar, ela já devia ter entrado em alguma das lojas, e tudo o que precisava fazer era encontrá-la. Acontece que o *shopping* possuía mais de trinta lojas, então comecei a analisar quais eram as marcas mais conhecidas — ela não me parecia o tipo de mulher que usasse qualquer coisa, era uma mulher de grife. Ao pensar nisso, novamente a história da “Dama e o Vagabundo” invadiu a minha mente.

Entrei em uma loja enorme da marca *Colcci*; desconfiada, uma atendente me abordou perguntando se eu precisava de alguma coisa. Usei a desculpa de sempre, de que estava apenas olhando, e continuei andando de um lado para o outro da loja, até me convencer de que ela realmente não estava ali.

Madames bem vestidas e elegantes cruzavam por mim na loja sem nem reparar que existia alguém além delas andando por ali, e a atendente foi a única que manteve os olhos fixos em mim durante toda minha estadia — certamente eu era um cliente que não fazia o estilo da marca.

Saí da loja e continuei minha busca chegando à conclusão de que enquanto eu entrasse em uma loja aleatória ela poderia estar saindo de outra e indo embora sem que eu percebesse. E convenhamos que ficar passeando em um *shopping* procurando por alguém que nem está mais nele é uma perda de tempo sem tamanho.

Não que eu tivesse outras coisas para fazer, mas decidi ficar fora das lojas apenas esperando e analisando o movimento para ver se conseguia identificá-la.

Alguns minutos — e dezenas de pessoas — depois, vi Tamiris saindo de uma loja, uma famosa marca de *smartphones*, com uma pequena sacola em mãos. Ela seguiu seu caminho como as outras madames, parecendo ser a

única pessoa ali dentro. Mas ela era diferente, lançava um brilho próprio por onde passava, arrancando olhares de desejo de muitos homens e de inveja de muitas mulheres. Nada além do normal, simplesmente homens querendo transar e mulheres odiando a outra por ser mais bela e desejada.

A vida como ela é.

Logo em seguida ela entrou em outra loja, o letreiro dizia *Labellamafia*. Entrei atrás dela. Nas paredes, fotos de rapazes sem camisa e mulheres de *top* fazendo exercícios; vários televisores espalhados pelo ambiente e em todos eles, vídeos de treinos com pessoas lindas e esculturais praticando os mais variados esportes e modalidades, só então descobri que se tratava de uma marca de roupas *fitness*.

Mantive meu caminho meio de canto e disfarçando um pouco, esperando o momento certo para fazer a abordagem. Meu coração já batia mais forte, e concluí que existem certas coisas que precisamos fazer que jamais terão um momento certo. Apenas precisamos fazê-las e ponto final.

Uma jovem chegou até onde eu estava e perguntou se eu precisava de ajuda, repeti a mesma desculpa de antes, de que “estava olhando”, e mantive meu falso interesse passando por cabides de roupas que talvez em algum outro momento realmente me interessariam. De canto de olho, vi quando ela se dirigiu ao provador com várias roupas dentro de uma cesta.

Peguei as duas primeiras camisetas que estavam na minha frente e segui para os provadores também. Em um canto separado da loja, existia uma sala com seis portas, cada uma delas com um mínimo espaço para que as pessoas pudessem provar as roupas.

Quando cheguei, eu a vi entrando na porta com o número quatro gravado. Olhei para os lados e percebi que ninguém estava olhando — as vendedoras estavam ocupadas dando atenção aos possíveis compradores, e os clientes seguiam entretidos escolhendo novas roupas para que pudessem desfilarem na academia.

Dei três batidinhas na porta de número quatro.

— Está ocupado. — Ouvi a doce voz ecoando dentro da pequena sala.

Queria surpreendê-la para que não fugisse, mas não pretendia assustá-la, então bati novamente à porta.

— Desculpe, mas está ocupado — ela disse, começando a abrir a porta para ver o que estava acontecendo. No momento em que a porta abriu, o equivalente a um corpo, eu a empurrei levemente para gerar espaço e entrei no provador, fechando imediatamente o provador.

— Davi, o que você está fazendo aqui?! — exclamou, com olhar de espanto ao me ver. Com tanta coisa para falar e acontecer, o meu primeiro ato foi me surpreender por ela lembrar meu nome já de cara.

Admito que me senti importante.

Fiz tudo muito rápido para que ela não tivesse tempo de provar nenhuma roupa e quando eu entrasse ainda estivesse vestida, tudo isso para tornar a situação um pouco menos embaraçosa. Então fitei seus olhos — era a segunda vez em poucos dias que ficávamos em um lugar apertado, nossos corpos muito próximos um do outro e meu coração quase saindo pela boca.

Precisava escolher as palavras certas naquele momento, tinha que ser convincente e ao mesmo tempo ter cuidado para não a assustar demais. Respirei fundo, e depois de tanto pensar no que diria naquele exato momento eu travei, simplesmente não sabia como falar para ela o que eu tinha que dizer.

A vida real sempre é diferente da imaginária, em nossos pensamentos tudo funciona cem por cento, mas na hora da verdade as coisas tendem a sair do controle, e ficamos como um *cego* perdido procurando amparo em qualquer objeto que possa se agarrar.

— O que está acontecendo aqui? — No fim, quem falou primeiro foi ela.

— Calma, Tamiris, eu posso explicar — comecei bem, com mais uma das minhas frases clichês. Ela me encarou, um olhar profundo, assustado e cheio de dúvidas. — Acho que você está correndo perigo, e seu marido não é quem você pensa ser — cuspi as palavras, assim mesmo, cruas e sem piedade alguma. Sou da opinião de que quanto mais direto formos, melhor.

— Como assim, Davi, do que você está falando?

— Eu sou detetive, é isso que faço para viver. Seu marido me pagou para te investigar, porém alguns fatos me levaram a investigá-lo também. Ainda não sei de tudo, mas o vi dando dinheiro para um dos homens que tentou te atacar outro dia naquele beco.

Nesse momento ela se sentou no pequeno banco do provador, o olhar fixo em um cartaz de propaganda, onde uma moça de *short* e *top* sorria como se pudesse afastar todos os problemas do mundo, quando na verdade não existe vida sem problemas. Cada caminho que tomamos nos poupa alguns sofrimentos, mas nos traz outros, nossa escolha jamais será sofrer ou não, mas sim em qual dos caminhos vamos sofrer.

— Eu sei que é demais, contudo têm muitas coisas que estão ligadas. Não consigo explicar tudo ainda, mas achei prudente te avisar. No primeiro dia

que te vi, você tomava café com um homem de terno chamado Evandro. Ele está morto, e tudo me leva a crer que seu marido deu dinheiro ao homem que o matou.

Ela colocou as duas mãos sobre o rosto e respirou fundo, secou as lágrimas que se formaram em seus olhos e quando ergueu novamente o olhar pareceu decidida.

— Eu fui encontrá-lo para comprar uma arma. Não me sinto mais segura, Afonso não é mais o mesmo, ele anda estranho. Nunca fez nada diretamente, mas anda violento, sem paciência, e chegou ao ponto de quase me agredir por discussões banais.

Algumas coisas começaram a se conectar em minha cabeça: ela não estava tendo um caso com o engomadinho, e sim negociando uma mercadoria. Por incrível que parecesse, o fato de ela não estar em um caso de amor com aquele *babaca* me causou uma sensação de alívio. Sei que estava errado e isso não faz sentido algum, mas não gostava de imaginar os dois juntos.

— Então você não estava tendo um caso com ele, isso é bom.

— Um caso com aquele marginal? Nunca, tudo o que estava fazendo era me precaver. Pensando no futuro — respondeu, já sem lágrimas, apenas mantendo o olhar determinado.

— Meu trabalho principal era saber se você estava traindo Afonso, por isso fui contratado. E minha primeira opção era justamente Evandro.

— O que vamos fazer agora? — perguntou, fingindo não ouvir o que eu acabara de falar.

— Acho que tenho que te tirar daqui até descobrir o que realmente está acontecendo. Preciso te deixar em segurança. Temos que dar um jeito de você sair de casa.

— Vou voltar para casa, pegar algumas coisas e vamos para outro lugar, então — ela disse.

Essa era a ideia. Não esperava que ela aceitasse fácil assim, mas as mulheres têm um senso de percepção melhor que o dos homens, o *tal* do sexto sentido feminino. Se ela realmente estava sentindo-se em perigo, não hesitaria em fugir de casa.

— Temos que bolar alguma forma de Afonso não desconfiar que você fugiu, caso contrário, minha investigação vai complicar, pois ele irá se precaver mais. E se ele souber que você fugiu, irá me procurar imediatamente, afinal, eu estava te investigando e deveria perceber o que você estava fazendo.

— Tem um *SPA* aonde eu vou algumas vezes para relaxar. Dá para ficar lá, eles têm um hotel incluso e tudo mais. Vou dizer a ele que vou passar uma semana lá para fazer alguns procedimentos e relaxar um pouco. Nosso casamento não está às mil maravilhas mesmo, acredito que ele não se importará. Ultimamente ele anda muito controlador e, como comentei, até um pouco agressivo. Brigamos algumas vezes há alguns dias e eu disse que precisava ficar um tempo sozinha, para colocar meus pensamentos de volta nos trilhos. Apenas vou antecipar este tempo.

— Se ele não entender, pelo menos teremos um pouco de tempo para pensar em algo mais efetivo.

Ela ficou de pé, pegou todas as roupas que levou para o provador e não experimentou, olhou-me diretamente nos olhos.

— Eu saio primeiro, você espera um pouco e depois sai. Preciso do seu número de celular para informar sobre como iremos nos encontrar — ela falou, tomando a frente de uma situação onde eu acreditava ser o dominante. Passei meu número, ela rapidamente salvou no seu *smartphone* e, antes de sair, disse baixinho algumas palavras:

— Fique pronto, vamos fazer isso ainda hoje à tarde.

Ela fechou a porta e fiquei sozinho, eu me sentei no banco onde ela estava, encarei a mesma mulher de *short* e *top* e aproveitei o pequeno momento a sós. Respirei fundo e senti aquele perfume que ficou no ar.

Apenas eu, um espaço apertado, uma mulher que não tinha problemas na vida impressa em um cartaz e o cheiro de Tamiris, que dominava o ambiente. Seu perfume estava em minha roupa mesmo sem termos encostado um no outro, mas o pior não era isso — em qualquer lavanderia conseguimos tirar o cheiro da roupa —, o problema é que o odor estava impregnado em minha memória, e a memória não é algo que simplesmente lavamos e conseguimos apagar as coisas de lá, o que precisamos é aceitar que tudo o que gravamos mexe conosco de alguma forma, positiva ou negativa. Ainda não sabia dizer qual das duas, minha única certeza naquele momento era a de que não conseguia tirar a imagem e o cheiro daquela mulher da minha mente.

Levantei do banco deixando as duas camisas que peguei ali mesmo, depois, dei uma amostra da minha solidão com um leve aceno de despedida para a simpática moça do cartaz e segui a destino de atos que sei que não poderia controlar. Apertei o piloto automático, e a partir de daí sabia que não tinha mais domínio sobre o que iria acontecer.

Faria o que fosse preciso sem medir consequências, simplesmente me

deixar guiar pelo meu instinto e coração. A falha nisso tudo é que, diferente de *Hollywood*, na vida real, quando seguimos o coração, as coisas sempre terminam em *merda*.

Mesmo tendo total consciência disso, naquele momento eu não me importava.

CAPÍTULO 29

Voltei para o carro, paguei o estacionamento para o garoto, mas antes de entrar no veículo não consegui me conter e fiz a pergunta que não queria calar:

— Quem é o proprietário do estacionamento?

— Sou eu mesmo, algo de errado, senhor? — respondeu o garoto com a penugem abaixo do nariz.

— Problema nenhum, parabéns pelo atendimento — disse, para desviar o assunto e deixá-lo contente.

Talvez tenha sido por alguma aposta, mas de qualquer forma, descobri que realmente aquele garoto era o Bigode. Com um milhão de coisas acontecendo em minha vida, ainda conseguia sorrir com a criatividade e imaginação dos seres humanos. Rindo sozinho, lembrei mais uma vez do nome do estabelecimento: *Estacionamento do Bigode*.

Pequenas cenas com as quais a vida nos presenteia algumas vezes; mais um sorriso besta e voltei ao mundo real.

Dentro do carro, fui colocando os pensamentos em ordem, a excitação e a adrenalina já começavam a dar sinal em meu corpo. Girei a chave na ignição e, antes de sair, dei um aceno ao meu novo amigo, o Bigode, que balançava a cabeça em retribuição.

Era meio da semana e o trânsito estava lento, porém fluido, e isso fez com que eu não demorasse muito para chegar até minha residência.

No exato momento em que entrei no meu apartamento e larguei a chave e o celular na mesinha de centro, o aparelho apitou, e automaticamente meu coração acelerou. Quando a luz do visor se acendeu, vi que era uma mensagem de Marcos, então meu coração começou a voltar ao seu ritmo normal.

“O que você fez, Davi?” dizia a mensagem que fez meu coração disparar pensando ser outra pessoa. Respondi mais uma vez para ele de forma direta e curta, mas compreensível:

“Contei para ela que o marido pode não ser o que ela pensa. Vou tirá-la da cidade por uns dias até descobrir o que está acontecendo”. Depois de responder, peguei uma pequena mala e comecei a arrumar algumas poucas roupas: duas calças, quatro camisetas, meias, cuecas e só. Ainda não sabia quanto tempo ficaríamos fora. Esperava que não muito, não gosto de fugir de ninguém.

Toda fuga é uma forma de prisão e nenhum de nós foi feito para viver em gaiolas.

Não tinha muito o que fazer, só restava esperar. Larguei meu corpo sobre o sofá e fiquei pensando em como iríamos proceder dali por diante. Decidi que depois de tantas decisões precipitadas, mais algumas não iriam resolver nada, o que precisava era deixar que as coisas acontecessem e o tempo se encarregasse de fazer o seu papel e arrumar tudo da melhor forma possível...

Ou não.

Meu celular tocou novamente, o visor mostrou um número que não conhecia e novamente meu coração deu sinal e aumentou seu ritmo. Respirei fundo e atendi.

— *Davi, sou eu* — disse a voz macia do outro lado.

— Certo — falei, sem saber muito bem o que dizer.

— *Vou te enviar o endereço do SPA que eu falei antes. Em alguns minutos pedirei ao motorista para me levar até lá. Fique me esperando.*

— Combinado.

— *Acho que não é necessário eu pedir para que você se esconda do meu motorista.*

— Pode ficar tranquila, segui vocês por alguns dias e creio que ninguém tenha me notado.

E com isso a linha ficou muda, apenas eu, a respiração acelerada e o coração brincando de fazer batuque. Em seguida, o celular apitou novamente, tirando-me do pequeno transe. A mensagem continha apenas um endereço e nome: *Healthy SPA*. Analisei o endereço e vi que o lugar ficava fora da cidade, mas não muito longe, fiz os cálculos mentais e concluí que não demoraria muito para chegar até lá.

*

O trânsito se deslocava lentamente, levei mais tempo para sair da cidade do que para chegar ao local combinado; depois de entrar na rodovia o caminho foi rápido. Chegando próximo ao destino, eu estacionei o carro e observei o lugar que era algo do tipo SPA/hotel, tendo hospedagem cinco estrelas e todos os luxos que o dinheiro podia pagar.

Um enorme gramado se estendia pela frente do local circundando um caminho que levava até uma porta de vidro automáticas que realizavam seu trabalho mecânico de recepcionar a todos que entravam e saíam. A fachada

do prédio era toda espelhada, podíamos ver nosso próprio reflexo, mas não o que estava dentro, o que é uma real analogia de um espelho. Víamos refletido neles o que estava por fora, mas nunca os fantasmas que se escondem no íntimo de cada pessoa. E todos têm seus fantasmas.

Adoro analogias.

O prédio tomava uma quadra inteira, tinha quatro andares e o comprimento era enorme. Uma enorme cerca de ferro envolvia toda a propriedade, e logo após o portão, uma pequena construção abrigava um Segurança que vestia um terno preto e mantinha no rosto um olhar impassível. Aquele era um verdadeiro recanto para os ricos que queriam relaxar sem serem incomodados.

Depois de algum tempo, vi pelo retrovisor a *BMW* chegando. Ela e o segurança passaram por mim e se dirigiram ao portão, que se abriu automaticamente. O carro entrou, os dois seguranças se encararam e se cumprimentaram com um leve aceno de cabeça. Tamiris e *Shrek* seguiram até a entrada do *SPA*.

Shrek desceu do carro e tirou uma mala de rodinha do porta-malas, em seguida, abriu a porta para que Tamiris descesse. Ela pegou a mala e seguiu para a porta de entrada, que fez seu trabalho e se abriu para que ela passasse, então ela a atravessou e foi engolida por um mundo mágico de riqueza que eu jamais teria condições de conhecer.

O segurança entrou no carro e fez o caminho inverso, de volta para casa.

Eu me assustei quando o celular deu um bipe, peguei-o rapidamente e li mais uma mensagem de poucas palavras:

“*Me dê alguns minutos.*”

Aguardei pacientemente, até que vi um homenzinho de uniforme social de cor azul-marinho saindo de dentro do *SPA* seguido por Tamiris, suas perninhas curtas caminhando rapidamente para acompanhá-la, visto que um passo dela equivalia a mais ou menos três dele. Olhando dali, ele se assemelhava a um dos pequenos anões das histórias de *Tolkien*.

Muitos personagens de *Tolkien* em pouco tempo.

Os dois vieram caminhando em direção ao portão de ferro, e o segurança saiu de sua pequena casinha para falar com eles. Olhando de longe, realmente era uma história do *Tolkien*: tínhamos o castelo, a princesa, o anão e o *orc*. O homenzinho mandou o segurança de volta para a casinha para abrir o portão. Vi quando ela entregou dinheiro para ele, que abaixou a cabeça como súditos fazem para suas rainhas.

Ela saiu e o portão se fechou; realmente parecia uma rainha parada em frente ao seu reino. Em apenas uma cena, eram duas realidades distintas que se apresentavam: à sua frente, o mundo real caótico e cruel; às suas costas, fechado por enormes portões de ferro, o mundo de riqueza e sonhos do qual ela estava abrindo mão.

Eu liguei o carro, andei alguns poucos metros e fiz a manobra para o outro lado da rua, onde ela pacientemente me esperava. Abri a porta, desci, peguei sua mala e coloquei no porta-malas. Nesse meio tempo ela já estava dentro do carro, sentada em seu lugar. De dentro do reino, o homenzinho me analisava de cima a baixo, e seu olhar era de total reprovação. O encarei, respirei fundo e pensei que não precisava da aprovação de um homem que media menos de um metro e sessenta.

Virei as costas e entrei no carro, Tamiris me olhou e deu um pequeno sorriso com o canto da boca. Esse sorriso, além de derreter meu coração, disse-me muito, porém a principal característica era a preocupação, um sorriso nervoso, aquele pequeno gesto que diz: estou em suas mãos, agora é com você.

Tentaria fazer o meu melhor; ela sabia disso e eu também. Dei partida no carro, deixando para trás aquele palácio e toda sua riqueza. Não falamos nada um ao outro naquele momento que era praticamente uma despedida para ela.

No silêncio, ficamos fechados. Cada um em seu próprio mundo com seus próprios pensamentos.

E de tudo que se passava em minha cabeça, uma ideia prevalecia, e ela me dizia apenas uma coisa:

Espero que o meu melhor seja suficiente.

CAPÍTULO 30

Estávamos na estrada há mais ou menos quinze minutos quando eu percebi que não tinha um plano traçado, foi tudo muito rápido e inesperado. Coloquei as engrenagens de meu cérebro para trabalhar. Tamiris estava em um silêncio sepulcral e isso me deixou um pouco preocupado. Decidi rasgar o fino véu de silêncio que nos separava dentro daqueles poucos metros quadrados do carro.

— Você conhece o hotel *Reposer*? — perguntei, já tendo uma ideia da resposta.

— Nunca ouvi falar — respondeu, olhando-me pela primeira vez desde que saímos do *SPA*.

— É um pouco afastado da cidade, vamos para lá para pensar no próximo passo.

— Pode ser.

— Não espere um hotel luxuoso, na verdade, eu nem conheço hotéis luxuosos.

— Tudo bem, às vezes nem todo luxo do mundo vale a pena — ela disse, olhando para os próprios pés, com uma expressão pensativa e triste.

Esta foi a deixa para que eu voltasse ao silêncio e a deixasse pensar sobre tudo que estava acontecendo e as decisões que estava tomando.

Dirigi por mais alguns minutos. O movimento de rotação da Terra já estava levando o sol para o outro lado do mundo para que outros fossem agraciados com sua luz e a noite pudesse cair sobre os que ficavam por aqui.

À nossa frente se apresentou o hotel *Reposer*.

O bairro era de classe média alta, o hotel apenas três estrelas — nem sabia se Tamiris lembrava como era a nossa incrível realidade, aquela luta para que o dinheiro dure até o final do mês e que as contas possam ser pagas todas em dia. Não passamos fome, tentamos levar uma vida honesta e justa, mas nem sempre é fácil.

Tudo é mais fácil quando se tem dinheiro. Sim, existe aquele *blá-blá-blá* de que o dinheiro não compra tudo, e realmente não compra, mas vamos combinar que é melhor chorar dentro de uma mansão com as contas pagas, do que dentro de uma casa alugada com a probabilidade de a luz ser cortada por falta de pagamento. Mas isso não vinha ao caso agora, era apenas uma realidade com a qual me preocuparia mais tarde — quando digo mais tarde, quero dizer quando o dinheiro que recebi de Afonso terminasse.

Atrás do hotel existia um pátio a céu aberto, fechado por uma cerca de

aramé, e dentro do cercado apenas um tapete de brita cobrindo o concreto bruto. Era tudo muito simples, apenas um homem cuidando da entrada para garantir que abusados que não estavam hospedados estacionassem de graça. Estacionei e olhei para Tamiris, que estava analisando atentamente o local à sua volta.

— Não é nenhum hotel cinco estrelas... — disse, para quebrar o gelo novamente.

— Tudo bem, não tem problema — ela respondeu.

— Pode ficar tranquila, o lugar é simples, mas ninguém vai nos incomodar por aqui. Logo descobrirei o que estava acontecendo e você estará livre para voltar para a sua vida.

— Ou não — disse secamente, abrindo a porta do carro e descendo.

Eu abri a porta também, peguei minha pequena mala, que havia jogado no banco traseiro, e fui até o porta-malas para pegar a dela. Com as malas em mãos, começamos a sair do estacionamento.

Percebi que o salto alto que ela usava não estava se dando muito bem com o terreno irregular. Eu tinha as duas mãos ocupadas, mas parei, recuei alguns passos e, com um gesto, ofereci meu ombro para que usasse como apoio. Ela colocou a mão delicadamente sobre minha clavícula e seguimos nosso caminho.

Mais à frente, na saída do estacionamento, passamos por um pequeno quadrado de madeira bruta, usado como refúgio para quem estivesse trabalhando ali. Sentado em um banquinho, também de madeira, um homem de uns sessenta anos, já de cabelos brancos e uma barriga saliente, cumprimentou-nos e reforçou a mensagem automática que devia dizer várias vezes por dia.

— Na saída, preciso do comprovante de que estavam hospedados no hotel. Eles entregam na recepção.

— Muito obrigado — respondi educadamente ao senhorzinho.

Não precisei ficar observando para saber que o olhar dele acompanhou Tamiris até sairmos de seu raio de visão. Também não posso julgar e ou o culpar por isso, ele fez o que muitos homens fazem muitas vezes ao ver uma mulher bonita: simplesmente imaginou.

Demos a volta e nos dirigimos à entrada do hotel — que com certeza era muito diferente dos locais que Tamiris estava acostumada a frequentar. Logo que entramos, pudemos ver uma sala com alguns metros, um tapete vermelho no chão tentando, de forma falha, dar uma impressão um pouco mais luxuosa

ao lugar, e um balcão com o nome *Hotel Reposer* colado nele. Sobre o balcão, *folders* com propagandas de pontos turísticos e restaurantes, atrás dele um computador, um painel com chaves e seus respectivos números pendurados.

Ninguém de uniforme social ou quepe na cabeça para nos receber, apenas um senhor de calça jeans e uma camisa gola polo com o nome *Reposer* gravado no lado esquerdo do peito e um pequeno *botton* com o nome, Sérgio, do outro. Ele tinha olhos cansados, cabelo grisalho e um sorriso de quem já passou por dias e empregos melhores.

— Boa tarde — disse de forma receptiva, mudando o olhar de mim para Tamiris e mantendo-o sobre ela mais tempo do que o necessário.

— Boa tarde, queremos um quarto — disse, quebrando a pequena hipnose do homem, que não devia receber mulheres chiques e bonitas assim com muita frequência.

— Cama de casal? — perguntou, olhando-me com um leve sorriso.

— Não, pode ser duas camas de solteiro.

Ele se virou e foi até o painel para pegar a chave. Depois de ficar uns vinte segundos procurando, voltou com as mãos vazias.

— Não tenho mais nenhum quarto com duas camas de solteiro. Apenas o quarto família, que tem uma cama de casal e um sofá cama.

— Pode ser esse mesmo — respondi.

Ele digitou alguma coisa no computador e logo fez a última pergunta:

— Quantos dias irão ficar?

— Ainda não sei, ficaremos o necessário.

Mais algumas palavras digitadas e ele nos entregou a chave com o número treze. Está aí um número controverso, alguns dizem ser mau-agouro, outros um presságio de que coisas boas estão por vir. Não acredito em numerologia, mas existem momentos em que nos apegamos às coisas banais, então mentalizei a opção de bons momentos e procurei deixar a sensação de mau-agouro para lá.

— Boa estadia para vocês — disse Sérgio, logo após nos entregar a chave e se sentar novamente em sua cadeira. Ele provavelmente voltaria para algum emocionante jogo de paciência em seu computador, pensando por que eu não pedi um quarto com apenas uma cama.

Ao lado da recepção, uma porta dava para um longo corredor com várias portas enfileiradas; apesar de ser um hotel simples, a pintura e a iluminação deviam ter sido refeitas há pouco. Luminárias de parede com lâmpadas

amareladas seguiam por toda a extensão do corredor que apresentava uma cor creme.

Fomos até a porta de número treze e entramos.

O quarto era simples, mas não desagradável, uma cama de casal com um criado-mudo e um abajur, e do outro lado, um pequeno frigobar com três pratos, copos, taças e três pares de talheres. Uma pequena mesa com duas cadeiras ficava encostada na parede e um balcão com algumas gavetas e uma televisão em frente à cama. Completando a decoração, um sofá-cama, que não era nada chamativo e seria meu refúgio nas próximas noites. Ao lado do sofá, uma porta que ligava o quarto a um pequeno banheiro.

Tamiris entrou e sentou na cama, eu larguei as duas malas ao lado dela e tranquei a porta: agora éramos apenas nós dois. Pela primeira vez, realmente sozinhos e com um pouco de calma, sem estar sendo perseguidos por bandidos, escondidos dentro de um vestiário de loja ou julgados por um homenzinho minúsculo.

Pelo menos por aquele momento estávamos assim, ou até que Afonso descobrisse que ela não estava no *SPA*. Mas com tudo que Tamiris dissera sobre o casamento estar passando por momentos ruins, acreditava que teríamos um pouco de vantagem.

Na crise, normalmente, o casal procura se evitar um pouco. Um não quer falar com o outro, e naquele embate de egos, acreditava que tínhamos pelo menos uns dois dias antes de Afonso procurá-la.

Nesse meio tempo, esperava já ter encontrado alguma solução para o problema.

CAPÍTULO 31

— Está com fome? — perguntei, alguns minutos depois de entrarmos no quarto.

— Um pouco — responde, ainda sentada na cama.

— Vou pegar algo para comermos, você me espera, pode ser?

— Sim, claro.

Saí do quarto deixando a chave e pedindo para que ela trancasse a porta até eu voltasse, não deveria chegar ninguém, mas visitas inesperadas não eram bem-vindas. Passei pela recepção e dessa vez era um rapaz mais jovem que se encontrava lá. Cabelos compridos e pretos, uma cara de quem estava ali por obrigação e passando pelo maior tédio do mundo. Ele me olhou e apenas balançou a cabeça, tentando algum tipo de cumprimento que eu não consegui entender direito.

Saí do hotel e fui atingido em cheio pelo vento, o que me surpreendeu um pouco. O calor da tarde fora substituído por um gélido ar de outono. Pensei que deveria ter trazido um casaco, mas segui assim. Não conhecia muita coisa por ali, então optei pelo simples, e Tamiris que me perdoasse, mas aquela noite ela comeria um hambúrguer, desses que vendem pela rua mesmo. Nada de restaurantes caros e comidas elaboradas, apenas o bom e velho hambúrguer.

Virando a esquina, segui até o final da rua, onde algumas luzes iluminavam um *trailer* de hambúrgueres e *hot dogs*. Três mesas com cadeiras de plástico estavam posicionadas de frente para ele e duas famílias se encontravam sentadas, comendo. Fui até lá e pedi para viagem o que o cardápio sugeria como tradicional.

Aguardei alguns minutos pensando em como prosseguir dali por diante. Precisaria seguir Afonso mais de perto ou talvez descobrir o paradeiro de Alceu e segui-lo também. Mas analisando de outra forma, tinha a dupla do *Los Santos* e a dupla que tentou estuprar Tamiris, mas acreditava que eles não fossem tão importantes assim, apenas contratados para algo. Precisava focar em Afonso, que tudo indicava ser o centro de todo o caso, e Alceu, que era um dos bandidos mais perigosos e violentos com quem já havia lidado.

— Moço, seu pedido está pronto! — gritou a senhora, trazendo-me de volta para o mundo real.

Peguei o pacote com a comida, agradeci e comecei a fazer o caminho inverso para o hotel. Antes de voltar para o quarto, fui até o estacionamento,

abri o porta-malas do carro e peguei minha arma, mais por precaução do que por intenção, afinal não pretendia usá-la, mas como não sabia com o que estava lidando e tinha muita gente perigosa envolvida, preferi prevenir. Como dizia um antigo parceiro de polícia: “*Antes eles do que eu*”.

Acomodei a arma na cintura e senti o metal gelar meu quadril, uma sensação de poder que eu já não sentia há um bom tempo. Fiz tudo isso meio escondido para que ninguém visse; apesar de não ter ninguém no estacionamento, além do vigia, ainda era um lugar público e pessoas vêm e vão a toda hora. Então, com a comida nas mãos e a arma na cintura, eu voltei para o quarto.

Passei pelo cabeludo, de eterna expressão de tédio, mas nem me dei o trabalho de cumprimentá-lo e tirá-lo de seu limbo. Avancei pelo corredor até chegar ao número treze, bati na porta e ouvi passos aproximando-se.

— Quem é? — a doce voz perguntou.

— Seu jantar chegou, senhorita — respondi brincando.

Ela abriu a porta, sorriu para mim e novamente me surpreendeu. Ela estava de banho tomado, vestindo o roupão do hotel, com os cabelos ainda molhados e sem nenhuma maquiagem no rosto.

Sem dúvida, era uma das mulheres mais lindas que já conheci.

Sempre preferi mulheres com pouca maquiagem, acho que todo aquele pó artificial esconde muito do que uma mulher realmente é. No caso de Tamiris, a maquiagem a deixava linda, mas seu rosto limpo era de uma beleza única.

Ela virou as costas e foi para a cama, sentou apoiando as costas na cabeceira e cruzou as pernas em posição de meditação, o olhar fixo na televisão. Eu fechei a porta e a tranquei. Coloquei o pacote com a comida sobre a pequena mesa e olhei novamente para ela. O roupão mexeu um pouco e parte de suas pernas bronzeadas e torneadas ficaram à mostra, ela percebeu meu olhar e eu fiquei um pouco sem jeito, algo que não acontecia com muita frequência.

— Não sei a dieta que você segue, mas hoje nosso cardápio é bem simples, comeremos o tradicional hambúrguer com batatas — disse, tentando disfarçar um pouco o embaraço em que fiquei.

— Por que você acha que eu sigo dietas, Davi? — ela perguntou com um sorriso malicioso no rosto. Já havia visto esse sorriso várias vezes no rosto de várias mulheres, e sabia que ela estava apenas me provocando.

— Ricos sempre seguem dietas, além do mais, te encontrei hoje à tarde em uma loja de roupas para academia. Uma coisa leva à outra.

Ela sorriu, um sorriso honesto.

Eu sorri, um sorriso bobo.

A rainha e o bobo da corte trancados em um quarto barato. Uma situação fora do comum, mas que aconteceu.

— Estava louca por algo gorduroso, faz tanto tempo que não como hambúrguer com batatas.

— Às vezes o simples é o melhor — falei, abrindo o embrulho com nossa comida.

— Normalmente o simples é o melhor — ela rebateu, levantando-se da cama.

Ela pegou os pratos e talheres sobre o frigobar e me entregou. Eu coloquei um hambúrguer em cada prato e larguei as batatas ao redor, quando percebi que havia me esquecido de algo.

— Esqueci de pegar bebidas.

— Não tem problema — ela disse, tirando um vinho de dentro do frigobar.

— Tem certeza de que quer beber? — perguntei, enquanto ela me olhava e mantinha aquele sorriso no rosto.

— Tenho sim, quero aproveitar um pouco esta noite longe de toda a vida que eu levo. Tentar esquecer por alguns momentos tudo o que está acontecendo e, com certeza, esse vinho vai me ajudar.

— Vinho e hambúrguer não parecem uma boa combinação.

— Nós dois neste hotel também não, mas aqui estamos. — Sua frase acabou com todos os meus argumentos. Eu apenas sorri e concordei.

— Assim será.

Ela colocou o vinho nas taças e me entregou uma. A situação estava bem diferente do momento em que chegamos ao hotel; de uma fuga de última hora, as coisas passaram para uma noite agradável e, por alguns instantes, sem preocupação alguma.

Dois adultos juntos aproveitando a companhia um do outro, usufruindo de um vinho barato em um hotel meia boca e pensando que aquilo bastava para se ter bons momentos. São coisas assim que te fazem acreditar que não é necessário ter todo o dinheiro do mundo para ser feliz, alguns momentos gratuitos realmente valem muito mais a pena.

— Um brinde ao meu herói. — Ela riu e ergueu a taça.

— Que *Zorro* de meia tigela você foi encontrar — respondi sorrindo e tocando minha taça na dela.

Bebemos sem desviar o olhar um do outro. Tamiris abaixou sua taça e a

colocou sobre a mesa — bebeu meia taça em apenas um gole — e quando sorriu novamente, seus dentes estavam corados por causa do vinho.

— Obrigada, Davi.

— Mas não consegui fazer nada ainda, Tamiris.

— Obrigada por tentar. Isso já é mais do que muitas pessoas fizeram por mim.

Ela se aproximou e me beijou.

Eu retribui.

O mundo parou e eu pedi para que o tempo congelasse para sempre. Quando isso aconteceu, tinha a certeza de que estava completamente apaixonado.

CAPÍTULO 32

Pela primeira vez em muito tempo, dormi a noite inteira sem remédios ou insônia, simplesmente apaguei e quando abri os olhos já era dia. Tamiris repousava sobre meu peito e ainda dormia. Acordado, sozinho, olhando para o teto, arrisquei um sorriso.

Apesar de todos os percalços eu estava feliz.

O lençol cobria parcialmente o seu corpo, deixando parte das costas nua. A cada dia que passava, percebia detalhes novos que a deixavam ainda mais linda, se é que isso de alguma forma era possível. Tivemos uma noite intensa e memorável de amor, mas não falarei nada sobre isso, afinal, um cavalheiro não comenta esse tipo de coisa.

Mas como não sou um verdadeiro cavalheiro, vou resumir a noite em apenas uma palavra para vocês terem uma noção:

Fenomenal.

Realmente memorável.

Passamos o final de semana trancados no quarto do hotel, pedindo comida, conversando e esquecendo do mundo lá fora. Dois adultos que, por alguns dias, fingiram que não existia vida fora daquelas quatro paredes, apenas nós dois. Duas pessoas tentando criar um pequeno mundo imaginário dentro do mundo real.

A paz acabou quando Afonso começou a ligar. Tamiris disse que estava no SPA, mas ele não parecia muito convencido disso. Ele passou a ligar de hora em hora até que, em certo ponto do domingo, ela desligou o celular e disse para deixar para lá.

Marcos havia me ligado também, perguntando onde eu estava e o que estava acontecendo. Dei uma rápida esplanada na situação para ele ficar por dentro do assunto. Fui reprimido e xingado, e não tiro sua razão.

Pela primeira vez, depois de Jéssica, eu me deixei envolver por alguém, mas para variar, pela pessoa errada. Não bastava me envolver, eu tinha que me apaixonar pela mulher que eu estava investigando! Tudo indicava que — até então — ela era fiel, mas naquele momento certamente não era mais. Seria fácil acabar com essa investigação, bastava tirar uma *selfie* com Tamiris dormindo sobre meu peito e mandar para Afonso e cobrar o resto do dinheiro, dizendo que eu havia descoberto que ela realmente estava o traindo.

Mas quando o próprio detetive se torna o amante, que para piorar estava de quatro por ela e tentaria de tudo para manter as coisas como estavam, tudo

muda de figura. Meu interesse principal era a investigação paralela, que eu considerava a única coisa importante no momento. Precisava descobrir o que estava acontecendo entre Afonso e todos aqueles homens envolvidos em diversos crimes.

Já era segunda-feira de manhã quando decidi voltar ao trabalho e deixar para trás aquele mundo dos sonhos que havia me seduzido durante o final de semana. Sentia-me como um adolescente tendo que voltar para a realidade da escola depois de um final de semana incrível.

Tamiris ainda dormia, e eu estava prestes a sair quando as coisas mudaram novamente, e desta vez pude perceber que na vida real o mundo lá fora sempre sobrepõe o pequeno e singular mundo dos sonhos. E se falarmos em sonhos, as coisas estavam começando a tomar o rumo de um pesadelo.

Primeiramente, meu celular vibrou. Era uma mensagem de um número desconhecido, e tudo o que estava escrito era um endereço, que a princípio não entendi. A segunda mensagem foi a que me fez perder a cor e me sentar na cama para não desmaiar. Meu coração parava e voltava a acelerar rapidamente; eu estava sentado na cama com os cotovelos apoiados no joelho e as duas mãos na cabeça.

A segunda mensagem era apenas uma imagem, mas que gritava na minha cara muito mais do que qualquer frase que pudesse estar escrita ali. A foto consistia na minha antiga parceira, Ana, amarrada a uma cadeira e amordaçada.

A terceira mensagem foi desnecessária, dizia apenas o de sempre:

“Venha sozinho, caso contrário, sua amiga já era.”

Em menos de um minuto eu já tinha pegado a arma, colocado na cintura e estava pronto para sair, foi quando Tamiris acordou. Ela pôde perceber pelo meu rosto e minha agitação que algo estava errado. Não são muitas as coisas que realmente me tiram do sério, mas ferir as pessoas que eu amo era algo que não podia admitir.

Em grande parte, por estas pessoas serem muito poucas.

— O que está acontecendo? — perguntou com voz ainda sonolenta.

— Nada, eu preciso ir. Tranque a porta e não deixe ninguém entrar.

— Mas o que..? — ela começou outra pergunta, mas eu a interrompi.

— As coisas estão saindo do controle, depois eu explico.

Dito isso, eu já estava do lado de fora do quarto andando a passos largos em direção à saída do hotel e, conseqüentemente, ao estacionamento onde estava meu carro.

Você pode estar pensando que eu não devia ir até lá sozinho e tudo mais. Acredite, eu penso o mesmo, mas não via outra alternativa, e devia muito à Ana para deixá-la nas mãos daqueles vagabundos.

Entrei no carro, mandei uma mensagem, dei a partida e fiz uma ligação. No terceiro toque Marcos atendeu.

— *Que diabos de endereço é esse, Davi?* — ele perguntou sem rodeio algum.

— Estão com a Ana. Não sei quem e nem como, apenas me mandaram uma foto dela amarrada em uma cadeira. Estou indo *pra* lá agora.

— *Mas você tem algum plano?*

— Tenho. Tirar ela de lá, independentemente do que for necessário.

— *Mas, Davi, você não sabe com quem está se metendo ou quem está lá.*

— Não, mas creio que sejam as mesmas pessoas que estão envolvidas com Afonso. E tenho certeza absoluta de que ele está por trás disso tudo — disse, com a raiva começando a tomar conta da minha voz.

— *Ele é um cara poderoso* — Marcos constatou, ainda no seu habitual tom de calma.

— Sim, ele é, mas eu vou derrubá-lo.

Desliguei o telefone, pisei mais forte no acelerador e segui para o meu destino sem ter ideia do que aconteceria a seguir.

CAPÍTULO 33

No caminho, lembrei de quando conheci Ana, o capitão dizendo que ela seria minha parceira. Não posso deixar de admitir que tive um vago preconceito — a maioria dos homens tinha parceiros homens, e eu com uma mulher. Imaginei que ela não teria a mesma capacidade de um homem para conseguir me ajudar e me dar cobertura em situações de perigo.

Eu me enganei.

A vida nos ensina muito, e eu vi o quão errado eu estava quando comecei a trabalhar com a pequena Ana. Ela era uma mulher enérgica e ativa, com uma coragem que era, no mínimo, o dobro do seu tamanho. Sem pestanejar, ela colocava a vida em perigo por minha causa, provou isso inúmeras vezes.

Quando saí da polícia, ela foi uma das únicas a ficar do meu lado, ligou várias vezes depois do ocorrido para ver o que eu estava fazendo e se precisava de algo. E como um *bosta* de amigo, que é o que eu sou, comecei a pedir informações sobre pessoas que eu investigava a ela, mesmo sabendo que corria o risco de perder o emprego, caso alguém descobrisse.

Ela sempre me repreendia, porém nunca deixava de me ajudar. Se sua coragem era grande, seu coração ainda maior. Ela, sem sombra de dúvidas, foi a melhor parceira que alguém poderia ter tido, e naquele instante alguém a mantinha amarrada a uma cadeira e ela sequer tinha ideia do que estava acontecendo.

Pensei em como devia ser bom ser meu amigo, sempre colocando o pescoço à prova sem nunca receber nada em troca. Não costumava pensar muito sobre isso para não me decepcionar tanto comigo mesmo e com a pessoa que me tornei.

Parando para analisar friamente, assim como Ana, eu também não sabia ao certo o que está acontecendo, mas descobriria por bem ou por mal. A única coisa que realmente sabia era que não tinha mais volta, precisava ir até o fim.

Tinha cogitado a ideia de pegar Tamiris, fazer as malas e sumir do país. Aquela ideia bonita de adolescentes que diz: “*Somos nós dois contra o mundo.*”.

Mas isso tudo era inviável, a imagem de Ana não saía de minha cabeça e, vagando em pensamentos e teorias, nem me dei conta de que já me aproximava do lugar de onde ela supostamente estava presa. Era um velho pavilhão abandonado que ficava a alguns quilômetros da cidade.

Um ótimo lugar para reféns.

Um ótimo lugar para tiroteios.

Um péssimo lugar para ir sozinho.

Liguei o pisca do carro e entrei em uma estradinha de terra; a vegetação cobria os dois lados da via. Segui lentamente por um caminho que tinha uma grande probabilidade de eu não ver novamente. Pensando por esse ponto, se esse era o último caminho que faria, eu não tinha aproveitado nada do trajeto até ali; meu pensamento focou em Ana e em tirá-la de quem quer que fosse que estava fazendo-a de refém e só.

Não reparei na vegetação, nos carros que me cercavam e nem nas pessoas que passavam por mim. Se por acaso eu morresse e minha morte fosse retratada em uma tela, seria tão simples quanto meus últimos anos foram. Mas eu não podia morrer naquele momento, não sem antes tirar Ana de lá.

Depois que conseguisse salvá-la eu podia morrer. Sabia que um último ato não faria com que eu me tornasse melhor, mas deixaria minha consciência um pouco mais tranquila e, talvez, minha alma vagasse em paz pela eternidade. No fim, talvez fosse isso o que realmente importa: morrer em paz.

Aquele final de semana me trouxe algo positivo e naquele momento algumas coisas começaram a fazer sentido novamente. Depois de muito tempo, entristecia-me pensar sobre a morte. Era a primeira vez em anos que eu percebia que o mundo ainda poderia ter coisas boas a me oferecer.

Queria viver e usufruir daqueles pequenos presentes que ainda podia receber.

Aqueles dias me mostraram, que por mais escura que seja a fase que estivermos passando, a vida sempre guarda algumas cartas na manga para nos surpreender.

Além do mais, não podia salvar Ana e deixar Tamiris em apuros.

Decididamente, não queria e não podia morrer.

Duas mulheres que eu amava.

Dois amores muito diferentes com apenas uma coisa em comum: naquele exato momento, as duas necessitavam de mim para salvá-las. E eu precisava dar conta do recado, do contrário, jamais me perdoaria por tudo que estava acontecendo.

Vi ao fundo o pavilhão abandonado, virei a direção colocando o carro ao lado da estradinha, no mato. Parei um pouco afastado, procurando manter alguma distância, sabia que estavam à minha espera, mas não era por isso que ia chegar acelerando ao máximo e puxando o freio de mão. Por menor que seja o elemento surpresa, sempre existe alguma esperança nele.

Quando já estão te esperando fica difícil chegar sem ser notado. Sabia muito bem que não entraria escondido no interior de um cavalo e sairia apenas à noite, surpreendendo meus inimigos como foi em Tróia, mas tentaria ser o mais sutil possível.

Desci do carro, empunhei a arma e segui lentamente pelo meio do mato. Ainda andando meio abaixado, saí da vegetação na lateral do pavilhão; tudo estava silencioso demais, alguns pássaros cantavam e sobrevoavam o lugar, mas para quem estava acostumado ao barulho da cidade, estar ali no silêncio quase total era assustador.

Circulei o pavilhão inteiro e não avistei nenhum carro. Tudo parecia estar deserto e tranquilo. No chão de terra apenas marcas profundas de pneus, o sinal de que alguém esteve ali há pouco tempo. A porta da frente estava entreaberta, mas esse não era o melhor caminho para uma entrada discreta, por isso eu decidi tentar a dos fundos.

Surpreendentemente, a porta dos fundos também estava aberta. As janelas do pavilhão eram enormes, mas além de estarem muito altas, eram basculantes, não tinha espaço para entrar ou sair por ali, mesmo que eu tivesse a silhueta no estilo Gisele Bündchen.

Empurrei a porta, silenciosamente e entrei.

O pavilhão fazia parte de uma antiga madeireira e o pó cobria várias máquinas velhas que ficaram abandonadas. Esgueirei-me entre as quinquilharias que retratavam o total abandono e segui em silêncio, os olhos e ouvidos em alerta, tentando encontrar qualquer sinal de perigo ou mesmo da presença de alguém.

Nada.

Apenas o silêncio assustador.

No fim do pavilhão, avistei uma escada que levava ao segundo andar, onde ficava o que imaginei ser o antigo escritório. Acreditei que Ana estivesse presa lá dentro; não tinha outras opções, então me dirigi para lá. A escada de ferro rangeu e fez barulho quando pisei no primeiro degrau e, no silêncio, o barulho do rangido pareceu ser dez vezes mais alto do que realmente era.

Se eu estava andando nas sombras e sem ser visto até então, o barulho da escada com certeza revelara minha presença. Parei e escutei, aguardando pelo estouro de um tiro ou algum ataque sorrateiro.

Nada aconteceu.

Continuei subindo a escada passo a passo, esperando o próximo degrau me trair e anunciar para quem ainda não soubesse que eu havia chegado. Porém,

eles foram meus cúmplices e se mantiveram em silêncio até eu chegar ao topo. Uma porta de metal com janela de vidro me separava do escritório. Eu estava abaixado, assim, não podia ver o interior da sala, conseqüentemente, quem estava lá dentro também não podia me ver.

Lentamente fui levantando e olhando por entre o vidro poeirento, tudo o que via era uma cadeira no centro e Ana amarrada com a cabeça pendendo para baixo. Sem saber se ela estava morta ou viva, meu coração começou a bater mais forte, minhas mãos apertaram a arma com força e o suor escorreu pelo meu rosto.

Abri a porta rapidamente, apontando a arma para todos os lados e esperando qualquer movimentação, mas nada aconteceu. Esperei alguns segundos, ainda tentando esquadrihar todos os cantos da sala, mas com exceção de Ana amarrada à cadeira, ela se encontrava vazia.

Fiz algo que em outra situação poderia ter sido meu maior erro: coloquei a arma novamente na cintura. Corri até a cadeira e a primeira coisa que fiz foi colocar os dedos no pescoço dela. Quando senti a pulsação, o alívio foi tão grande que meu corpo perdeu as forças e quase caí sentado.

Dei leves tapinhas no rosto dela enquanto chamei seu nome, ela lentamente começou a acordar. Ela me olhou assustada, mas ao reconhecer meu rosto relaxou. Eu removi a fita que cobria sua boca.

— Calma, Ana, eu estou aqui, agora — disse em tom apaziguador. Dava para ver o trajeto de lágrimas secas em seu rosto, ela devia ter chorado, contudo sua expressão naquele instante era neutra.

— Tem alguma coisa nas minhas mãos, Davi.

Circulei a cadeira — as suas mãos estavam amarradas nas costas. Entre as duas mãos, que também estavam presas com fita, um envelope. Tirei a fita e peguei o envelope.

Ao abrir, meu mundo desabou quando percebi o que aconteceu.

Fui manipulado.

Dentro do envelope, uma foto que mostrava eu e Tamiris na entrada do hotel *Reposer*. Eles estavam nos observando o tempo todo e sabiam onde estávamos! Toda a nossa fuga e tentativa de nos esconder não passou de uma farsa, eles estavam um passo à frente o tempo todo.

Tudo o que precisavam era de um pretexto para me tirar de lá. Ana foi apenas uma isca. A isca foi jogada e eu fiz exatamente o que esperavam que eu fizesse. Na verdade, o que eles realmente queriam era Tamiris.

Aquilo tudo fora uma armadilha.

E eu caí.
Como um tolo.

CAPÍTULO 34

Eu fiquei momentaneamente em choque, até Ana me chamar e me trazer de volta à realidade. Em alguns momentos de pânico, os nossos instintos mais primitivos atuam em busca de uma saída, em outros, simplesmente paralisamos e ficamos como um animal acuado encarando a morte certa.

Felizmente — na verdade não, se analisar bem — o chamado de Ana me tirou do estupor e voltei a pensar com clareza, mas nenhum dos meus planos parecia plausível no momento, não sabia qual deveria ser o meu próximo passo.

Resolvi então seguir os meus instintos e fazer o que qualquer *idiota* faria: Voltar ao hotel.

— Eles pegaram Tamiris! — Por incrível que pareça, essas foram as minhas primeiras palavras. Eu não perguntei como Ana estava ou o que havia acontecido, talvez por já tê-la soltado e ela parecer estar bem.

— A esposa de Afonso? A que você investigava? — perguntou Ana, sem parecer se importar com minha indelicadeza.

Eu balancei a cabeça em afirmação. Levantei e tentei recobrar cem por cento dos meus pensamentos. Ali, olhando realmente para Ana pela primeira vez desde que havia entrado lá, notei o quanto ela era forte e não parecia abalada; a vida já lhe fizera passar por situações iguais e até piores do que aquela. Não estava preocupado com o fato de ela ficar traumatizada ou não dormir à noite por causa daquilo, ela fora treinada para esse tipo de coisa.

— O que aconteceu? — enfim perguntei.

— Foi quando estava saindo da delegacia para almoçar. Por mais estranho que possa parecer, deixei o carro na rua e não no estacionamento da delegacia, isso deve ter dado a chance de alguém entrar nele. A porta não estava arrombada; notei o fato de o alarme não estar ligado, mas pensei que havia esquecido. Enfim, quando entrei no carro fui surpreendida por alguém que estava escondido no banco de trás. Clorofórmio no nariz. Desmaiei e quando acordei estava encapuzada e jogada sobre os ombros de alguém. Me carregaram até aqui, me prenderam, colocaram este envelope em minhas mãos e me disseram para esperar que você viesse.

— Você reconheceu a voz ou alguma característica de quem te trouxe *pra cá*?

— Não, o homem até tirou meu capuz, mas ele estava com uma touca cobrindo o rosto. Só posso afirmar que ele era enorme e negro, pude ver por

suas mãos. Inclusive, em uma delas consegui ver uma pequena tatuagem, algo com asas e auréola, mas não identifiquei muito bem.

— *Los santos!* — exclamei, baixando a cabeça e juntando mais uma peça do quebra-cabeças. Tudo estava encaixando, mas eu ainda não tinha chegado à conclusão alguma. Se isso fosse um jogo de xadrez, o meu adversário estaria sempre uma jogada à frente e, como um bom jogador, sempre previa minha próxima ação. — É uma gangue, vi dois deles com o traficante que pedi *pra* você pesquisar, Evandro, aquele que foi morto há alguns dias atrás. Inclusive, o negro que te trouxe *pra* cá certamente era um dos homens que estava com ele no bar.

— Davi, no que você se meteu?

— Ainda não sei, mas é algo grande, muito grande e preciso correr contra o tempo para descobrir qual a razão de tudo isso. Preciso voltar para o hotel e tirar Tamiris de lá antes deles — disse, mesmo sabendo que aquilo seria impossível. Eles sabiam que eu viria *pra* cá e com certeza já conseguiram pegá-la.

Tudo o que eu esperava era que tivessem deixado alguma pista, algo que eu pudesse seguir para encontrá-la. Também sabia que se deixassem qualquer coisa, com certeza era algo proposital e se tratava de mais uma armadilha, jamais a entregariam de bandeja para mim.

— Vamos, Ana, preciso correr! — falei, pegando-a pelo braço e seguindo rumo à porta.

Dessa vez não me importei com o barulho, desci os degraus — que rangem em protesto — quase pulando. Fizemos o caminho para sair do pavilhão e andamos apressados até o meu carro. Dei partida e saí cantando pneus, jogando pedras para os lados enquanto fazia o retorno em direção à estrada — Vou com você! — Ana disse, segurando-se no assento.

— Sem chances! Mesmo sem ter nenhuma relação com tudo isso você já correu riscos, poderia ter se machucado. Não quero que se envolva mais. Eles pesquisaram minha vida e estão me observando. Todos que eu gosto correm perigo.

— Quem são eles, Davi?

— Eu não sei.

Depois que disse isso, o silêncio dominou o carro. Ana ficou em silêncio, entendendo a gravidade da situação; ela era inteligente e percebeu que eu estava perdido em meio ao caos a que aquilo tudo me levou. Minhas mãos apertavam o volante, deixando minhas juntas brancas, sabia que meu rosto

estava tenso e não poderia ser diferente. Meu único pensamento era chegar ao hotel.

Pisei fundo no acelerador, costurando por entre os carros, fazendo manobras arriscadas, ultrapassando pela contramão, fazendo tudo aquilo que julgava que só *idiotas* faziam, mas situações desesperadas pedem medidas desesperadas. Ana permaneceu calada, olhando para frente. Sei que ela também estava nervosa, por tudo o que aconteceu com ela e pelo fato de eu estar andando como um louco, mas ela não me repreendeu.

— Vou te deixar próximo à delegacia, é caminho para aonde estou indo — avisei em um tom que deixava claro que não haveria discussão.

Ir comigo até o hotel não era uma escolha.

Ana esperou estarmos quase chegando para fazer a pergunta final e me surpreender:

— Você está envolvido com a mulher de Afonso?

A primeira reação que tive foi ficar em silêncio, a segunda foi mantê-lo. Minha terceira foi estacionar o carro e a quarta e última foi falar:

— Tchau, Ana, e desculpe por te envolver nisso.

Ela olhou no fundo dos meus olhos e percebi que muitas vezes nossos amigos nos conhecem mais do que nós mesmos. A pergunta foi uma simples etiqueta, ela já sabia que eu estava apaixonado, foram anos trabalhando e convivendo juntos diariamente, e mulheres são muito mais perceptivas do que homens. Ana desceu do carro e antes de fechar a porta me atirou algumas palavras:

— Cuidado, Davi. Faça o que você faz de melhor: use a lógica e não o coração.

A porta se fechou e eu fiquei sozinho com aquelas palavras. Sei que usar o coração para a tomada de decisões nunca foi algo inteligente. *Shakespeare* nos alerta sobre isso quando um jovem casal decide seguir o coração e ir contra a sociedade e seus pais. Eles se chamavam *Romeu e Julieta* e ficaram mundialmente famosos por lutar contra as adversidades e deixar todas as diferenças de lado para seguir apenas o coração.

Porém, o fim da história todos nós conhecemos:

Morte.

CAPÍTULO 35

Estava há poucos minutos do hotel, e isso me deixava muito mais nervoso do que gostaria de estar. O toque do meu celular me assustou de tal forma que apenas por reflexo eu pisei no freio. Por sorte o veículo que estava atrás mantinha certa distância, caso contrário, teria acontecido mais um empecilho para eu inserir na minha pequena lista de felicidade.

Você sabia que segundo nossos gurus modernos e *coaches* de vida é necessário fazer uma lista com todas as coisas boas que você deseja e que somente desta forma elas acontecerão? Pode ser verdade, pois eu nunca fiz uma lista e, como consequência, as coisas boas também não estavam acontecendo comigo.

Em um cálculo rápido: foram anos de tristeza para um final de semana de felicidade, e depois disso, novamente a *merda* sendo jogada no ventilador. De acordo com a matemática, estava com alguns “menos” na frente desta equação chamada vida.

Mas gostando ou não ela seguia.

O toque do celular me chamou novamente, olhei na tela e vi o nome de Marcos, atendi.

— *Davi, como estão as coisas?*

— Era uma armadilha. Ana estava amarrada e sozinha, não tinha mais ninguém lá.

— *Ela está bem?*

— Sim, já deve estar a caminho de casa neste momento. Eles deixaram com ela uma foto minha e de Tamiris entrando no hotel, já sabiam de tudo.

— *Onde você tá agora?*

— Voltando ao hotel, provavelmente não vou encontrar nada, mas preciso checar, qualquer pista será bem-vinda no momento.

— *Espera que eu vou contigo, pode ser perigoso voltar lá desse jeito.*

— Já estou chegando, não dá mais tempo.

— *Davi...* — Desliguei antes de saber o final da frase.

A frente do hotel já se apresentava diante de mim quando guardei o celular no bolso. Parei o carro no estacionamento e desci com o coração batucando descontroladamente.

Preciso chegar logo no quarto.

Mesmo que minha esperança de que ela estivesse sã e salva fosse de mais ou menos um por cento, tentei me apegar ao máximo a essa ideia.

Chequei o peso da arma em minha cintura e saí a passos largos — ir devagar ao encontro de algo que não queremos pode parecer melhor, mas não é, é apenas uma tentativa de adiar o inevitável sem perceber que cedo ou tarde o confronto é iminente. No meu caso, aprendi que quanto mais rápido chego ao problema, mais rápido ele termina.

Passei pelo senhor, que cuidava do estacionamento quase sem percebê-lo. Ele disse algo que eu não ouvi, meus problemas naquele momento eram bem maiores do que o *ticket* que precisava apresentar na saída. Entrei no hotel e fui recebido pelo mesmo tapete vermelho que me deu boas-vindas no outro dia, mas ele me parecia ainda mais cafona do que da última vez que o vi.

Era Sérgio quem estava na recepção novamente, mas dessa vez ele me lançou apenas um bom dia com um sorriso amarelado e ensaiado. A integração social não fazia parte das minhas necessidades básicas, então não me dei ao trabalho de responder e mantive minha marcha direto para o quarto de número treze.

Entre no corredor e ao longe já vi a porta.

Estava entreaberta.

— *Merda* — sussurrei.

Aquele um por cento de esperança acabava de evaporar, e então sabia que eu estava certo. Normalmente gosto de estar certo, alimenta meu *Narciso*, mas naquela situação em específico, eu rezava para um Deus no qual não acreditava, pedindo por um resultado que também não cria.

Estar certo às vezes é uma grande besteira.

Cheguei à porta do quarto e tirei a arma da cintura, optei por tentar o silêncio novamente: empurrei a porta devagar e entrei no quarto. O cheiro de Tamiris tomava conta de cada metro quadrado. O roupão estava jogado sobre a cama desarrumada, a televisão ainda ligada e nela um apresentador liderava um programa de perguntas e respostas.

Também buscava por respostas, mas minhas questões não eram tão simples quanto as do show que passava na pequena tela.

Passo a passo, fui deslocando-me pela pequena extensão do quarto em direção ao banheiro — que era o único lugar que minha visão não alcançava. Ainda não tinha pensado nessa possibilidade, mas a imagem que preencheu minha mente era a do corpo de Tamiris estirado no chão com uma bala na cabeça.

Um calafrio percorreu meu corpo enquanto me dirigi para a porta, também entreaberta, do banheiro. Empurrei-a com cuidado, e quando ela se abriu,

minha arma estava apontada para dentro de um banheiro vazio. A sensação de alívio que me tomou ao notar que não havia nenhum cadáver lá dentro era estarrecedora.

Ouvi um ruído sutil vindo de trás de mim e percebi que era tarde demais. Guiado pelas emoções, cometi um erro inaceitável para alguém que fora policial durante tanto tempo. Quando entrei no quarto mantive o olhar sempre à frente, e não pensei na possibilidade de alguém estar escondido atrás da porta.

E foi exatamente isso que aconteceu: alguém usou a porta como escudo, e quando eu me dirigi para o banheiro, fiquei de costas, exposto para quem estivesse ali. Como disse anteriormente, quando percebi tudo isso já era tarde.

Antes que pudesse me virar para ver meu agressor, senti uma pancada muito forte na cabeça. Algo me atingiu em cheio e, antes mesmo de chegar ao chão, a escuridão já havia tomado conta de tudo.

CAPÍTULO 36

Ana andava lentamente de volta para o seu carro. O dia havia sido extenuante. Havia sido raptada, levada para um pavilhão abandonado, ficara amarrada por horas até seu amigo e ex-parceiro ir libertá-la. Ela se sentia enjoada pelo fato de não ter comido nada e por ter sido apagada com clorofórmio.

Chegou até o veículo, que ainda estava destrancado, e antes de entrar checou o banco de trás. Não que ela acreditasse que alguém estaria escondido ali novamente, foi apenas por precaução. Aquele dia o trabalho já havia acabado, ela não iria voltar para a delegacia de forma alguma. Tudo o que queria era um sanduíche, uma taça de vinho e cama.

A dor de cabeça insistia em lhe fazer companhia, uma daquelas companhias indesejadas que preferimos que vá embora o quanto antes e se possível não volte nunca mais. O sanduíche iria fazer com que isso melhorasse, talvez o vinho a trouxesse de volta, mas no momento seguinte a cama a expulsaria novamente. Então, pela matemática, acabava tudo em zero.

Ela ligou o carro e seguiu para sua casa, que não ficava tão longe dali; essa havia sido uma das suas condições, pois odiava dirigir. Se não fosse pelo trabalho na polícia, ela jamais teria feito a carteira de habilitação, preferia pegar um Uber ou até mesmo andar.

Ela gostava de exercícios, e depois dos trinta e cinco a atividade física fazia bem para ela. Não era de ter muitos relacionamentos e, apesar das propostas, preferia ser bem seletiva quanto aos homens com os quais dividia sua cama e as particularidades de sua vida.

Estava dirigindo e pensando no caos em que seu amigo tinha se metido. Ela gostava dele e sabia que o sentimento era recíproco. Depois de anos trabalhando juntos como parceiros, um começou a fazer parte do cotidiano do outro, inevitavelmente partilhavam não só o trabalho como também a vida pessoal. Um conhecia muito bem o outro e Ana sabia que Davi era um homem de bom coração e daria a vida pela dela sem pestanejar. Apesar da ironia e da encenação de não se importar com nada, ele era uma ótima pessoa.

Porém, era um homem miserável, deu todo o seu amor para uma pessoa que o jogou no fundo do poço e isso acabou com ele. A solidão é algo que chega de mansinho, vai aproximando-se, tomando conta e quando você percebe, ela está impregnada em você como o carrapato na pele de um cão. Ela incomoda, machuca, e se ninguém conseguir tirá-la de você vira uma

doença e, posteriormente, até mesmo a morte.

O fraco dele sempre foram as donzelas em perigo, aquelas mulheres que parecem precisar de proteção e de alguém para cuidar delas, e algo que as mulheres entendem melhor do que os homens é que os erros são um aprendizado. Elas procuram não repetir os mesmos erros que cometeram no passado, já os homens, não. Principalmente quando se trata de mulheres.

Davi ainda estava machucado e juntando os cacos do seu coração, não tinha se envolvido com mais ninguém até aquele momento. E do nada decidiu investir e dar seu amor para uma mulher casada com um homem rico e, ao que tudo indicava, envolvido com gangues e negócios ilegais. Não controlamos esses assuntos do coração, que decide sozinho a respeito de quem gostamos ou para quem iremos dar o nosso amor, mas para os homens, basta uma bela bunda, uns peitos grandes e um par de olhos de cão abandonado que nada mais importa.

Ana sorriu, pensando que os homens são eternas crianças, e como é fácil manipulá-los. Mas o que se sobressaía dentre todos os pensamentos era a decisão de que no dia seguinte iria fazer uma pesquisa mais profunda sobre a tal Tamiris; algo naquela mulher não cheirava bem. Ela podia estar errada, mas era seu instinto falando mais alto, e ela preferia pecar pelo excesso de precaução do que pela falta.

O dia que começara ensolarado já estava cinza, o vento levava as nuvens e fazia com que elas formassem desenhos e formas geométricas diferentes a cada minuto.

Quando criança, Ana olhava para o alto e pensava que o céu era o quintal de Deus, as nuvens eram os seus animais de estimação, e Ele podia fazer com que elas se transformassem no animal que quisesse.

Devia ser legal ser Deus.

No fundo, estava com pena por Davi, um homem inteligente, perspicaz, que já havia perdido a carreira por uma mulher, e naquele momento sabia-se lá o que iria deixar pra trás por outra que ele sequer conhecia direito. Será que aquele amigo dele, o taxista, que mais parecia um gigante, não teria dado algum conselho de que se envolver com mulheres casadas não podia ser boa coisa?

Ana sabia que o amigo não lhe contaria mais nada, ela já tinha sido raptada e, como ele próprio disse, não queria que ninguém se metesse em confusão por sua causa. Outra característica que Ana inicialmente não gostava, mas com o decorrer do tempo passou a aceitar e até mesmo admirar nele é a

superproteção.

Depois de descansar, além da pesquisa ela também ligaria para o taxista e tentaria descobrir mais alguma coisa, saber se ele tinha uma vaga ideia do que se passava na cabeça de Davi. Seu próximo passo era uma incógnita, e se sua suposição de que haviam pegado Tamiris fosse verdadeira, ele não pouparia esforços para encontrá-la. E isso seria um problema dos grandes.

Ana se lembrou do último conselho que deu antes de bater a porta do carro, quando disse para o amigo usar a razão ao invés do coração. Ela riu novamente, pensando que dar esse conselho a um homem apaixonado é como pedir ao vento para não soprar:

Impossível.

Enfim, sua casa, que parecia estar longe, foi ficando maior conforme ela se aproximava. Ana estacionou do lado de fora, pegou a chave de casa no console e desceu do carro, mas não antes de se certificar de que estava trancado. Precaução, essa era a palavra do dia.

Percorreu o gramado em frente à casa e quando estava quase chegando na porta de entrada escutou o barulho da freada brusca de algum carro que estava parando atrás dela. A chave de casa caiu no chão com o susto e ela se virou rapidamente.

Só teve tempo de ver um careca ao volante apontando uma arma diretamente para ela, ao mesmo tempo em que um negro enorme descia pela porta do carona e corria dando a volta no carro. O negro também tinha uma arma.

Em alguns momentos de medo, a liberação da adrenalina faz com que possamos perceber detalhes que não perceberíamos em outras ocasiões, mas Ana conseguiu reparar novamente a tatuagem na mão dele.

Não tinha o que fazer, era o mesmo homem que lhe havia raptado e amarrado no pavilhão. Era irônico notar que passou o trajeto do trabalho até a sua casa pensando em precaução e em como o amigo deveria se proteger da mulher que tinha roubado seu coração e, no fim, não se deu conta que estava sendo seguida.

Merda de precaução.

O primeiro tiro passou ao lado de sua cabeça e estilhaçou a madeira da porta. Na mesma hora, ela lamentou por ter deixado sua arma na delegacia e não ter voltado para buscá-la. Mais duas balas passaram zunindo quando ela começou a correr. O problema foi que eram dois atiradores e a distância não era longa: as estatísticas em seu favor eram muito pequenas.

Um tiro acertou em cheio a sua coxa e ela caiu de quatro. Tentou se levantar, mas o próximo tiro acertou seu ombro, jogando-a para trás violentamente. Seu corpo caiu na grama e o sangue começou a escorrer. O homem negro veio caminhando até ela, exibindo um sorriso. As primeiras gotas de chuva atingiram seu rosto e pareceu que o céu estava chorando por um mundo, onde muitas vezes as pessoas ruins vencem.

Ele apontou a arma e olhou diretamente nos olhos dela quando disse:

— Afonso manda lembranças!

Ana escutou um estouro forte, sentiu uma pressão no peito. Sem saber, ela estava indo para o mesmo lugar de refúgio, onde seu amigo se encontrava naquele exato momento.

Escuridão.

CAPÍTULO 37

O sacolejar do carro me acordou. Lentamente comecei a abrir os olhos e deixei o resto de luz que ainda resistia à chegada da noite clarear minha mente. Ouvi o barulho da chuva, suas gotas chocando-se contra a lataria e o vidro do carro. Estava deitado no banco traseiro, com as mãos e os pés amarrados firmemente, o que tornava qualquer movimento brusco algo complicado.

Não abri totalmente os olhos, apenas o suficiente para espiar o que estava acontecendo à minha volta, mas quando vi quem era o motorista não consegui disfarçar e arregalei ambos. Era como poder voltar a enxergar e ver o carrasco ao lado de uma guilhotina: não há escapatória, você já sabe qual será o seu destino.

Quem dirigia o carro era Alceu.

Pensei em fingir ainda estar desacordado, mas quando notei que Alceu estava ao volante já soube que seria inútil, então me retorci até conseguir sentar no banco. Ele me olhou pelo retrovisor. A morte era iminente, eu já sentia o gosto dela, mas se iria morrer, seria com dignidade. Se bem que, analisando a fundo, não existe dignidade alguma na morte: independentemente de quem você seja ou o que fez em vida, no fim todos acabam no mesmo lugar.

Em um caixão debaixo da terra.

Mas nem a isso eu teria direito. Meu corpo certamente seria desovado em algum riacho ou matagal e ficaria lá como comida para animais selvagens, ou até que algum pobre desavisado tropeçasse acidentalmente em meus restos mortais.

— Poderiam ter contratado um chofer mais bonito. — Nada me impedia de irritar meu agressor, que se mantinha em silêncio. Ele continuava oscilando o olhar entre a estrada e o retrovisor, encarando-me. — Entendi o porquê de toda essa película no carro, as criancinhas não têm culpa da sua feiura. *Vai* que a gente para em um semáforo e alguma criança do carro ao lado te veja; com certeza isso renderia algumas noites sem dormir dizendo aos pais que está com medo do monstro.

Alceu continuava em silêncio, mas começou a se mexer mais e percebi que estava começando a ficar irritado. Minhas opções eram praticamente nulas, mas sei que pessoas com raiva cometem mais erros do que as em sã consciência. É quando deixamos as emoções falarem mais alto que perdemos

o rumo. Lembrei do que Ana me disse antes de fechar a porta do carro, sobre usar a lógica ao invés do coração. Decidi continuar meu monólogo:

— Soube que você saiu da prisão e a primeira coisa que fez foi se inscrever em aulas de dança. Aliás, como está a perna?

Ele enfim quebrou o silêncio:

— Você não sabe o prazer que eu vou ter em te ouvir gritar. Mantenha esse sorriso no rosto e lembre-se dele, pois vai ser o último. Depois, tudo será sofrimento, e garanto que você vai rezar para que acabe logo.

Um arrepio percorreu minha espinha ao ouvir aquelas palavras. Sei que ele era um homem cruel, até sua voz soava de forma maléfica, e eu conhecia bem seu trabalho como torturador.

— Eu não rezo — respondi infantilmente.

Mais um olhar raivoso pelo retrovisor. O pior de tudo é que sabia que as coisas que ele disse eram verdade. À minha frente estava um psicopata que gostava de fazer as outras pessoas sofrerem, isso realmente lhe dava prazer.

Fiquei em silêncio e olhei através da janela lamentando que a película tirasse um pouco das cores reais do mundo, deixando tudo um pouco mais escuro. Pensei que aquela possivelmente seria minha última rota e tentei absorver um pouco das coisas que via pelo caminho. A chuva ficou mais forte e o trânsito caótico. Não tinha a menor ideia de para aonde Alceu estava me levando.

Mais uma analogia à vida: o final eu sabia, mas o meio ainda era um mistério.

Pensei em Tamiris, não sabia onde estava e nem o que fizeram com ela, e isso me causava um aperto no coração: fracassei com ela. Procurei usar a percepção e a inteligência como modo de ganhar a vida e fui passado para trás como uma criança.

O telefone de Alceu tocou. Noto um sorriso em seu rosto quando viu o número.

— Acho que você vai gostar de ouvir isso — ele disse, e mais um calafrio percorreu meu corpo.

Ele atendeu o celular e colocou no viva-voz:

— *Tudo certo, a amiguinha do detetive foi direto pra casa como havíamos previsto, e pode ficar tranquilo que ela teve uma bela recepção.*

Alceu desligou o celular e ampliou o sorriso.

— Seu *filho da puta!* — eu gritei, e meus próximos movimentos depois disso foram involuntários, movidos pela mais pura e primitiva raiva.

Estava totalmente preso e não tinha muitos movimentos que pudesse fazer, a não ser o do tronco. Impulsionei-me com o ombro e joguei todo o meu corpo para frente. Fiz a única coisa que podia: mordi a orelha de Alceu, a única parte que estava ao meu alcance. Não me importava como, mas queria fazê-lo sentir dor.

Para quem não sabe, o masseter, que é o músculo responsável pela mastigação, é o mais forte do corpo humano, e eu usei toda a minha força naquela mordida. Senti-me patético fazendo isso, mas também uma necessidade brutal de fazer alguma coisa e a raiva estava no comando no momento. Não me importei com a consequência, apenas fiz o que meus instintos mandaram e ataquei.

Alceu gritou e tentou desvencilhar-se, o carro deu uma guinada e buzinas de advertência soaram do lado de fora. Mais uma guinada, Alceu gritou mais alto, eu não soltei e apertei ainda mais. Ele puxou a cabeça com força e eu fiquei com um pedaço de sua orelha em minha boca.

Cuspi aquele pedaçonojento de carne e cartilagem que ficou em minha boca e avancei novamente, mas dessa vez fui recebido por uma cotovelada em cheio no nariz. Uma cotovelada de um homem de mais de cem quilos é algo que não desejo a ninguém. Fui jogado com força para trás e o mundo escureceu por alguns segundos; várias estrelinhas piscavam diante de meus olhos que começavam a lacrimejar.

Sentia o sangue escorrendo pelo nariz e pela boca. Alceu estava com a mão encharcada de sangue e segurava a orelha. As palavras que ele gritava pareciam um rádio fora de sintonia, onde eu conseguia entender apenas poucas frases que eram ditas. Eu estava em transe com a notícia de Ana e atordoado pela cotovelada.

Ele fez uma manobra e entrou em uma ruazinha estreita e sem movimento algum. Pegou algo, que não consegui ver, no porta-luvas e saiu do carro. Abriu a porta, onde eu estava. Eu tentei me deitar no banco e chutá-lo, mas com as pernas amarradas meu chute foi tão eficiente quanto o de uma criança.

Com facilidade ele pegou minhas pernas e me puxou em sua direção. Vi um pano branco em suas mãos e já sabia o que era. Tentei me debater mais um pouco e em troca recebi um soco no nariz, que já estava latejando da cotovelada.

Se meu nariz não havia quebrado com a cotovelada, naquele momento com certeza quebrou. Um choque de dor me atingiu junto com o soco. Fui jogado para o banco novamente, e antes mesmo de cair ele me puxou de volta e

colocou o pano sobre minha boca e nariz.

Senti a ardência do líquido contido no pano, senti a dor percorrer todas as minhas células e a última coisa que pensei antes de desmaiar novamente era que havia falhado com as duas mulheres que dependiam de mim.

CAPÍTULO 38

Meus olhos começaram a se abrir, mas antes mesmo da luz me atingir já consegui sentir que estava novamente — ou ainda — amarrado, porém dessa vez sentado em uma cadeira. Olhei para os lados e comecei a esquadrihar as coisas ao meu redor: estava preso em algum tipo de galpão, o telhado era de zinco e as paredes todas de madeira. Olhei para os lados e percebi que estava realmente *fodido*: alicates e ferramentas na parede, uma espécie de maca no meio da sala... Isso me parecia — à primeira vista — uma espécie de câmara de tortura.

Senti meu nariz latejando do seu encontro duplo com Alceu. Comecei a me contorcer e tentar me desamarrar. A cadeira devia estar parafusada ao chão, pois não se mexia de forma alguma, o que de certa forma era bom, pois estava firme o suficiente para que eu pudesse fazer mais força para tentar me liberar.

Ouvi sons de carros, intensifiquei meus movimentos e minha força; eu realmente não queria ser torturado por Alceu. Só de pensar nas histórias e casos que investigamos de suas supostas vítimas já tinha arrepios. Morrer em um galpão, sozinho e nas mãos de um psicopata não estava no meu caderninho de coisas a fazer.

A fricção entre meus pulsos ficava mais fácil, um pequeno espaço parecia ter se aberto e eu estava conseguindo movimentar minhas mãos com menor pressão das cordas.

Um pouco mais de insistência e a corda cedeu. Soltei as mãos e em seguida os pés, levantei rapidamente e comecei a procurar pelos bolsos o meu celular, não encontrei, provavelmente havia caído no carro, sendo assim, dirigi-me à porta. Encostei o ouvido na parede para tentar escutar algum movimento, mas não ouvi nada além do tranquilo som de grilos. Imaginei que houvesse algo além do galpão, pois ouvi nitidamente carros chegando e não partindo, mas ninguém entrou ali.

Comecei a abrir a porta vagarosamente, espiei lá fora e não captei movimento algum. Já era noite e não sabia quanto tempo havia ficado apagado desde a hora que Alceu me trouxera para ali, portanto não tinha nem ideia de que horas eram. Estava em algum lugar afastado da cidade, pois as árvores tomavam conta de tudo ao meu redor — a lua cheia me permitia uma ampla visão das coisas que estavam à minha volta.

Visualizei alguns carros mais à frente e uma casa. Pelas janelas, pude ver a

claridade amarelada de luzes incandescentes acesas lá dentro, isso não me deu esperança alguma. Duvidei que qualquer pessoa que estivesse por ali poderia — ou quisesse — me ajudar. Segui em direção aos carros e, aproximando-me mais, pude ver claramente a *Mercedes* que pertencia a Afonso.

O *filho da puta* realmente estava envolvido em tudo.

Pé ante pé me dirigi para a janela mais próxima, e quando espiei lá dentro senti meu coração trincando: Tamiris estava sentada em uma cadeira bem no meio de uma sala de estar, as mãos amarradas nas costas e a cabeça pendendo sobre o peito. Ela estava desacordada, mas pude ver o movimento de sua caixa torácica subindo e descendo, e graças a isso soube que respirava. Decidi que precisava fazer algo, e dessa vez não poderia falhar.

Senti algo metálico encostar em minha nuca, e uma voz disse:

— Bem-vindo, Davi. Vire-se devagar ou seu cérebro vai voar e fazer uma sujeira enorme neste vidro.

Merda! Reconheci a voz e percebi realmente que lidar com emoções deixa as pessoas burras. Surpreendido mais de uma vez no mesmo dia por Alceu, uma ameba gigante e psicopata. Decepciono-me com toda a situação e comigo mesmo, que parecia não estar raciocinando, apenas agindo de forma automática.

Virei-me e o metal da arma brilhou sob a luz da lua, Alceu sorriu e seus olhos pareceram ter um certo brilho de loucura também. Ele apontou a arma para meu lado direito e fez um sinal para que eu andasse.

— Vamos, tem alguém à sua espera.

Optei por não falar nada *idiota* e apenas obedecer, meu nariz lembrava constantemente de me manter esperto e não atacar em desvantagem, então apenas segui pelo caminho indicado por ele. Andamos até uma porta de madeira.

— Abra — ele mandou.

Eu abri e entrei em uma legítima casa de campo; o piso de madeira estalava conforme andávamos — estávamos em um pequeno hall de entrada que tinha apenas um cabideiro, um tapete marrom no chão e dois bancos, também de madeira.

A arma fazia pressão em minhas costas, indicando-me o caminho que devia seguir. Admito que a arma como GPS funciona muito bem; se por acaso você se perder e errar o caminho, será uma única vez. Nesse momento meu nariz passava para segundo plano e sentia meu coração descontrolado

quando andava em direção à sala onde vi Tamiris pela janela.

Entrei e não vi nada, nem a cadeira, nem Tamiris. Analisei o ambiente e notei apenas uma escada que subia para um mezanino aberto, com apenas um corrimão para evitar uma eventual queda. O GPS me pressiona novamente em direção a um sofá de couro marrom. Sentei no sofá quando Alceu repetiu:

— Alguém está querendo te ver.

Olhei para os lados, uma televisão de tela plana, um tapete central e outro sofá, formando um “L” com o que eu estava sentado. Pela janela tinha visto Tamiris bem no centro desta sala, não sabia onde ela estava naquele momento e não queria perguntar. Estava tentando usar o silêncio a meu favor.

Na parede, um quadro com dois garotos, de mais ou menos doze anos, segurando uma vara de pesca e um peixe. Eles sorriam contentes; é aquela fase da vida onde a preocupação são as notas das provas da escola, a idade onde nem fazemos ideia de que a escola não nos prepara para a vida real e as notas que você tira lá são insignificantes. Havia algo familiar no quadro, um dos garotos era Afonso, tinha quase certeza, o outro não me parecia estranho, mas não consegui reconhecer.

Alceu se mantinha parado ao meu lado e a arma não desencostava de mim em momento algum. Pensei em tentar reagir, mas desisti. Ele podia não ser muito inteligente, mas usava uma arma com a mesma naturalidade com que uma pessoa caminha e, como a sorte não parecia estar do meu lado, preferi não arriscar.

Passei a ficar impaciente. Olhei novamente para o quadro na parede e realmente havia algo de familiar nele, mas não conseguia descobrir o que era. Tentei esquecer que tinha um revólver apontado para minha cabeça e comecei a esquadrihar as gavetas em minha mente: observei a foto com mais atenção, tentando me ater aos detalhes, foi então que vi o que era tão familiar.

Um dos garotos era Afonso, e o outro, que eu não tinha reconhecido de imediato, agora sabia quem era. Uma corrente com a imagem de São Jorge me clareou a mente e me levou à resposta; eu conhecia aquela corrente muito bem, e uma coisa me levou à outra. Olhando novamente para a foto, não entendi como não percebi de cara quem era o outro garoto.

Quem estava abraçado com Afonso na foto era Lúcio Salin.

CAPÍTULO 39

Antes que eu tivesse tempo de associar a descoberta, ouvi os degraus da escada rangerem, e lá de cima despontavam Afonso e Tamiris. Eles pareciam descer a escada em câmera lenta para tornar a entrada ainda mais dramática. Não bastava eu ter sido passado para trás e estar com um troglodita apontando uma arma para minha cabeça, ainda era preciso que o homem que eu estava investigando descesse as escadas em *slow motion* de mãos dadas com a mulher pela qual eu estava apaixonado. Suspirei e pensei em como a vida podia ser uma *droga*.

Pelos meus cálculos, mais ou menos quarenta minutos depois, eles conseguiram vencer os vinte degraus de madeira e chegaram até a sala, onde eu aguardava pacientemente. O sorriso de Afonso era triunfal, exibia todos os quarenta e oito dentes brancos da boca em plena satisfação — sério, havia mais dentes naquele sorriso do que no de qualquer outro ser humano. Tamiris mantinha o semblante neutro e um sorriso fino e leve nos lábios. Eu olhei para os dois e meu olhar se demorou nela, até o momento em que Afonso quebrou o silêncio.

— Olá, detetive — ele cumprimentou, sem perder o sorriso. — Posso ver que você já reencontrou seu amigo Alceu, saiba que ele trabalha para mim, agora.

— Pude perceber. Até porque não imagino nosso grande Alceu conseguindo pensar em algo para fazer sozinho, sem que alguém ordene — respondi e senti a arma ser pressionada com mais força em minha cabeça.

— Tudo bem, Alceu. O corajoso detetive está apenas tentando disfarçar o nervosismo. — Ele não se cansava de sorrir.

— Não estou não, inclusive, se você olhar minha cueca agora... — Antes que eu pudesse terminar a frase, recebi um soco que pegou bem ao lado do meu rosto e me jogou deitado no sofá. Mal tive tempo de cair por inteiro e já senti a mão de Alceu pegando meu colarinho e me puxando de volta para a posição sentada. Meu queixo doía e não sabia se meu maxilar ainda estava no lugar.

— Então, detetive, descobriu algo sobre minha mulher? — ele perguntou, olhando para Tamiris, que retribuiu o olhar. Os dois sorriram e se beijaram apaixonadamente. Tive náuseas diante da cena e um ódio subiu queimando meu peito. Quando o beijo terminou e os dois dirigiram o olhar novamente para mim, respondi:

— Nada demais, apenas que ela é ruim de cama. — Mais um soco, e esse quase me fez perder os sentidos — tudo escureceu — e quando Alceu me puxou novamente vi pontos de luz brilhando em frente aos meus olhos. Lentamente as cores foram voltando.

— Te contratei apenas para cumprir meu último objetivo antes de sair do país e ir viver no exterior. Você participou de um belo teatro, detetive, e vou dizer que atuou exatamente da forma como esperávamos que atuasse. Tudo o que você precisava descobrir para solucionar o caso era impossível, afinal nada disso tem registro em lugar algum. — Ele parou e, antes de continuar, olhou para a foto na parede; eu sabia que aquela era a chave de tudo, mas não tinha conseguido juntar as últimas peças ainda.

— Você e Lúcio — disse, sem saber o que estava por vir.

— Pelo menos isso você percebeu, mas vou te falar em outras palavras que talvez te surpreendam, mas te façam começar a entender algumas coisas. — Ele fez mais uma daquelas pausas dramáticas e, apesar de tudo, tenho que admitir que sabia como ele ganhava todos os casos no tribunal. Ele realmente sabia falar, a entonação e a forma como usava as palavras era algo admirável.

— Quer uma música de mistério? — perguntei, fazendo o sorriso em seu rosto vacilar por um milissegundo, entretanto, ele continuou fingindo não ter ouvido o que eu falei.

— Em outras palavras, eu e meu irmão.

Fico sem reação.

Como Lúcio Salin podia ser irmão de Afonso Foletti? Isso era impossível, não existia nenhuma informação sobre isso em lugar algum. Lúcio fora investigado de cima a baixo e o nome de Afonso jamais apareceu em nenhum registro.

— Vejo a dúvida em seu rosto agora, detetive; vou explicar para você. Gosto de explicações, pois não gosto de parecer injusto, e você precisa saber por que irá morrer dentro de alguns minutos.

“A mãe de Lúcio trabalhava na casa dos meus pais; Lúcio morava conosco desde que era um bebê. Ele era apenas um ano mais velho que eu, e perdeu sua mãe para o câncer quando tinha somente nove anos. Sem qualquer parentesco, meus pais decidiram adotá-lo; na verdade, nada legal foi feito, e por isso não existem registros que provem o que eu estou dizendo, mas você sabe que é a verdade. Não teria por que mentir, até porque estas informações irão com você para o túmulo.

Lúcio sempre fora de causar problemas, contudo daria a vida por mim, e

nós dois nos dávamos perfeitamente bem, era um verdadeiro amor de irmãos.

Na adolescência ele começou a se envolver com drogas e eu supliquei aos meus pais para que não o expulsassem de casa. Meus pais o amavam como um filho e jamais teriam feito isso, mas ao completar dezoito anos, ele decidiu sair de casa por conta própria.

Passamos a nos ver muito pouco: eu comecei a estudar advocacia e quando terminei, Lúcio já era um traficante conhecido.

Todos pretendemos ser honestos e imaginamos uma vida de gloriosas conquistas pela frente, mas as coisas nem sempre são assim.

Uma doença terminal levou nossa mãe de forma trágica e dolorosa. No funeral encontrei Lúcio novamente, muito bem vestido e parecendo um magnata, e eu com um terno barato e mal conseguindo pagar o aluguel do meu escritório. Foi quando começamos a nos encontrar novamente e ajudarmos um ao outro como fazíamos na adolescência.

O negócio de Lúcio começou a crescer e ele me indicou alguns dos maiores traficantes para alguns casos fáceis de acusação sem fundamento e sem provas concretas. Comecei a atender homens ricos e sujos, mas que pagavam muito bem, meus casos começaram a ser vistos e passei a ganhar muito dinheiro. Ou seja, quando havia qualquer acusação eu livrava a cara dos fornecedores de meu irmão, ele vendia suas mercadorias e nós dois enriquecíamos juntos.

Não existiam casos perdidos, e a propina funcionava com todos. Nesta vida por trás das cortinas, aprendemos que até mesmo a honestidade pode ser comprada. Todo homem tem um preço. Às vezes o dinheiro não funcionava, aí partíamos para o lado sentimental e ameaçávamos suas famílias. De uma forma ou de outra, no fim sempre vencíamos.

Nos encontrávamos apenas às escondidas, ninguém sabia que éramos irmãos e selamos um pacto de manter isso assim, caso qualquer um de nós fosse pego, a ligação entre nós era zero. Nunca ninguém nos viu juntos depois de adultos, e como Lúcio apenas morava conosco, era filho de criação, não havia nenhum documento que provasse o contrário. Por isso, detetive, você não tinha como descobrir que ele era meu irmão.

Até que Lúcio foi preso. Já havia avisado várias vezes para ele ter cuidado com seu ego gigantesco, mas não adianta, quanto mais um homem tem, mais ele quer. E com o tempo ele começou a achar que era invencível.

Veja bem, eu era contra o tráfico de meninas menores de idade, mas ele alegava que elas davam muito mais lucro do que qualquer outra coisa que

vendíamos e contrabandeávamos, e que nos lugares de onde ele as tirava, elas estavam fadadas a ter uma vida de *merda*.

Não que um ato justifique o outro, mas vamos voltar à história. Depois de preso, recebi uma ligação em que ele me pedia vingança contra quem acabara com sua vida. Ele sabia que eu não podia tentar tirá-lo da cadeia sem revelar nosso parentesco, e isso envolvia muito mais do que apenas livrá-lo da pena, isso colocaria em jogo todo o esquema que tínhamos feito durante anos, então jamais me pediu por isso, tudo o que ele queria era vingança. Creio que neste tempo ele já pensava em tirar a própria vida.

Pesquisei você e sua parceira e vi que sua vida também não estava indo às mil maravilhas, que depois de Lúcio tudo foi ladeira abaixo. Estava esperando a hora certa para te atacar, e foi então que Lúcio se suicidou. Você sabe o que é perder um irmão, mesmo que seja de criação, e não poder ver o corpo, pois ele supostamente não tinha família? Isso dói, detetive, dói muito, então decidi que havia chegado a hora de agir, mas gostaria de te fazer sofrer também.

Tamiris, minha linda esposa a quem eu confio todos os meus segredos e era a única que sabia da história, topou fazer parte do plano. Então joguei a isca e, com tudo armado, te contratei para investigá-la. O plano era ela te seduzir, e nesse meio tempo usar várias artimanhas para te desviar da verdade.

Por isso fiz com que ela se encontrasse com Evandro, e logo depois dois de meus capangas o encontrassem também, eu sabia que você o estaria seguindo após o encontro. Depois pedi para Alceu se livrar dele, já que não me serviria mais para nada. Quando Alceu foi solto tivemos uma conversa, e como ele sempre fora fiel a Lúcio e não precisava de incentivo algum para se vingar de você, topou na hora.

Fiz questão de que ele viesse até minha rua em um dia que eu sabia que você estaria lá. Ou você acha que também não estava sendo vigiado? Conversamos na calada da noite para que você nos visse, daí em diante você começou a se preocupar, pois já conhecia Alceu e sabia do que ele era capaz.

Conversei com mais alguns meliantes baratos e pedi para eles encenarem um ataque à minha esposa. Você caiu como um patinho, e como era esperado, não conseguiu ver a donzela em perigo sem agir. Salvou Tamiris no beco, então veio a parte fácil.

Sabia que você iria começar a desconfiar. Os dois capangas que encontraram Evandro seriam os responsáveis por fazer o pagamento aos

meliantes, por isso os chamei em meu escritório e fiz com que você visse que eu estava entregando dinheiro a eles. Como um bom detetive, você os seguiu e os viu entregando dinheiro aos meliantes do beco.

Toda a confusão já estava feita, você criou a história de que eu estava pagando homens para machucar minha esposa e novamente decidiu salvá-la, e nesse momento já estava caidinho por ela. Tudo isso foi sendo usado para que você não se desse conta da verdade.

E a verdade, detetive, é que você não passou de um peão em um jogo de xadrez. Tudo porque prendeu a pessoa errada, se meteu com quem não devia e agora, enfim, você perdeu. Já sabe de toda a história, mas jamais poderá contá-la para alguém, pois em poucos minutos você estará enterrado lá fora e, se dermos sorte, demorará muito para que alguém encontre seus restos mortais.

Você quer dizer algumas palavras finais?”.

Eu engoli em seco, acho que esqueci até de piscar durante a narrativa. Alceu fiou uma teia de aranha gigantesca e eu fui me prendendo em seus fios até não conseguir mais sair. Estava na posição do inseto preso, imobilizado aguardando o predador chegar e me devorar. Não havia nada que eu pudesse falar ou fazer naquele momento, mas eu precisava ter uma última palavra:

— Pelo menos transei com sua mulher.

Dessa vez o soco foi mais forte que os outros dois e, por alguns instantes, eu desabei.

CAPÍTULO 40

Alguns segundos naquele breu, que o estado semiconsciente me proporcionou, e Alceu me puxou novamente. Eu estava totalmente *fodido*, além de todo aquele circo fui traído novamente por uma mulher — e acho que ainda não tinha aprendido a lição, pois olhei para Tamiris, incrédulo diante do que ela fez. Afonso ainda sorria, e eu adoraria levantar e fazê-lo engolir aqueles malditos dentes de tubarão.

— Por que armar tudo isso e não me matar logo de uma vez? — perguntei, sabendo que a resposta traria prazer a Afonso. Mas eu precisava dar um jeito de ganhar tempo para pensar em alguma mínima chance de sair com vida.

— Te matar seria fácil demais, e você nem saberia o porquê. Eu queria te ver sofrer mesmo; pegar sua vidinha de *merda*, fazer você se apaixonar novamente e ver uma luz no fim do túnel, aquela esperança que há tempos você achava estar perdida. Eu tive calma, esperei você se agarrar a essa pontinha de esperança de que sua vida ainda poderia ser boa para tirar tudo de você novamente.

— E não dava *pra* ter contratado alguém mais bonito do que o gorila dançarino *pra* me matar? — perguntei, apontando o dedo para Alceu, que me fulminou com o olhar e pressionou a arma com ainda mais força em minha cabeça, que já estava latejando.

— Alceu terá carta branca para fazer o que quiser depois que sairmos daqui — disse Afonso, com um olhar apaziguador para o troglodita.

— De qualquer forma, eu não desejaria nem para o meu pior inimigo ver essa cara feia antes da morte, porque na verdade, depois de ver Alceu, não tem mais como ir para o inferno, nem o diabo é feio assim.

— Você vai implorar *pra* eu te matar, seu desgraçado — Alceu sussurra entredentes.

— Precisava ter matado a Ana? — inquiri.

— Não seja burro, detetive, além de ela ter ajudado a prender meu irmão, era uma das únicas que se importava com você e daria conta de seu sumiço. E ela é da polícia, não demoraria muito até encontrar seu corpo e começar a ligar os fatos. Ela já sabia demais, e mesmo se não soubesse, teria morrido por ter participado da prisão de Lúcio. E antes que você pergunte, seu amigo grandão está na nossa lista, mas não é algo tão urgente, depois de você será a vez dele — falou de forma triunfal.

— Se não for pedir muito, já que estamos em processo de aniquilação,

você pode pedir para alguém matar minha ex-mulher e o namorado dela também?

— Chega de conversa! Eu e minha dama temos um voo em algumas horas.

— Afonso segurou a mão de Tamiris e ambos seguiram em direção à escada.

Eles desapareceram no segundo andar e ficamos apenas eu e Alceu novamente. Meu maxilar doía pelos socos e pela conversa, e meu nariz não parava de latejar.

Alceu saiu do meu lado e mancou até o sofá, sem desviar os olhos de mim — nem a mira da arma da minha cabeça — nem por um segundo. O *filho da puta* era um assassino profissional e minhas chances contra ele eram quase nulas. Mesmo sem a arma e com a perna danificada, ele me superaria facilmente em uma luta corporal: além da experiência, ele devia ter uns trinta quilos e uns vinte centímetros a mais do que eu.

Novamente pensei no quanto eu estava na *merda*.

Afonso começou a descer a escada com duas malas. Tamiris atrás dele sem me dirigir o olhar. Durante todo o monólogo de Afonso ela mal fitou meus olhos — esperava realmente que a desgraçada sentisse vergonha pelo que fez. Mas duvidava muito, psicopatas não tem sentimentos, apenas objetivos.

— Alceu, sua parte já está no carro. Você sabe onde essas malas ficarão e o que deve fazer com elas — Afonso disse com a voz firme, e com um leve aceno de cabeça o assassino assente.

Percebo que meu tempo está acabando.

O casal andou em direção à porta, que parecia levar a uma pequena garagem. Meu olhar cruzou com o de Tamiris por um segundo e senti todo o peso do mundo em meus ombros. Pensei em como pude mais uma vez ser tão *estúpido*. Guardei o pensamento para outra hora, sendo otimista e acreditando que ainda existiria uma oportunidade para eu me lamentar.

Meus ouvidos se aguçaram e percebi algo que ninguém havia se dado conta ainda. Precisei quebrar o silêncio novamente, aquele um por cento de esperança se acendeu mais uma vez e não posso deixá-lo escapar.

— É injusto que eu não tenha chance de sobreviver. — Quando disse isso, Afonso parou e se virou para mim.

— O que você quer dizer com isso? — questionou.

— Devíamos fazer uma aposta, eu e Alceu. Quem ganhar sobrevive e quem perder morre. Colocamos uma arma a cem metros de distância e apostamos uma corrida, quem chegar até a arma antes pode usá-la para matar o outro — falo sorrindo, sentindo a ira de Alceu e tirando o sorriso do rosto

de Afonso que, pela primeira vez em toda a conversa, mostrou sua verdadeira face de raiva. Em alguns segundos ele recolocou a máscara de advogado perfeito, um sorriso brilhante e se recompôs.

— Alceu, ele é todo seu. Vamos ver se ele continua hilário durante uma sessão de tortura.

— Caso não tenham percebido, já estou sendo torturado faz tempo aqui — disse, novamente apontando para o rosto de Alceu.

Sabe aquela minha especialidade de deixar as pessoas com raiva? Então, usei minha conversa para fazer barulho e deixá-los nervosos — mais uma vez repito que uma pessoa com raiva não fica tão concentrada em detalhes como alguém em sã consciência.

E isso era tudo o que eu precisava naquele momento.

Na mesma hora que Alceu se levantou e o silêncio tomou conta da sala, todos começaram a ouvir o que eu ouvira meio minuto atrás. Antes o som era muito baixo, eu não tinha certeza, mas precisava acreditar que estava certo. O som de um carro aproximando-se era nítido e estava realmente próximo da casa.

CAPÍTULO 41

Afonso largou as malas no chão e olhou para Alceu. Pela janela começou a entrar uma luz forte vinda de faróis, o barulho do motor e dos pneus eram altos demais para serem confundidos; realmente algum carro estava chegando e em alta velocidade. As luzes ficaram mais fortes, Alceu se dirigiu até a janela, e pela primeira vez em vários minutos, não tinha mais uma arma apontada para minha cabeça.

De forma alguma isso era reconfortante; tendo em vista toda a situação, eu continuava com uma desvantagem gritante em relação a eles. A luz tomava conta de toda a sala e a sombra de Alceu parecia a de uma gárgula. Afonso e Tamiris ainda estavam petrificados próximos à porta da garagem. A velocidade do carro parecia não diminuir e o som aparentava já estar dentro da casa.

Vi o assassino tentar sair da frente da janela, mas sua perna defeituosa não permitiu que ele fosse rápido o suficiente a ponto de fugir do que iria acontecer.

Várias coisas aconteceram simultaneamente e tudo pareceu ficar em câmera lenta:

A parede se estilhaçou e lascas e pedaços de madeira voaram por toda parte, o estrondo da arma de Alceu tentando acertar algo, a dianteira de um carro atravessando a parede e o jogando para o outro lado da sala, Afonso e Tamiris caindo com o peso do corpo do troglodita, que foi arremessado para cima deles, e por fim eu saltei para trás do sofá para me proteger do que quer que estivesse acontecendo.

Levantei a cabeça do meu esconderijo atrás do sofá para espiar a cena toda. Vi metade de um Siena branco dentro da sala da casa e de imediato soube que era Marcos, do outro lado, Alceu parecia estar desacordado, Afonso e Tamiris tentavam tirar o brutamontes de cima deles para se levantarem. A porta do carro já estava aberta, e quando percebi, Marcos estava de cócoras ao meu lado.

— Fala, meu irmão, tá machucado? — perguntou o meu colossal anjo da guarda.

— Só mais um coração partido — respondi com um sorriso.

Olhei para o lado e vi Afonso levantando-se, ele olhou para a arma que estava no chão e fez menção de começar a correr em direção a ela, eu saltei detrás do sofá e corri também. A arma estava mais ou menos no meio do

caminho entre nós dois. Por sorte cheguei antes, agachei para pegar a arma e quando me levantei novamente senti o corpo de Afonso me acertar em cheio na cintura, derrubando-me como um jogador de *rugby*.

Fui jogado para trás ao mesmo tempo em que a arma disparou acidentalmente. Caímos no chão e a arma foi arremessada para longe com a queda. Afonso se levantou e investiu para cima de mim que, ainda deitado, usei meus dois pés para chutá-lo. Ele caiu no chão e nesse momento nós dois percebemos a mesma coisa:

O disparo acidental atingiu Tamiris.

Não sei explicar o que senti naquele momento, ela estava sentada com o corpo escorado na parede, o vestido, outrora claro, tornou-se vermelho e empapado pelo sangue que escorria do seu peito, um pequeno sorriso e lágrimas escorrendo pelas bochechas, traçando uma linha fina em seu rosto. Ao ver a cena, meu coração apertou dentro do peito e pude sentir a bile subindo por minha traqueia, engoli tudo e comecei a me levantar.

Marcos, que havia se levantado quando Afonso me atingiu, continuava parado de pé, atrás do sofá, apenas observando tudo. O advogado correu até sua esposa, ajoelhou ao lado dela e segurou seu rosto com as duas mãos.

— Não, não, não! — ele gritou.

— Eu te amo para sempre — ela disse, entre gorgolejos de sangue.

— Vai dar tudo certo, meu amor, a gente vai sair dessa — Afonso disse, desesperado.

Ela levantou a mão suja de sangue e colocou no rosto dele, deu um último sorriso e, depois disso, seus olhos se fecharam e sua mão caiu, deixando um rastro vermelho desenhado no rosto e camisa de Afonso, que naquele momento chorava como uma criança descontrolada.

Ele a chacoalhava, segurava seu rosto, e por fim abraçou o corpo já sem vida de Tamiris. Eu senti as lágrimas escorrerem por meu rosto também. Por mais que eu tivesse sido enganado e passado para trás por aquela mulher, não conseguia mandar em meus sentimentos.

Em meio a toda confusão, não percebi que na pancada a arma havia sido atirada para perto de Tamiris e estava ao lado de Afonso. Ele se sentou no chão, ao lado do corpo da esposa morta, e enfim percebeu a arma. Em um segundo a arma estava apontada diretamente para mim. Ele se levantou, Marcos estava ao meu lado, mas também sem ter muito o que fazer.

— Eu ia tirar tudo de você, seu miserável, e no fim foi você quem me tirou tudo! — ele disse com o choro parcialmente controlado.

— Eu já fiz muitas coisas erradas em minha vida, mas jamais mataria essa mulher. Queria vê-la apodrecer na cadeia, mas este tiro foi um acidente e você sabe disso — respondi.

— Você quer dizer então que isso tudo foi culpa minha?! — ele gritou.

— Eu quero dizer que ela ter sido atingida foi um acidente. — Por incrível que fosse, eu tinha vontade de me abaixar e pedir para que ela acordasse; essa era a única coisa que eu e Afonso tínhamos em comum, nenhum dos dois aguentava ver Tamiris estendida no chão imóvel e sem vida.

— Você tirou de mim meu irmão e agora minha esposa. Eu não tenho mais nada para amar nesta vida. Parabéns, detetive, agora nós somos iguais!

Afonso apontou a arma diretamente para mim, as lágrimas escorrendo livremente por sua face, fazendo uma trilha pelo sangue que Tamiris havia deixado anteriormente. Sua mão tremia e seu olhar era de raiva e pesar ao mesmo tempo.

Eu olhei para Marcos, que ainda estava imóvel, para o corpo de Tamiris no chão e depois diretamente para Afonso e a arma apontada para mim. A morte era inevitável, nem sempre conseguimos escapar.

Lembro quando ela acordou sorrindo ao meu lado. Mesmo sabendo que havia sido tudo uma mentira, foi bonito. Algumas mentiras nos alegram por algum tempo, até a verdade avassaladora destruir tudo. A vida é assim mesmo, nos dá um pouco para logo depois nos tirar tudo. Foi com essa triste verdade que dei um leve sorriso e deixei escapar mais uma inevitável lágrima.

Decidi apenas aceitar meu destino e fechei os olhos.

Segundos depois ouvi o disparo da arma de Afonso.

CAPÍTULO 42

Senti o cheiro de pólvora e aguardei mais alguns segundos antes de abrir os olhos. Quando os abri, vi o corpo de Afonso estendido ao lado de Tamiris e Alceu. Na parede atrás deles, o sangue compunha uma obra de arte medonha — provavelmente Afonso havia colocado a arma dentro da boca e atirado, como ele estava caído com o rosto virado para mim não pude ver sua nuca, mas a parede me dizia que havia sido exatamente isso que ocorrera.

Lentamente Marcos colocou a mão em meu ombro e eu tomei um susto. Tinha praticamente esquecido que meu gigante favorito ainda estava ali, comigo. Olhei para ele, depois lancei novamente meu olhar para os corpos no chão.

— Vamos sair daqui, Davi. — Marcos também observou os cadáveres.

— Muitas digitais e marcas, precisamos dar um jeito neste lugar antes de sairmos, caso contrário, a coisa vai ficar feia para o nosso lado.

— Tá bom, e o que você sugere?

— Fogo. Vamos queimar esse lugar todo — disse. — É tudo de madeira, vai queimar fácil, eles irão demorar *pra* reconhecer os cadáveres e no fim as digitais terão sido apagadas.

Marcos concordou, então saímos em busca de algo inflamável. Passei por cima dos corpos tentando não pisar em ninguém, meu olhar pairando novamente sobre Tamiris, e senti o peito apertar. Abri a porta que estava atrás dos corpos e saí em uma pequena garagem. Algumas madeiras presas na parede formavam prateleiras e, por incrível que fosse, dois galões de gasolina ficavam sobre um gerador de luz.

A gasolina do gerador caiu como uma luva para a situação. Peguei os dois galões e chamei Marcos. Começamos a espalhar o combustível por todo o local: enquanto Marcos espalhava na casa, eu peguei um dos galões e fui para o galpão, onde eu estava amarrado, e também espalhei por lá.

Quando voltei para a casa, o cheiro de gasolina já era bem forte, olhei para o chão e vi as duas malas que Afonso carregava antes. A curiosidade foi enorme, dirigi-me até elas e peguei as duas, tentei abri-las, mas eram aquelas malas modernas que só podem ser abertas com um código.

Decidi levá-las para descobrir o que havia dentro.

Olhei para Marcos e nossos olhares se cruzaram em confirmação, na mesma hora em que ele acendeu o isqueiro que tirou do bolso, Alceu abriu os olhos, ainda meio zozinho da pancada do carro, lentamente começando a

recobrar a consciência. Marcos, que já estava colocando fogo no pedaço que papel que tinha na mão, deu uma oscilada quando viu o homem se mexer.

Achávamos que ele estava morto, mas como não estava, eu queria mais era que sofresse. Depois de tudo e todos que matou, ele que se *fodesse* e queimasse junto com a casa. Se estava vivo ou morto não me importava mais, eu queria mesmo é que o *filho da puta* tivesse a morte mais dolorosa possível.

Larguei as duas malas no chão e arranquei o papel e o isqueiro das mãos de meu amigo. Se ele não queria se responsabilizar por aquilo, tudo bem, eu não tinha esse problema e, com certeza, minha consciência não ficaria pesada por matar um psicopata. Alceu começou a se levantar, colocou as mãos no joelho para se apoiar e pareceu ainda não ter se dado conta do que estava acontecendo à sua volta.

— Ei, feioso! — gritei.

Ele me olhou ainda sem estar totalmente de pé. Eu ergui no ar o isqueiro e o papel, e em um gesto teatral aproximei os dois e deixei que as chamas comessem a fazer seu trabalho.

— Espero que queime aqui e depois disso, se existir algo, que queime eternamente no inferno — falei e atirei o papel em chamas no chão.

O fogo se espalhou muito rápido e ele não teve tempo de se levantar. Tudo começou a ser tomado em poucos segundos. O brutamontes não gritou, apenas caiu no chão e rolou de um lado para o outro.

Eu peguei as malas e corri para entrar no Siena — que ainda estava parcialmente dentro da casa — junto com Marcos.

Marcos deu marcha ré e liberou a dianteira do carro. Afastamo-nos alguns metros da casa e paramos na estrada de acesso, dali observamos as chamas se apossarem de tudo: a casa, o pavilhão, onde Alceu provavelmente torturava pessoas, e os carros que estavam estacionados no pátio. Por ser longe de tudo, demoraria até alguém percebesse que o local sucumbia pelo fogo.

Os carros explodiram e um show de luzes iluminou a noite; duvido que alguém tenha ouvido as explosões, Afonso era muito discreto, e aquela casa fora providenciada justamente para estes esquemas clandestinos e também para sair um pouco da cidade e passar um tempo relaxando na tranquilidade do campo.

A casa mais próxima ficava a quilômetros dali.

Em silêncio, eu e Marcos nos mantivemos ali por mais alguns minutos observando a dança do fogo. A casa já havia caído e no lugar dela existiam apenas as chamas que logo se apagariam, assim como as vidas que ficaram lá

dentro caídas no chão; não passariam de brasas e poeira.

Marcos ligou o carro e acelerou. Pela estrada de chão seguimos silenciosamente, afastando-nos cada vez mais daquele lugar que cheirava à morte e tentando voltar, enfim, para um lugar onde existisse vida.

CAPÍTULO 43

— E agora, Davi, *pra* onde vamos?

— *Pra* casa, eu só quero me atirar na cama, tomar uma boa dose de remédios e dormir por uns três dias seguidos. Depois disso, começarei a assimilar as coisas, e aí sim verei o que fazer da vida.

— Sabe que ela era uma vagabunda e não merece sofrimento algum seu, né? — Eu sabia que era verdade, mas a cicatriz ficaria guardada por mais um tempo dentro de mim. — Ah, já ia me esquecendo — disse ele, pegando do bolso um celular e me entregando. Era o meu.

— Onde você o encontrou? Aliás, como você me encontrou naquele fim de mundo? — indaguei.

— Seu celular estava no chão ao lado de uma caminhonete, encontrei quando estávamos jogando gasolina no lugar. E foi seu celular que fez com que eu te encontrasse. Você estava estranho na última vez que falou comigo e, te conhecendo, sabia que ia fazer besteira. Quando liguei três vezes e não atendeu, usei o aplicativo de rastreamento para saber onde você estava e o mapa indicou esse lugar no fim do mundo. Aliás, esse lugar nem existe no mapa, é apenas um ponto azul em meio a um verde de floresta.

— E então você decidiu aparecer assim, de surpresa?

— Eu sabia que a *merda* estava feita e que você estava nela até o pescoço. Desde o começo esse Afonso não me cheirava à coisa boa, e você deu vários sinais de que estava caindo na lábia da mulher dele. Te conhecendo bem, sabia que ia acabar em *merda*, ainda mais depois de termos seguido os dois homens naquele bar e de toda a história que você me contou.

A lembrança dos dois homens me levou até Ana, e o pesar que senti foi enorme. Meus olhos automaticamente encheram de lágrimas e abaixei a cabeça em silêncio.

— Aqueles dois homens mataram a Ana — sussurrei.

Marcos me olhava e vi pena em seus olhos, ele conhecia Ana por mim, os dois não tinham um grau de amizade muito alto, mas se davam bem. Nas poucas oportunidades em que estivemos os três juntos, sempre havíamos passado por momentos bons e descontraídos. Eram as duas pessoas que mais importavam para mim, e a dor de saber que Ana já não estava mais neste mundo era imensa.

— Eu sinto muito, Davi — disse, dando um tapinha de leve no meu ombro.

O resto do caminho foi longo e silencioso. Com o tempo, a escuridão

começou a dar lugar às luzes e ao movimento da cidade. Carros iam e vinham, todos alheios aos nossos problemas e preocupados com seus próprios demônios.

Marcos me deixou em frente ao meu carro, que ainda estava no hotel. Olhei para a entrada, vi o tapete vermelho e me lembrei do corpo ensanguentado de Tamiris e da fragilidade da vida. Algumas horas antes, estávamos juntos, acordando em um daqueles quartos e alheios a tudo do lado fora.

Meu parceiro me olhou e decidiu quebrar meus pensamentos.

— Precisa de alguma coisa?

— Apenas minha cama e um tempo para pensar — respondi com um sorriso cansado.

— Então *tá*, descansa.

— Muito obrigado, mais uma vez. — Eu estendi a mão para ele, que a ignorou e me deu um abraço de panda, tirando todo o ar de meus pulmões.

Eu peguei as duas malas e desci do carro de Marcos para embarcar no meu.

Segui para o apartamento.

Abri a porta, deixei as malas no chão e me atirei no sofá. Senti o cansaço me dominar e no momento em que encostei a cabeça nas almofadas adormeci instantaneamente.

CAPÍTULO 44

O som do celular me acordou e não tive ideia de quanto tempo dormi, mas a claridade já inundava o apartamento.

— Alô — disse com a voz sonolenta.

— *Boa tarde, senhor Davi. Sou a Doutora Marta e trabalho no hospital municipal* — disse uma voz um tanto quanto robótica do outro lado da linha.

— Do hospital?! — perguntei de sobressalto, Marcos foi a primeira pessoa que me veio à cabeça na hora. Já estava sentado no sofá.

— *Sim, o senhor conhece Ana Peres? Seu nome está na lista de contatos de emergência dela. Ela foi baleada e trazida às pressas para cá.*

Eu fiquei em silêncio, não conseguia dizer nada, apenas aguardei a voz do outro lado me dar a notícia que eu já sabia. Ouvir Alceu falando era uma coisa, mas do hospital era diferente. A dose de realidade me atingiu em cheio e a ficha começou a cair.

— *Ela perdeu muito sangue, mas conseguimos controlar a hemorragia e estabilizá-la. Ela ficará bem, os tiros não atingiram nenhum órgão vital.*

Algo que não me acontecia com muita frequência tomou conta de mim: a felicidade inundou meu peito. “*Ela estava viva!*” Só conseguia pensar nisso. Os filhos da puta não conseguiram matá-la!

— Muito obrigado! — gritei, já desligando o telefone.

Rapidamente lavei o rosto, escovei os dentes e saí a caminho do hospital. O sol e o relógio definiam que já se passava das 15h no momento em que cheguei ao meu destino. Desci do carro e caminhei o mais rápido possível até a porta de entrada. Neste meio tempo, uma ambulância chegava e de dentro dela saiam enfermeiros com uma jovem deitada em uma maca.

A morte de jovens é algo que nos pega desprevenidos, tanta vida pela frente que é arrancada. Tantos dias, abraços e beijos roubados, a dor daquela partida repentina sem nem mesmo um adeus. A morte queimando e tomando conta de tudo. Para quem fica só restam as cinzas, que não são nada além de uma lembrança dolorosa daquilo que o fogo levou.

Uma senhora com os óculos caídos na ponta do nariz me atende. Perguntei pelo número do quarto de Ana e ela me informou que era o 502. O elevador demorou, então subi pelas escadas. Estava ansioso para ver se era mesmo verdade: quando temos uma ideia já formada de que alguém está morto e outra pessoa liga dizendo o contrário, é preciso ver para crer.

Mil coisas passavam em minha cabeça, inclusive a curiosidade de saber

por que o meu número estava nos contatos de emergência de Ana. Ela era sociável, tinha família e muitos amigos, diferente de mim, que não tinha plano de saúde e nem contatos de emergência. Meu celular tinha apenas três números salvos: Ana, Marcos e uma pizzeria *delivery*.

Percorri o longo corredor do hospital e cheguei em frente ao quarto 502. Meu coração quicando forte em meu peito. Bati levemente na porta e entrei. Vi Ana adormecida com uma tipoia no braço, não consegui ver muito, pois a camisola que vestia cobria praticamente todo o seu corpo.

— Amadores, nem *pra* matar uma mulherzinha — disse sorrindo.

Lentamente ela começou a abrir os olhos e um pequeno sorriso brotou de seus lábios quando me viu. Eu andei em sua direção e lhe dei um abraço, não muito apertado, mas com todo o amor que podia oferecer. Ver minha amiga viva foi o único ato daqueles últimos dias que me trouxe uma felicidade genuína.

De resto, apenas derrotas.

— Cuidado, Davi, estou toda enfaixada. Três tiros não são para qualquer um. E você também não parece ter passado por bons momentos... — Ela apontou para meu rosto, e senti uma pontada no maxilar. Quase tinha esquecido da dor.

— Tudo está resolvido agora. Mas me explica como estou na sua lista de emergência, seus pais ficariam chateados por terem sido trocados por um detetive solitário e amargurado.

— Tenho seu nome desde o tempo em que éramos parceiros, nosso trabalho é perigoso e dependendo do que acontecesse não queria que meus pais fossem os primeiros a me ver. Você tem vários defeitos e é um pé no saco, mas dependendo da situação, seria a melhor pessoa para contar a eles o que havia acontecido comigo. E sei que no fundo, debaixo de toda essa casca grossa, existe um coração enorme — ela disse sorrindo.

— Fala a verdade, você simplesmente queria ver alguém bonito para melhorar seu ânimo no hospital. — Avancei e lhe dei mais um abraço. — Desculpe, é inevitável. Pensei que você estivesse morta.

— Você sabia que eu havia sido atacada? — perguntou, arrumando-se na cama.

— Sim, inclusive, estava preso no banco traseiro de um carro com nosso velho amigo Alceu, que não irá incomodar mais ninguém.

— O que aconteceu de verdade, Davi?

Contei para Ana toda a história sobre Lúcio e Afonso. Sobre a armação

com Tamiris para me atrair, e expliquei por que ela quase fora morta também. Em resumo, falei a respeito da vingança de Afonso sobre quem ele achava ter a ver com a morte do irmão.

Ela ficou de queixo caído e demorou alguns minutos até acreditar em tudo.

— Os dois eram irmãos e nós nunca descobrimos? — perguntou, incrédula.

— Pois é, também fiquei espantado quando soube. Anos investigando o desgraçado e deixamos isso passar.

— Não tínhamos como saber, afinal, ele mesmo disse que os pais nunca assumiram Lúcio oficialmente como filho. O que Afonso tinha por ele era o sentimento de irmão, algo mais forte do que qualquer documento possa comprovar.

Conversamos mais um pouco, contudo algo vinha me incomodando desde que havia chegado ao hospital. Eu precisei saber uma coisa antes de ir embora. Agora que estava tudo explicado e resolvido, decidi fazer a pergunta de um milhão de reais:

— Quem atirou em você?

— Deixa que eu resolvo isso na polícia quando sair daqui, Davi.

— Tudo bem, mas eu preciso saber. Te contei toda a história, o mínimo que você tem que fazer é me contar quem tentou te matar. — Minha expressão era séria e ela percebeu que não iria embora sem saber.

— Foram os mesmos homens que me amarraram e me prenderam naquele pavilhão. Um negro enorme e um careca.

— *Filhos da puta!* — exclamei, levantando-me da cama.

Rapidamente dei um beijo na testa de Ana e me dirigi para a saída do quarto.

— Davi, não vai fazer besteira. Eu resolvo quando sair daqui, vou mandar uma frota inteira atrás desses desgraçados — Ana suplicou, sabendo que não iria adiantar nada.

— Se cuida — disse, seguindo meu caminho.

Os nervos estavam à flor da pele quando saí do hospital. Minhas mãos tremiam e minha cabeça dava voltas; devia ter acabado com eles no dia em que os pegamos no bar com o engomadinho.

Isso é outra coisa que aprendemos com a vida: todas as pontas soltas que deixamos, cedo ou tarde dão um nó que não conseguimos desatar.

Entrei no carro com uma ideia fixa em mente. A vida já havia ferrado demais comigo, e naquele momento era a hora de dar o troco. Chega de

deixar pontas soltas, iria acabar com aquela história de uma vez por todas, ninguém mais iria se ferir por causa daquela confusão.

Dei partida no carro e todas as minhas forças estavam definidas em apenas um ato:

Vingança.

CAPÍTULO 45

Antes de fazer qualquer coisa, fui para casa e tomei um banho pensando em meu próximo passo, mas já tinha tudo definido em minha mente. À noite, iria até o *pub* Coquetel pegar aqueles desgraçados. Depois de tudo o que fizeram, iriam ter o que mereciam. Eles tentaram matar minha amiga que, por um golpe de sorte, estava viva, mas não podia deixá-los fazerem isso com mais ninguém.

Dois homens atirando em uma mulher desarmada chegando em casa, isso não é apenas covardia. Se fizéssemos um gráfico mundial de sentimentos, veríamos que a maldade cresce desenfreadamente enquanto o amor se mantém oscilante. Bom, dois a menos não fariam falta.

Por mais que eu tivesse dormido, ainda me sentia cansado, entretanto meu cérebro estava a mil. Depois do banho me sentei no sofá e vi as malas que peguei de Afonso — havia esquecido totalmente delas. Decidi que era hora de abri-las e ver o que tinha dentro.

Com uma chave de fenda e um martelo, fiz o trabalho de quebrar o fecho da mala de couro; o trinco cedeu e nada mais impedia que eu a abrisse. Não sabia bem se havia ficado espantado ou se já sabia do conteúdo. Maços de notas de cem tomavam conta de toda a primeira mala. Quebrei a segunda e o conteúdo era o mesmo. Nunca em minha vida havia visto tanto dinheiro reunido.

Era óbvio, se ele estava fugindo do país não iria de mãos abanando e, se não quisesse ser encontrado, com certeza utilizaria dinheiro vivo e não cartões. No fundo, eu já sabia o que iria encontrar, mas a curiosidade e o resquício de esperança sempre falavam mais alto.

Se alguém pudesse voar e ver pela janela de meu apartamento, veria um homem adulto sentado no sofá com duas malas e uma quantia de dinheiro maior do que ele jamais ganharia. O que não conseguiria ver era o cérebro desse homem trabalhando e tentando decidir o que fazer com a grana.

Eu estava ferrado financeiramente e aquilo seria uma salvação. De onde vinha o dinheiro? Não dava para saber ao certo, mas de qualquer forma, não devia ter sido de forma ética e correta. Por outro lado, eu tinha pegado Afonso e ele não iria mais importunar ninguém. Independentemente do que acontecesse a partir dali, o dinheiro já estava ali, e infelizmente eu não tinha o poder de mudar o que já havia ocorrido.

Realmente ficar ou não com o dinheiro era um dilema, e se você está me

julgando neste momento pode parar. Todos somos um pouco gananciosos e quase nenhum de nós teve a oportunidade de ter em sua frente duas maletas cheias de um dinheiro que não tem mais dono. Você me julgar é tão errado e falso quanto eu querer ficar com este dinheiro; nós somos humanos, e em nossa essência somos falhos e ruins. Porém, na medida do possível, tentamos ser bons e fazer com que o mundo não se transforme em caos.

20h. Foi um bom tempo pensando no que fazer com o dinheiro até decidir, mas tinha assuntos mais urgentes para resolver. Preparei uma térmica de café e me dirigi para o elevador. Na garagem, abri o porta-malas do carro — por sorte, o trabalho na polícia me deixava ter mais de uma arma.

A antiga estava perdida sabe-se lá onde, esperava que não a encontrassem nos destroços da casa de campo de Afonso, ou teria problemas para resolver. Preferi deixar essa preocupação para mais tarde. Peguei minha arma reserva, coloquei-a na cintura e saí em direção ao *pub*, onde esperava encontrar os dois homens com os quais tinha um acerto de contas a fazer.

Era uma quinta-feira à noite e tudo estava movimentado na cidade, às vezes sentia falta de uma vida normal, uma namorada com quem sair para beber, ir ao cinema, jantar e todo esse clichê. Eu sei que nascemos e morremos sozinhos, independentemente de qualquer coisa, por isso é legal no tempo em que estamos vivos ter alguém para compartilhar os momentos.

Estacionei o carro próximo ao *pub* e tive um *déjà vu* da última vez em que estive ali, da mesma forma, parado e fazendo uma tocaia. Aguardando pacientemente.

Porém, naquela noite não os deixaria escapar.

Não demorou muito para que eu visse os dois homens entrando no local.

— Bingo — sussurrei para mim mesmo.

Abri a térmica de café e usei a própria tampa como xícara improvisada. Ainda teria algumas horas de espera antes que eles saíssem. Estava apenas aguardando, não estava nervoso e nem irracional, apesar de estar com uma raiva imensa dos dois. Em algum momento depois de tudo dar errado, nem mesmo a raiva é capaz de cegar, e é aí que encontramos um sentido na vingança.

E se você está me julgando novamente, pode parar. Espere a história terminar para tirar suas conclusões sobre mim. Não que a sua opinião vá mudar minha vida ou fazer com que meus atos sejam diferentes daqui por diante, mas pelo menos você pode fazer uma força e tentar me entender. Conhecendo a história até aqui você já sabe minhas motivações, agora só

resta aguardar pela conclusão.

CAPÍTULO 46

Já era madrugada quando os dois saiam do *pub*, meio embriagados. O café e a raiva me mantiveram bem desperto, mesmo cansado nem pisquei o olho. O assunto seria resolvido, não dava para postergar. Havia decidido dar um rumo à minha vida: bastava de ser vítima. Porém, antes da mudança, precisava dar um ponto final, como já disse antes, terminar com todas as pontas soltas.

Fiz uma rápida ligação, desci do carro e senti o peso da arma na cintura, ela gerou uma segurança enorme, pois sabia que precisaria dela para o que viria a seguir. Retirei o metal da cintura e coloquei no bolso do casaco. Como já estava esperando, os dois entraram em um dos becos, pegando o caminho mais curto para ir para casa. É como na vida, onde todos querem pegar atalhos para chegar ao sucesso. O que não se dão conta é que o que faz o sucesso é o caminho árduo.

Eu entrei no beco quando eles já estavam alguns metros à minha frente. Eu estava de capuz e a luz era fraca, caminhei com passos pesados para que percebessem, que havia alguém com eles na ruela. O capuz e a luz ajudavam para que não me reconhecessem de imediato. Eles pararam e olharam em minha direção, eu mantive a cabeça baixa e continuei andando, cada vez aproximando-me mais. O próximo passo seria rápido e certo.

— Qual é a tua, irmão, perdeu alguma coisa? — perguntou o careca.

Os dois simplesmente pararam e ficaram esperando que eu chegasse até eles ou simplesmente virasse as costas e saísse. Eles só não esperavam serem surpreendidos como foram no passo seguinte.

Quando cheguei perto o suficiente também parei. Com uma das mãos tirei o capuz ao mesmo tempo em que, com a mão que estava no bolso, saquei a arma. O espanto no rosto deles foi tão rápido quanto os tiros que vieram a seguir.

Dois tiros apenas.

Certeiros.

Os dois no chão contorcendo-se de dor.

Minha ideia inicial era matá-los. Já fui da polícia e sei que a lei é falha, mas independentemente disso, é acreditar que as coisas podem mudar que nos faz humanos. Se eu matasse os dois, estaria de certa forma admitindo a derrota da minha própria humanidade. Seria uma forma de dizer que as coisas não têm mais volta e que devemos fazer justiça com as próprias mãos.

Preferi optar por ter um pouco de esperança, por menor que fosse. Eu ainda achava que a justiça devia ser feita pela polícia, e foi por isso que anos antes eu me tornara policial, simplesmente por acreditar que o mundo pode ser melhor. E no fim das contas, podia ter todos os defeitos do mundo, mas não era um assassino.

Atirei nas pernas, apenas para que ninguém fugisse ou corresse atrás de mim. Olhei para os dois homens no chão com um desgosto que não parava de crescer dentro de mim.

— E aí, pessoal, sentiram saudades? — perguntei com um sorriso no rosto.

Aproximei-me e o *skinhead* tentou pegar minha perna. Atirei na mão dele, que gritou, encolheu-se e puxou a mão ferida para perto do corpo, contorcendo-se novamente.

— Que isso sirva de lição *pra* você também — disse, apontando para o negro, que estava me fitando do chão.

Dei mais alguns passos e comecei a falar, a justificativa era importante. Precisava que eles soubessem por que iriam ser presos.

— Então, minha amiga foi baleada a mando de Afonso. Por incrível que pareça, a descrição dos atiradores bate muito com a de vocês dois, e aqui estamos nós mais uma vez. Vim para lhes dizer que Afonso está fora do jogo e não mandará mais ninguém fazer nada.

— Atiramos naquela vagabunda mesmo! — exclamou o negro.

Outro tiro, na outra perna. Mais uivos de dor.

— Nessa classe, precisamos levantar o dedo para falar, caso contrário, haverá penitências. De qualquer forma, já estamos terminando mesmo, o que vim fazer foi tirar vocês dois da rua e fazer um favor à sociedade.

— Vai se *foder*! — disse o careca.

E lá se foi mais um tiro. Agora os dois estavam com as duas pernas baleadas.

— Eu disse que precisam levantar o dedo para falar. — O sorriso tomava o meu rosto. Não gostava de ver pessoas sofrendo, mas nesse caso, era mais do que merecido.

Continuei andando de um lado para o outro, como um palestrante descarregando o conteúdo para uma plateia lotada. Mas eu não era palestrante, e minha plateia se resumia a dois bandidos da pior espécie possível. Eu olhei para o relógio e, pelos meus cálculos, já havia enrolado o suficiente e a polícia já devia estar chegando.

Fiz uma ligação anônima de dentro do carro dizendo que havia ocorrido

um atrito entre gangues e dois meliantes estavam no chão do beco próximo ao *pub*. Tinha certeza de que assim que os pegassem e vissem a ficha criminal os dois iriam direto para o fundo de uma cela na cadeia. Minha outra certeza era de que quando Ana voltasse a trabalhar iria cuidar pessoalmente para que a estadia dos dois fosse a mais longa e a pior possível.

— Há alguns minutos liguei para a polícia, eles devem estar chegando. Acho difícil algum de vocês conseguir correr e fugir, e caso pensem nisso eu vigiarei. E só para avisar: os próximos tiros não serão nas pernas e mãos. — Fitei os olhos deles e apontei a arma para a cabeça de cada um. — Se algum dia vocês saírem da cadeia e quiserem me procurar, pensem bem, pois eu esperarei, e nosso encontro será muito diferente do de hoje.

Comecei a andar lentamente para fora do beco. O silêncio se fez presente, e tudo o que ouvi foram ecos dos meus próprios passos. Os dois estavam calados apenas observando a cena.

— Tchau, rapazes, espero que a estadia de vocês na cadeia seja satisfatória. — Acenei sem olhar *pra* trás.

Entrei no carro e cerca de trinta segundos depois, vi viaturas da polícia aproximando-se e os policiais entrando no beco. Minutos depois, os dois saíram arrastados. Admito que foi uma delícia vê-los mancando e algemados.

De dentro do carro escuro, novamente sorri e pensei que algumas vezes a justiça pode realmente ser feita.

Girei a chave na ignição e dirigi para casa.

CAPÍTULO 47

DOIS DIAS DEPOIS

Estava sentado com Marcos no *Italian*, com um jornal em mãos e aguardando a comida. Diferente da última manchete que havia lido sobre o suicídio de Lúcio, a manchete do dia era diferente e fazia com que eu sentisse uma pontada de orgulho.

“Instituição que trata de garotas vítimas de abuso recebe doação anônima de quase dois milhões...”.

E a matéria seguia falando sobre duas malas misteriosas que foram deixadas na porta da instituição. Chamei isso de justiça poética. Já mencionei outrora que não dá para salvar o mundo, mas um ato de cada vez e conseguimos torná-lo um pouco melhor, e talvez esse seja o sentido das coisas. De grão em grão, tentar criar algum impacto positivo nas pessoas e fazer com que elas enxerguem que nem sempre as coisas estão perdidas.

A garçonete chegou com nossos pratos, dessa vez, decidi manter o olhar no dela e sorrir. Ela podia estar decepcionada comigo, não retornei o bilhete que ela me entregou no outro dia, mas também não seria justo ter retornado. Agora estava mais leve e decidi deixar o passado para trás e voltar a viver um pouco.

Arrisquei um sorriso mais longo do que o habitual.

Quando ela saiu, Marcos me olhou e deu um sorriso.

— Ah, malandro! — exclamou.

— Chega de passado, vamos viver o presente, meu amigo — respondi, batendo no ombro dele, que sorriu.

Pela primeira vez em muito tempo, almoçamos em silêncio, cada um viajando por seus próprios pensamentos.

Na hora de ir embora, disse para Marcos ir na frente. Esperei algumas pessoas saírem e me dirigi até a garçonete.

— Perdi seu número, o trabalho estava uma loucura e não consegui mais vir aqui falar com você. Só queria pedir desculpas e te convidar *pra* jantar ou tomar alguma coisa... — Dei um sorriso largo e olhei nos olhos dela, que também sorriu. — E aí, o que acha?

— Eu saio daqui às 17h e hoje é minha noite de folga — foi a sua resposta.

Peguei o meu celular e anotei o seu número. Antes de sair, aproximei-me e arrisquei um beijo em seu rosto, ela sorriu e ficou levemente corada. Saí andando lentamente e, com um sorriso no rosto, pensei mais uma vez que a

vida nem sempre é ruim. Tudo é questão do que fazemos com ela, nossas escolhas e pontos de vista.

Homens sempre têm segredos bem guardados e sou pago para descobri-los. Então, antes de mentir ou enganar, lembre-se:

Toda verdade gera consequências.

Sobre o autor



Juliano Furlanetto vive no interior do Rio Grande do Sul, é Coach de

Crossfit e divide seu amor entre o esporte e a literatura. Fã do horror fantástico, do sobrenatural e dos thrillers policiais, é autor do livro “O Pacto” uma coletânea de contos de horror, e participante de antologias também com contos de horror.

Fã de carteirinha de Stephen King e Harlan Coben. Seu primeiro romance policial é uma história cheia de mistério e reviravoltas, o autor preza muito por um enredo bem construído, e adora gerar surpresa no leitor, procurando sempre histórias que tenham um “Plot Twist”.

Portanto a promessa é de que muitas surpresas e reviravoltas virão por aí.

SIGA O AUTOR NO INSTAGRAM

[@JULIFURLA](#)